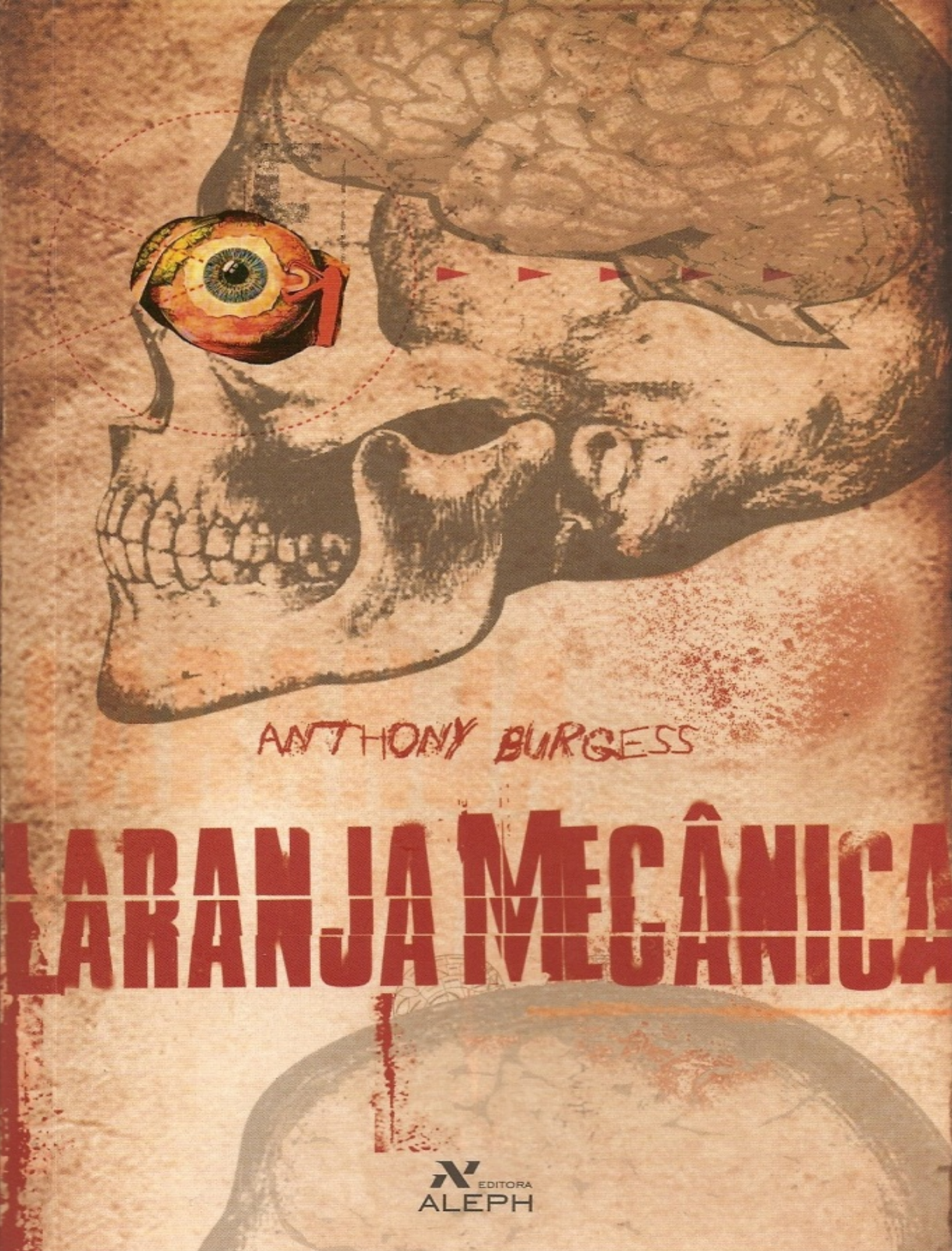
ANTHONY BURGESS
LARANJA MECÂNICA
EDITORA
ALEPH

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.

Anthony Burgess

Laranja Mecânica

Tradução de Nelson Dantas
Título do original: A Clockwork Orange

Introdução

A Laranja Mecânica, é um relato autobiográfico de Alex, um jover inteligente, admirador de Beethoven, sexo, drogas e ultraviolência. Na luta constante para afirmar sua individualidade, das piores maneiras possíveis, (mas o que se pode esperar de um garoto de quatorze anos?). Contra uma sociedade hipócrita, que longe de conseguir resolver suas contradições, se utiliza de métodos repressivos como se pudesse extirpar o "mal", ignorando que esse é inerente ao homem.

"Mais ainda, a ruindade faz parte do ser, do eu, tanto em mim quanto em vocês no odinoque, e este eu é feito por Bog, ou Deus, e é o seu grande orgulho e radoste. Mas o não-ser não pode aceitar o mal, quer dizer, os do governo, os juizes e os colégios não podem permitir o mal porque não podem permitir a individualidade. E não é a nossa História moderna, meus irmãos, a história de bravas individualidades malenques lutando contra essas máquinas enormes? Quanto a isto, meus irmãos, eu estou falando com toda a seriedade. Mas, o que faço, faço porque gosto."

Mesmo Escrito em 1962, notaram alguma diferença com a realidade? Pelo seu conteúdo critico e "profético" da sociedade moderna, Antonhy Burguess, com certeza está no mesmo nível de importância para literatura quanto George Orwell e Aldous Huxley, que provavelmente foram autore que lhe inspiraram. Nascido na Inglaterra em 1917, lutou na 2º Guerra Mundial, o que lhe deu uma boa idéia da brutalidade e selvageria que o homem pode chegar e todas as medidas repressivas e totalitárias que podem vir agregadas em utopias de mundos justos e igualitários.

Sua obra, A laranja Mecânica serviu de inspiração para peças de teatro e o clássico do cinema, dirigido por Stanley Kubrick, o qual ele considera a sua obra-prima.

Não esquecendo de avisar das mais de 200 gírias criadas pelo autor, inspirado em expressões russas e neologismo da língua inglesa. O vocabulário está no final do livro.

PARTE
1

Capítulo 1

- Qual vai ser o programa, hein?

Tinha eu, quer dizer, Alex e meus três drugues, quer dizer, Pete, Georgi e o Tapado, o Tapado sendo realmente tapado, e nós estávamos sentados no Leite-bar Korova, rassudocando o que fazer da noite, num inverno agitado preto e gelado, uma merda, se bem que seco. O Leite-bar Korova era un méssito de tomar leite-com, e vós, ó meus irmãos, já podem ter se esquecido como eram aqueles méssitos, com as coisas mudando tão escorre hoje em dia e todo mundo muito rápido pra esquecer, os jornais também não muito lidos.

Bom, o que vendiam lá era leite com alguma coisa. Não tinham licença pra vender bebida, mas também ainda não tinha nenhuma lei contra prodar algumas das novas véssiches que eles costumavam botar no moloco, de modo que a gente podia pitar ele com velocete, ou sintemesque, ou drencrom, ou uma ou duas outras véssiches que deixavam a gente uns bons e tranqüilos quinze minutos horrorshow admirando Bog e Todos os Seu Bem Aventurados Anjos e Santos no sapato esquerdo, e com luze pipocando dentro do mosgue. Ou se podia pitar leite com facas, como a gente costumava dizer, e isso deixava a gente afiado e pronto pra uma sujeira de vinte-contra-um, e era isso que a gente estava pitando naquela noite com que eu estou começando a hist6ria.

Nossos bolsos estavam cheios de dengue, portanto, não havia realmente necessidade, do ponto de vista de crastar mais tutu, de toltchocar um veque velho qualquer num beco e videar ele nadando no próprio sangue, enquanto a gente contava a féria e dividia por quatro, nem de fazer ultraviolência com alguma trêmula ptitsa estarre de cabelo branco numa loja e aí sair esmecando com o recheio da caixa. Mas, como diz o outro, c dinheiro não é tudo.

Nós quatro estávamos vestidos no rigor da moda que, naquele tempo, eram umas malhas pretas muito justas, com um acolchoado preso as virilhas por baixo da malha, sendo isso pra proteger e também uma espécie de desenho que ficasse visível, havendo uma certa luz, de modo que eu tinha um com formato de aranha, Pete tinha um rúquer (quer dizer, mão), Georgie tinha uma flor muito bacaninha e o coitado do Tapado, um cretinc dum litso (rosto, quer dizer) de palhaço, porque o Tapado não tinha muita noção das coisas e era, sem sombra da menor duvida, o mais tapado de nós

quatro. Depois, a gente estava usando jaquetas cintadas sem lapelas, mas com aqueles enchimentos enormes nos ombros (a gente dizia pletchos) e que eram uma espécie de arremedo de quem tinha os ombros realmente assim. Depois, meus irmãos, a gente estava usando aqueles gravatões largos, feitc lenços, esbranquiçados, que pareciam purê de cartófel, ou batata, com uma espécie de desenho marcado em cima do tecido com um garfo. A gente usava o cabelo não muito longo e calçava botas pesadas horrorshow pra chutar.

- Qual vai ser o programa, hein?

Tinha três devótchecas sentadas juntas no balcão, mas nós, os maltchiques éramos quatro e geralmente o negócio era um por todos e todos por um. As tais gurias também estavam no rigor da moda, de perucas roxas, verdes e cor-de-laranja nos respectivos gúlivers, cada peruca não custando menos do que três ou quatro semanas de trabalho de cada uma delas, pelos meus cálculos, e usavam pintura combinando (quer dizer, arco-íris em volta dos glazes e a rote muito pintada). Depois, elas estavam de vestidos longos pretos, muito lisos e, na altura dos grudes, tinham plaquetas de prata com diversos nomes de maltchiques escritos - Joe, Mike e outros mais. Era pra te Os nomes dos diversos maltchiques com quem elas tinham espatado antes dos catorze anos. Olhavam muito na nossa direção e eu estava com vontade de dizer que nós três (isso seria com o canto da boca, é claro) devíamos dar uma saída pra fazer um pouco de pol e deixar o coitado do Tapado pra trás, porque era só questão de cupetar pra ele um meio litro de branco, mas dessa vez com uma bombada de sintemesque dentro, mas isso não ia ser da regra do jogo. O Tapado era muito feio, que nem o nome dele, mas numa briga suja ele era muito horrorshow e muito bom de bota.

- Qual vai ser o programa, hein?

O tcheloveque sentado ao meu lado, sendo o assento de pelúcia comprido e dando a volta a três paredes, estava muito noutra, com os glazinhos esgazeados e meio engrolando eslovos como "Aristóteles obra peleosso no campo ciclame fica forficulada aguda". Estava mesmo viajando, longe, em órbita, e eu sabia como era o negócio, que eu já tinha experimentado como todo mundo, mas naquela ocasião eu já estava achando que era uma véssiche muito covarde, ó meus irmãos. A gente ficava lá depois de beber o moloco e ai vinha o méssel de que tudo em volta estava como que no passado. A gente videava tudo, sim, tudo muito claro - as mesas, o estéreo, as luzes, as gurias e os maltchiques - mas era assim uma

véssiche qualquer que tinha estado lá, mas já não estava mais. E a gente ficava meio hipnotizado pela bota, ou pelo sapato, ou por uma unha, e ao mesmo tempo era agarrado por três da gola e sacudido como se fosse um gato. Sacudido e sacudido até não ficar nada. Perdia o nome, o corpo, a personalidade, e nem ligava, ficava esperando que a bota ou a unha ficasse amarela, e cada vez mais amarela. Ai, as luzes começavam a estourar como se fossem atônicas e a bota, ou a unha, ou, podia ser, um sujinho nos fundilhos virava um méssito grande, grande, grande, maior do que o mundo todo e a gente ia ser apresentado ao velho Bog, ou Deus, quando tudo tivesse acabado. Depois a gente voltava à terra, aí meio choramingando com a rote toda se preparando prum buaaaaaaa'. Bem, tudo isso é muito agradável mas é muito covarde. A gente foi posto nesse mundo só pra entrar em contato com Deus. Esse tipo de coisa é capaz de esgotar toda a força e toda a bondade de um tcheloveque.

- Qual vai ser o programa, hein?

O estéreo estava ligado e a gente tinha a impressão do que a golosse do cantor estava se mexendo de um lado pro outro do bar, voando pro teto e depois mergulhando de novo e zunindo de parede a parede. Era Berti Laski, rouquejando um sucesso já muito estarre chamado Você Empola a minha tinta. Uma das três ptitsas no balcão, a de peruca verde, estava mexendo com a barriga pra dentro e pra fora, ao ritmo daquilo que chamavam de música. Eu sentia as facas do moloco começar a espetar e já estar pronto pra um pouco de vinte-contra-um. Por isso, berrei: "Fora fora fora fora!" e a rachei o tal veque que estava sentado ao meu lado e joguei ele longe, estalando-lhe uma tapona no uco, ou ouvido, mas ele não sentiu e continuou com o seu

"Ferragens telefônicas e quando o longicúlulo ficar ratatatatá". Ele ia sentir direitinho quando ficasse bom, de volta da viagem.

- Fora pra onde? - disse Georgie.

- Ah, só pra andar um pouco - disse eu - e videar o que é que pinta no horizonte, ó meus irmãozinhos.

Então a gente se mandou pela grande nótchi de inverno e caminhou descendo o Marghanita Boulevard, depois virou na Boothby Avenue e lá a gente encontrou bem o que estava procurando, um passatempozinho malenque pra começar a noitada. Tinha um veque estarre, tremulo, com pinta de professor, de óculos, a rote aberta pro ar frio da nótchi. Tinha livros debaixo do braço e um guarda-chuva sebento e estava dobrando a esquina

da Bíblio Pública que muito poucas líudes freqüentavam naquele tempo. Na verdade, nunca se via muita pinta de burguês velho nas ruas, naquele tempo, depois do cair da noite, assim com a escassez de policia e nós os jovens maltchiquezinhos à solta, e aquele velho com pinta de professor era o único andando na rua inteira. Então nós gulhamos em direção a ele, muito corteses, e eu falei:

- Com licença, irmão.

Ele pareceu um malenque pugle quando videou nós quatro saindo assim tão silenciosos e corteses e sorrindo, mas falou: - Sim? o que é? - com uma golosse alta, de professor, como se estivesse tentando nos mostrar que não estava pugle. Ai, eu falei:

- Vejo que o senhor está com livros debaixo do braço, irmão: é realmente um raro prazer, nos dias que correm, cruzar com alguém que ainda lê, irmão.

- Ah - disse ele todo trêmulo. - É mesmo? Ah, sei. - E continuava olhando de um para o outro de nós quatro, se sentindo agora como que no meio de um quadrado, todo assim muito sorridente e cortês.

- É - disse eu. - Me interessaria muitíssimo, irmão, se tivesse a bondade de me deixar ver que livros são esses que o senhor tem debaixo do braço. Não há nada de que eu goste mais neste mundo do que de um bom livro sadio, irmão.

- Sadio - disse ele. - Sadio, hein? - E aí Pete esquivatou os três livros dele e distribuiu bem escorre. Sendo três, cada um de nós tinha um livro pra videar, com exceção do Tapado. O que estava comigo se chamava Cristalografia Elementar, então eu abri e falei: - Excelente, realmente de primeira classe - sempre virando as paginas. Ai, eu disse, com uma golosse muito chocada: - Mas, o que é isso aqui? Que eslovo sujo é esse? Eu fico ruborizado só de ver essa palavra. Você me decepciona, irmão, realmente me decepciona.

- Mas... - tentou ele - mas, mas...

- Veja - disse Georgie -, isto aqui é o que eu chamo de coisa imunda. Tem uma palavra que começa com um "f" outra que começa com um "c" . - Ele estava com um livro chamado o Milagre do Floco de Neve.

- Ih - disse o coitado do Tapado, esmotando por cima do ombro de Pete e engrossando demais, como sempre -, aqui conta o que ele fez com ela e tem fotografia e tudo! Puxa - disse ele - você não passa de um velho lelé da cuca, que só pensa em sujeira.

- Um velho da sua idade, irmão - disse eu, e comecei a rasgar o livro que

estava comigo e os outros fizeram o mesmo com os que tinham nas mãos, o Tapado e Pete fazendo cabo-de-guerra com O Sistema Romboédrico.

O estarre com pinta de professor começou a critchar: - Mas não são meus, pertencem a municipalidade, isto é deboche e vandalismo! - e uns eslovos assim. E ele mesmo tentou arrancar os livros da gente, o que foi assim patético. –Você está precisando de uma lição, irmão - disse eu -, lá isso está.

O tal livro de cristais que estava comigo tinha uma encadernação muito sólida e era duro de rasrezar em pedaços, porque era muito estarre e feito no tempo em que as coisas eram feitas assim pra durar, mas eu consegui arrancar as páginas e atirar aos punhados como se fossem flocos de neve, só que grandes, em cima do velho que critchava, e os outros fizeram a mesma coisa com os deles, o Tapado só dançando em volta, que nem o palhaço que era. – Pronto - disse Pete -, taí a carne do cozido pra você, seu porco, leitor de sujeira e indecência.

- Ah, seu velho safado - disse eu, e ai a gente começou a toltchocar ele. Pete segurou-lhe os ruqueres e Georgie escancarou-lhe a rote, e ai o Tapado arrancou de lá de dentro os zubes postiços, os de cima e os de baixo. Jogou tudo na calçada e eu comecei a moê-los a botinadas, se bem que fossem duros paca, feitos que eram assim de algum novo troço de plástico horrorshow. O veque velho começou a fazer uns chumes resmungando - uuf, uaf, uof - por isso Georgie largou os gúberes dele e mandou-lhe um murro na rote desdentada com seu mãozão cheio de anéis, e isso fez o veque velho começar a gemer à beça, aí é que começou a sair o sangue, meus irmãos, uma beleza. Ai, a gente só fez foi arrancar as pletes externas dele, deixando ele de colete e ceroulas (muito estarres; o Tapado quase estourou de tanto esmecar). Pete deu-lhe um lindo chute na pança e então nós largamos ele. Ficamos meio cambaleando, que realmente não tinha sido um toltchoque tão pesado assim, fazendo ah ah ah, sem saber o que era aquilo tudo, ainda gozamos ele um bocado e depois revistamos os bolsos dele, enquanto o Tapado dançava em volta com o guarda-chuva sebento, mas não tinha grande coisa nos bolsos. Tinha umas cartas estarres, algumas datando lá de 1960, com "Meu muito querido" escrito em cima e aquela tchipuca toda, e um chaveiro e uma caneta estarre vazando. O Tapado parou com a dança da sombrinha e, é claro, tinha que começar a ler uma das cartas em voz alta, assim pra mostrar pra rua vazia que sabia ler.

"Meu bem-ama-do", recitava ele com a sua golossezinha mais aguda. "Vou ficar pensando em você enquanto você estiver ausente e espero que

você se lembre de se agasalhar bem quentinho quando sair a noite." Ai, soltou um esmeque muito chumento - ah ah ah -, fingindo limpar o iama com a carta.

- Tá bom - disse eu -, vamos embora, ó meus irmãos. Nas caças do ta veque estarre tinha só um malenquezinho de cortador (dinheiro, quer dizer) - não mais do que três golhes - por isso a gente jogou a titica das moedinhas dele pro alto, já que era mixaria perto da quantidade de tutu que a gente já tinha. Então, quebramos o guarda-chuva dele, rasrezamos as suas pletes e jogamos tudo aos ventos que sopravam, meus irmãos, e aí, pra nós estava encerrada a nossa história com o veque estarre com pinta de professor. Sei que a gente não tinha feito grande coisa, mais era assim só o começo da noite e não peço desculpas a vós e vós outros por isso. As facas do leite-com estavam picando gostoso e horrorshow, agora.

A próxima coisa a fazer era a ação sâmie, que era uma forma de descarregar uma parte do nosso cortador, assim pra gente ter mais um incentivo pra crastar alguma loja, ao mesmo tempo que era um modo de um álibi, por isso nós fomos ao Duke of New York, na Amis Avenué, e lá, muito aconchegadas, estavam três ou quatro babúchecas velhas pitando a sua cerveja preta por conta do AE (Auxílio Estatal). Agora, nós éramos un maltchiques muito bonzinhos, sorrindo muito simpatiquinhos pra todos e todo o mundo, se bem que as barcaças velhas enrugadas começassem a ficar todas sacolejando, as rúqueres cheias de veias tremendo em volta dos copos, derramando a espuma na mesa. "Deixem a gente em paz, meninos", disse uma delas, a cara parecendo um mapa, que ela tinha mil anos, "nós somos só umas velhas." Mas a gente só botou os zubes pra brilhar flash flash flash, sentou, tocou a campainha e ficou esperando o garçom chegar. Quando ele chegou, todo nervoso e esfregando as mãos no avental gredzento, nós pedimos quatro veteranos - sendo veterano uma mistura de rum com conhaque e cerveja, muito em voga na época, alguns gostando de uma pitada de lima dentro, que é a variante canadense. Aí eu disse pro garçom:

- Dá aí pra essas pobres babúchecas velhas alguma coisa que alimente. Uma rodada de escocês duplo e alguma coisa pra levar. - E despejei todo o dengue do meu bolso em cima da mesa inteira, Os outros três fazendo o mesmo, ó meus irmãos. Trouxeram ouro-em-brasa pras assustadas barcaças estarres e elas não sabiam o que fazer nem dizer. Uma delas conseguiu um "obrigada, rapazes", mas via-se que elas estavam pensando que vinha alguma sujeira pela frente. De qualquer jeito, cada uma ganhou uma garrafa

de general ianque, quer dizer, conhaque, pra levar pra casa e eu deixei dinheiro pra mandarem entregar a cada uma delas uma dúzia de cerveja preta na manhã seguinte, elas deixando os seus endereços fedorentos de tchinas velhas no balcão. Depois, com o cortador que sobrou, a gente comprou, meus irmãos, tudo quanto era pastelão de carne, rosquinha, pastel de queijo, batata frita e barra de chocolate que tinha dentro do méssito. AÍ a gente falou: "A gente volta numa minuta", e as ptitsas velhas ainda estavam dizendo "obrigada, rapaziada" e "Deus abençoe vocês, meninos", e a gente já estava saindo sem um centavo de cortador nos nossos cármans.

- A gente fica se sentindo muito dobe, isso fica - disse Pete. Podia-se videar que o Tapado, o tapado, não estava poniando bem nada daquilo, mas não falava nada de medo de ser chamado de glupe e abilolado da cuca. Bom, aí nós nos mandamos, dobrando a esquina da Attlee Avenue, e tinha aquela loja de doces e canceres ainda aberta. A gente tinha deixado aquela em paz durante quase três meses já, e o bairro todo tinha andado, no geral, muito sossegado, por isso os milicentes armados e as patrulhas de rodzes não andavam muito por lá, ficando mais pro norte do rio, naquela época. Nós pusemos as mascarinhas, um troço novo que era muito horrorshow - de fato, maravilhosamente feitas; eram assim caras de personagens históricos (eles diziam os nomes quando a gente comprava) e eu tinha Disraeli, Pete tinha Elvis Presley, Georgie tinha Henrique VIII e o coitado do Tapado tinha u veque poeta chamado Pebe Shelley; eram assim um disfarce perfeito, cabelo e tudo, e feitas de uma véssiche plástica muito especial, de modo que a gente podia enrolar depois de usar e esconder na bota - então três de nós entramos, Pete ficando de tchasso do lado de fora, não que tivesse perigo nenhum por aquele lado. Assim que a gente aterrissou na loja foi direto pro Slouse, que era o dono, um vequezão cor de geléia de vinho do porto, que viu logo o que estava pra acontecer e foi direto pro interior da loja, onde ficava o telefone e, talvez, a sua púcheca bem azeitada, completa, com seis baitas rodelas dentro. O Tapado rodeou o balcão, escorre que nem um passarinho, jogando pro alto pacotes de tabaco e rachando um cartaz de uma garota com os zubes todos faiscando pra freguesia, os grudes quase caindo pra fora, pra anunciar alguma nova marca de câncer. O que se conseguiu videar então foi uma espécie de bolão grande rolando pro interior da loja, por trás da cortina, e eram o Tapado e o Slouse atracados numa luta de morte. Então, podia-se esluchar roncos e respiração ofegante e pontapés por trás da cortina e véssiches caindo e palavrões e depois vidro fazendo

crache crache crache. A Dona Slouse, a mulher dele, estava meio congelada atrás do balcão. Percebia-se que ela bem que queria critchar "assassino" se tivesse uma chance, por isso eu me mandei pra trás do balcão muito escorre e agarrei ela, um pãozão muito horrorshow, toda niucando a perfume e com aqueles grudes moles e tremelicando. Grudei o rúquer em cima da rote dela pra evitar que ela começasse a bradar morte e destruição aos quatro ventos dos céus, mas a cachorra daquela senhora me tacou uma dentadona traiçoeira e quem deu o critche fui eu, ela botou a boca no mundo chamando os milicentes.

Bom, aí ela teve que ser devidamente toltchocada com um dos pesos da balança e, depois, uma boa caquerada com um pé-de-cabra que eles usavam pra abrir caixas e aí o vermelho apareceu, como se fosse um velho amigo. Aí, a gente jogou ela no chão e rasgou as pletes dela, só de brincadeira, e umas botinadazinhas pra parar com os gemidos. E videando ela caída ali no chão, eu pensei se fazia ou não, mas isso ficou pra mais tarde naquela noite. Aí, limpamos a caixa e naquela nótchi teve uma féria horrorshow e a gente ficou com maços de algumas das melhores marcas de câncer pra cada um de n6ó e lá fomos nós embora, ó meus irmãos.

- Grande e pesadão que o sacana era - repetia o Tapado. Eu não estava gostando do aspecto do Tapado; estava sujo e descomposto, como um veque que tivesse brigado, e ele tinha, é claro, mas a gente não deve nunca parecer que brigou. A gravata parecia que tinham sapateado em cima, a mascarinha dele tinha sido arrancada e ele estava com sujo de chão no litso, então a gente levou ele prum beco e ajeitou ele um malenquezinho, molhando Os nossos tachetuques no cuspe pra tchistar fora a sujeira. As coisas que a gente tinha que fazer pelo Tapado. Voltamos pro Duke of New York bem escorre e, pelo meu relógio, calculei que a gente não tinha se ausentado mais de dez minutos. As babuchecas velhas estarres ainda estavam lá, com a cerveja preta e os escoceses que a gente tinha pago pra elas, e a gente falou: "Como é, garotas, o que e que vai ser?" E elas começaram de novo com aquilo de "vocês são muito bonzinhos, rapazes, Deus abençoe vocês, meninos", e a gente tocou a colócol que trouxe um garçom novo dessa vez e pedimos cerveja com rum dentro, que a gente estava morrendo de sede, meus irmãos, e mais o que as ptitsas quisessem. Então eu disse pras babuchecas velhas: - A gente não saiu daqui, saiu? A gente ficou aqui o tempo todo, não ficou? - Elas pegaram a idéia muito escorre e falaram:

- É isso mesmo, rapazes. Não sumiram da nossa vista, não. Deus abençoe

vocês, moçada bebendo.

Não que tivesse muita importância não, realmente. Passou por volta de meia hora antes que os milicentes dessem sinal de vida; e depois, foram só dois rodzes muito moços que entraram, muito vermelhos debaixo dos seus enormes chilemes de meganhas. Um falou: - Alguém desse bando aí sabe alguma coisa sobre o que aconteceu esta noite na loja do Slouse?

- Nós? - disse eu inocente. - Por que, o que que aconteceu?

- Roubo e violência. Duas baixas no hospital. Onde foi que você estiveram hoje a noite?

- Eu não vou com esse tom impertinente - disse eu. - Eu não dou pelota pra essas insinuações impertinentes. E coisa que denota um temperamento muito desconfiado, meus irmãozinhos.

- Eles ficaram aqui a noite toda, moço - começaram a critchar as coroas. - Deus que Os proteja, não tem nenhuma turma de rapazes que viva com tanta bondade, com tanta generosidade. Eles ficaram aqui o tempo todo, sim. Ninguém viu eles se mexerem daqui.

- Nós tamos só perguntando - disse o outro milicente moço. - Nós temos nossa obrigação a fazer, como todo mundo. - Mas nos deram uma olhada dura de advertência, antes de sair. Quando eles iam saindo, nós os brindamos com algumas trombetadas labiais: prrrrrrzzzzzz. Mas eu, por mim, não podia deixar de sentir um pouco de desapontamento diante das coisas, do jeito que elas andavam naquele tempo. Nada pra enfrentar mesmo, no duro. Tudo sopa que nem uma lambida nos cherres. Mas, enfim, a noite ainda era uma criança.

Capítulo 2

Quando a gente chegou do lado de fora do Duke of New York, videou perto da ampla vitrina iluminada do bar principal, um velho piânitsa, ou pau-d'água, cantando aos berros as porcarias das canções dos seus antepassados e fazendo bé bé bé nos intervalos, como se tivesse uma porcaria duma orquestra antiga nas suas podres tripas fedorentas. Uma véssiche que eu nunca pude suportar era isso. Eu nunca pude suportar ver um mudge todo imundo e cambaleando e arrotando e bêbedo, fosse qual fosse a idade, mas muito especialmente quando era bem estarre como aquele ali. Ele estava meio achatado contra a parede e suas pletes estavam uma vergonha, todas amarrotadas e desalinhadas, cobertas de quel, de lama, de lixo e de imundície. Então a gente pegou ele e rachou logo com alguns toltchoques horrorshow, mas ele continuou cantando. A canção dizia: E eu voltarei para o meu amor, meu amor,

Quando o meu amor for embora.

Mas quando o Tapado punhou ele umas duas vezes na rote imunda de bêbedo, ele parou de cantar e começou a critchar: - Continuem, acabem comigo, seus covardes filhos da puta, que eu não quero viver mesmo, não num mundo fedido como esse! - Aí eu falei pro Tapado parar um pouco, que as vezes eu me interessava em esluchar o que e que aqueles decrepes estarres tinham a dizer sobre a vida e o mundo. Eu falei: - Ah, é? E porque é fedido?

Ele exclamou: - o mundo esta fedido porque deixam os moços baterem nos velhos, como vocês fizeram, e não existe mais lei nem ordem. - Ele estava critchando alto e balançando os ruqueres e fazendo um verdadeiro horrorshow com os eslovos, só um blurp blurp esquisito saindo das suas quíchecas, como se alguma coisa estivesse em órbita dentro dele ou como se algum mudge muito sem educação ficasse interrompendo ele fazendo um chume, de modo que o veque velho ficava assim como quem está ameaçando com os punhos, bradando: - Isto não é mais mundo pra quem é velho, por isso eu não tenho medo nenhum de vocês, seus criançolas, porque estou de porre demais pra sentir alguma dor quando vocês me batem, e se vocês me matarem, eu vou morrer muito contente. - Nós esmecamos e depois sorrimos, mas não dissemos nada, ai ele falou: - Que diabo de mundo é esse, afinal? Tem homem na lua e homem rodando no

espaço que nem mosca em volta da lâmpada, mas ninguém obedece mais à lei nem à ordem aqui embaixo. Por isso, o pior que vocês possam fazer, façam, seus desordeirinhos covardes de merda. - Depois, nos mandou uma trombetada com os lábios, prrrrrrzzzzzz, que nem a gente tinha feito pros milicentes moços, e aí começou a cantar de novo:

Oh minha terra amada, lutei por ti,

Dou-te a paz e a vitória que consegui...

Então a gente partiu pra rachar ele que foi uma beleza, sorrindo com o litso inteiro, mas ele continuava a cantar. Aí, nós cobrimos ele de pisadas, até que ele ficou deitado mole e pesado e um balde de vômito de cerveja saiu espirrando. Isso foi nojento, por isso a gente botinou ele, um de cada vez, e aí foi sangue, e não cantoria nem vômito, que saiu da sua rote velha e imunda. Depois a gente seguiu caminho.

Foi lá por perto da Usina Elétrica Municipal que nós cruzamos com Billyboy e seus cinco drugues. Ora, naquele tempo, meus irmãos, a enturmação era principalmente a quatro ou cinco, constituindo uma equipe motorizável, quatro sendo um numero cômodo pra caber num carro e seis o limite máximo pra uma quadrilha.

As vezes as quadrilhas se juntavam pra formar exércitos malenques pras grandes guerras noturnas, mas geralmente o melhor era vagar assim em pequenos números. Billyboy era algo que me dava vontade de vomitar, só de videar o seu litso gordo sorridente, e ele estava sempre com aquele vone de óleo muito rançoso, depois de usado pra fritar muitas e muitas vezes, mesmo quando botava as suas melhores pletes, como naquela hora. Eles videaram a gente do mesmo jeito que a gente videou eles, e agora a gente estava assim se vigiando uns aos outros, muito parados. Essa ia ser de verdade, essa ia ser pra valer, essa ia ser a noje, a uze, a britva, e não só na mão e na bota. Billyboy e seus drugues pararam o que estavam fazendo, que eles iam começar a executar alguma coisa em cima de uma jovem devótcheca que chorava e estava no meio deles, dez anos, não mais, critchando mas ainda de pletes no corpo, Billyboy segurando ela por um ruquer e o seu número-um, Leo, segurando o outro. Provavelmente estavam só fazendo a parte do espetáculo correspondente aos eslovos feios, antes de chegar a uma ultraviolenciazinha malenque. Quando eles nos videaram vindo, largaram a tal ptitsazinha buuuuuuu, que não tinha nada de especial, e ela correu, as perninhas brancas e finas faiscando na escuridão e ainda fazendo "ai ai ai". Eu disse, com um sorriso muito largo e druguei: - Com que então trata-se do

bode Billyboy im p'soua, gordo e fedorento? Como ides vós, ó untuosa garrafa de óleo de batata frita barato e fedido? Vem, pra levar uma nos iarbos, se é que os tendes, ó tu, geleia de eunuco! - Aí, começou.

Nós éramos quatro contra seis deles, como eu já indiquei, mas o Tapado, com toda a sua tapadice, valia por três ou quatro deles, de pura loucura e golpe baixo. o Tapado tinha um horrorshow de comprimento de uze, ou corrente, em volta da cintura, enrolada em duas voltas, e aí ele desenrolou ela e começou a rodar que era uma beleza, pra acertar nos olbos ou glazes. Pete e Georgie tinham umas boas nojes afiadas e eu, por meu lado, tinha uma ótima britva de degolar estarre muito horrorshow, que naquele tempo eu sabia botar pra brilhar e faiscar que nem um artista. Portanto, lá estávamos nós dratsando no escuro, a velha Luna com os homens acabando de chegar nela, as estrelas dando cutiladas, como facas ansiosas pra entrar na dratsa. Com a minha britva, consegui cortar de cima a baixo a frente das pletes de um dos drugues do Billyboy, com uma limpeza total, sem sequer tocar no plote por baixo do pano. Então, em plena dratsa, esse drugue do Billyboy viu-se de repente todo aberto, que nem uma ervilha, com a barriga nua e os pobres iarbos a mostra, e aí ele ficou muito rasdraz, acenando e gritando e abrindo a guarda e deixando o Tapado entrar com a sua corrente silvando que nem uma cobra, znisssssshhhhhh, de modo que o Tapado acertou ele bem nos glazes e o tal drugue do Billyboy sai estrebuchando e berrando como se fosse botar o coração pela boca. A gente estava se dando muito horrorshow, e logo tinha o número-um do Billyboy no chão, cegado pela corrente do Tapado, uivando e rastejando que nem um bicho, mas com uma boa botinada no gúliver ele foi apagando e apagando e apagando.

De nós quatro, como de habito, o Tapado foi quem ficou em pior estado, do ponto de vista da apresentação, e as pletes eram uma sujeira só, mas nós, os outros, estávamos ainda fresquinhos e compostos. Era o gordo fedorento do Billyboy que eu queria agora, e lá estava eu dançando com a minha britva como se fosse um barbeiro a bordo de um navio em mar muito violento, tentando atingi-lo em cheio com umas boas navalhadas no seu litso sujo e sebento. Billyboy estava de noje longa, de mola, mas era um malenquezinho lento, movimentos pesados demais pra vredar alguém mais seriamente. E, meus irmãos, pra mim era uma verdadeira satisfação valsar - esquerdo, dois três, direito, dois três - e talhar bochechinha esquerda e bochechinha direita, de modo que pareciam escorrer assim duas cortinas de sangue ao mesmo tempo, uma de cada lado do focinho dele, sujo e oleoso, sob a luz hibernal

das estrelas. o sangue corria como cortinas vermelhas, mas se videava que o Billyboy não sentia coisa alguma e continuava lenhando que nem um urso sujo e gorducho, futucando na minha direção com a sua noje.

Aí a gente esluchou as sirenes e ficou sabendo que os milicentes estavam chegando, com púchecas saindo pelas janelas das viaturas, de prontidão. A tal devótcheca chorona devia sem dúvida ter dado o serviço pra eles, porque tinha uma caixa de alarme pra chamar Os rodzes não muito longe, atras da Usina Elétrica. "Vos pegarei breve, não temais", exclamei eu, "bode fedorento. Vou cortar-vos Os iarbos lindo lindo!" E lá se foram eles correndo meio lentos e ofegando, pro norte, em direção ao rio, e nós fomos pro outro lado. Logo depois da primeira virada tinha um beco, escuro e vazio, com saída pelos dois lados, e nós descansamos lá, ofegando rápido, depois mais lento e depois respirando assim normal. Era como repousar entre as raízes de duas serras magníficas e enormes, que eram os edifícios, e nas janelas de todos os apartamentos videavam-se luzes azuis dançando. Isso era as televisões. Naquela noite tinha o que eles chamavam de transmissão mundial, querendo dizer que o mesmo programa estava sendo videado por todos que quisessem ver, no mundo inteiro, e eram principalmente as líudes de meia-idade e da classe média.

Devia ser algum imbecil dum tcheloveque cômico famoso, ou algum cantor preto, e estava tudo sendo quicado de volta à terra pelos satélites especiais de TV no espaço sideral, meus irmãos. A gente esperou ofegando e podia esluchar os milicentes sirenando e indo pra leste e sabendo que agora estava tudo certo. Mas o coitado do Tapado continuava a olhar pras estrelas e pros planetas e pra Luna, de rote aberta que nem um garoto que nunca tivesse visto nada daquilo antes, e aí ele falou:

- O que é que tem lá, isso é o que eu fico pensando. O que é que tem naqueles troços lá?

Eu lhe dei um baita safanão, dizendo: - Vamos, glupe babaca. Não fique pensando neles. Haverá vida como aqui embaixo, muito provavelmente, com uns levando facada e outros dando facada. E agora, com a nótchi ainda molodói, sigamos nosso caminho, ó meus irmãos. - Os outros esmecaram com essa, mas o coitado do Tapado olhava pra mim muito sério, depois pras estrelas e pra Luna. Então nós seguimos o nosso caminho pelo beco, com a transmissão mundial azulando os dois lados. O que a gente precisava agora era de um carro; por isso, saindo do beco, dobramos à esquerda, sacando logo que a gente estava no Priestley Place, assim que videamos a grande estátua

em bronze de um poeta estarre qualquer, com o beiço superior que nem de macaco e um cachimbo metido na velha rote despencado. Seguindo pro norte, chegamos ao Filmódromo, velho, imundo, todo descascado e caindo aos pedaços, já que ninguém ia muito lá, a não ser maltchiques como eu e meus drugues, mas ai só pra fazer gritaria ou um rasrez, ou pra um pouco de entra-sai-entra-sai no escuro.

Videavapelo cartaz na fachada do Filmódromo, iluminado por um par de refletores sujos de cocô de mosca, que o programa era briga de caubói, com os arcanjos do lado do xerife federal dos EUA dando seis tiros no ladrões de gado saídos das legiões de combate do inferno, o tipo de véssiche cretina e devassa fabricada pela Estadofilme naquela época. Os carros estacionados perto do cinema não eram todos tão horrorshow assim, a maioria umas véssiches muito estarres e esculhambadas, mas tinha um Durango 95 ainda novo que eu achei que servia. Geogie tinha uma daquelas policlefes - como eram chamadas - no chaveiro, portanto, bem depressa a gente estava a bordo - o Tapado e Pete atrás, dando senhoras tragadas nos respectivos cânceres - e eu liguei a ignição e dei a partida, no que o carro roncou que foi um horrorshow; dando uma sensação quente, gostosa e vibrante que fazia roncar as tripinhas. Aí, afundei o noga, o corpo da gente recuou lindo e ninguém videou a gente saindo.

A gente ficou traquinando durante algum tempo no que chamavam de subúrbio, assustando veques e tchinas que atravessassem a rua, correndo em ziguezague atrás de gatos e coisas assim. Depois pegamos a estrada pra leste. Não havia muito tráfego, portanto eu continuava afundando o noga quase até furar o chão do carro e o Durango 95 comia estrada que nem espaguete. Logo logo já eram as árvores de inverno e a escuridão, meus irmãos, num campo preto, e num determinado lugar eu avancei em cima de um troço grande que tinha uma rote cheia de dentes rosnando em frente dos faróis, e logo a coisa berrava e se esborrachava embaixo e o Tapado, no banco de trás, riu de estourar - ho ho ho - com isso. Aí, nós vimos um maltchique e sua guria fazendo lubilúbi embaixo de uma árvore, então paramos, aplaudimos e partimos pra cima dos dois e, com um par de toltchoques sem muito entusiasmo, botamos ambos pra chorar e fomos embora. O que a gente estava procurando agora era a velha visita-surpresa. Esse negócio era uma graça, e proporcionava bons esmeques e lances de ultravioleta. Chegamos finalmente a uma espécie de lugarejo, e logo na entrada desse lugarejo tinha uma casinha isolada, com o seu jardinzinho. A Luna estava bem a pino

agora, e a gente podia videar a tal casinha nitidamente, enquanto eu parava o carro e puxava o freio, os outros três dando risadinhas que nem bezúmines, e a gente podia videar que o nome no portão da casinha era LAR, um nome muito do glupe. Eu saí do carro ordenando aos meu drugues que parassem com os risinhos e fingissem de sérios, abri o portão malenque e caminhei até a porta da frente. Bati muito de levezinho e ninguém atendeu, então eu bati um pouco mais e dessa vez esluchei alguém vindo, depois puxaram uma tranca e a porta abriu polegada, e eu videei aquele glaze olhando pra fora, pra mim, e a porta tinha uma correntinha. "Sim? Quem é?" Era uma golosse de guria, uma devótcheca mocinha, pelo som, e então eu falei, com uma pronúncia muito refinada, uma verdadeira golosse de cavalheiro:

- Desculpe, minha senhora, sinto muito incomodá-la, mas meu amigo e eu saímos para passear e meu amigo se sentiu mal de repente, teve um mal súbito e agora está lá, na estrada, duro no chão e gemendo. Poderia ter a bondade de me deixar usar o seu telefone para chamar uma ambulância?

- Nós não temos telefone - disse a devótcheca. -Sinto muito, mas não temos. O senhor vai ter que procurar em outro lugar. - De dentro da casinha malenque eu podia esluchar o claque claque cláquete claquelaque de algum veque batendo à máquina, e aí as batidas pararam e veio a golosse do tcheloveque indagando: "O que é, meu amor?"

- Bem, - disse eu -, a senhora poderia ter a bondade de dar um copo d'água para ele? Sabe, é como um desfalecimento. Foi como se ele tivesse perdido os sentidos, como um desmaio.

A devótcheca teve uma meia hesitação e então falou:

"Espera aí." Então desapareceu, e meus três drugues já tinham saído do carro quietinhos e se esgueirado horrorshow, furtivamente, e agora colocavam as mascarinhas e eu também coloquei a minha; agora era só questão de enfiar o rúquer e desprender a correntinha, que eu já tinha amaciado a devótcheca com a minha golosse de cavalheiro, de jeito que ela não fechasse a porta, como devia ter feito, sendo nós desconhecidos na noite. Nós quatro entramos com estardalhaço, o Tapado bancando o chute, como sempre, pulando pra cima e pra baixo e cantando eslovos feios, e era uma casinha malenque muito bonitinha, isso eu vou dizer. Entramos todos esmecando no quarto de luz acesa e lá estava a devótcheca meio se encolhendo, uma guriazinha jovem e bonitinha, com grudes muito horrorshow, e com ela estava o tcheloveque que era o mudge dela, também

de aparência juvenil, usando óculos de aro de tartaruga, e em cima duma mesa tinha uma máquina de escrever e muito papel espalhado por tudo quanto era lugar, mas tinha assim uma pilha de papel, como se fosse a que ele já havia batido, portanto lá estava outro cara do tipo inteligente, de tipo chegado a livros, como aquele com que a gente tinha traquinado algumas horas antes, mas esse agora era um escritor, não um leitor. Mas aí ele falou:

- O que é isso? Quem são vocês? Como é que se atrevem a entrar na minha casa sem permissão? - e o tempo todo a sua golosse tremia e os rúqueres também. Então, eu disse:

- Não temas. Se medo tens em teu coração, irmão, peço-te, expulsa-o incontinenti. - Aí Georgie e Pete foram procurar a cozinha, enquanto o Tapado aguardava ordens, de pé ao meu lado, de rote escancarado. - O que é isso, pois? - disse eu apanhando a pilha de papéis batidos em cima da mesa, e o mudge de óculos de aro de tartaruga disse, trêmulo: - É exatamente o que eu quero saber. O que é isso? O que é que vocês querem?

Saiam imediatamente antes que eu jogue vocês lá fora! -Aí, o coitado do Tapado, mascarado de Pebê Shelley, deu uma boa esmecada com essa rugindo que nem um animal.

- É um livro - disse eu. - Você está escrevendo um livro! - Eu falava com uma golosse bem grosseira. - Eu sempre tive a maior admiração por quem sabe escrever livros. - Então eu olhei pra folha de cima e tinha o nome - A LARANJA MECÂNICA - e eu falei: - Esse título é bastante glupe. Onde que já se viu uma laranja mecânica? - Então eu li um malenquinho, com uma golosse meio aguda, que nem de pregador: "...A tentativa de impor ao homem, criatura superior e capaz de doçura, a fluir suculentamente, na última fase da Criação, dos cantos dos lábios barbudos de Deus, tentar impor, digo eu, leis e condições apropriadas pra uma criação mecânica, contra isso eu levanto a minha pena-espada." O Tapado fez o velho som de língua no beiço com essa e eu também tive que esmecar. Então, comecei a rasgar as folhas e espalhar os pedaços pelo chão, e o mudge escritor ficou meio bezúmine e partiu pra mim com os zubes cerrados mostrando o amarelado e as unhas prontas pra mim como garras. Isso foi a deixa pro Tapado velho de guerra e ele partiu com um sorriso, fazendo eh eh eh e ah ah ah, direto ao rote trêmulo do veque, taque taque, primeiro o punho esquerdo depois o direito, de modo que o nosso amigo, o vermelho, vermelho vino de primeira casta e o mesmo em todos os lugares, como se fosse todo produzido pela mesma grande firma, começou a correr e manchar o lindo

tapete limpo e os pedacinhos do livro dele que eu continuava rasgando, rasrez, rasrez. Esse tempo todo, a devótcheca, sua esposa amantíssima e fiel, permanecia assim congelada perto da lareira e nessa altura começou a soltar uns critchezinhos malenques, como se acompanhasse assim o tempo da musiquinha dos punhos do Tapado. Ai, Georgie e Pete chegaram da cozinha, ambos mastigando com barulho, mesmo usando as mascarinhas dava pra se comer sem nenhum problema, Georgie com uma coxa fria de alguma coisa num dos rúuueres e uma meia bisnaga de clebe com um montão de maslo no outro, e Pete com uma garrafa de cerveja botando espuma pelo gúber e um pedaço horrorshow de pudim de pão. Eles fizeram ha ha ha videando o Tapado a dançar e punhar o veque escritor, e o veque escritor começou a platchar assim o trabalho de sua vida inteira perdido, fazendo buuuuuu com a rote de choro e ensangúentada, mas tinha um hum hum hum hum abafado de quem está de boca cheia e dava pra se ver pedaços do que eles estavam comendo. Eu não gostei daquilo porque era porcaria e falta de educação, então falei:

- Parem de comer fazendo barulho. E eu não dei licença. Segurem esse veque aqui pra ele videar tudo e não fugir. - Aí eles largaram a pichetcha gordurosa em cima da mesa, no meio dos papéis que voavam, e se cloparam pra cima do veque escritor, cujos ótcheques de aro de tartaruga estavam quebrados mas ainda em cima do nariz, o Tapado dançando ainda e fazendo sacudir os enfeites em cima do tampo da lareira (eu varri tudo e eles não tinham mais como sacudir, irmãozinhos), enquanto traquinava com o autor de A Laranja Mecânica, fazendo o litso dele ficar todo roxo e pingando, como se fosse uma qualidade de fruta sumarenta muito especial. - Tá bom, Tapado - disse eu.

- Agora, quanto à outra véssiche, que Bog nos ajude a todos. - Então ele deu uma de parrudo pra cima da devótcheca, que ainda estava critche critche critchando, num 4 por 4 muito horrorshow, prendendo os braços dela por trás, enquanto eu ia rasgando umas coisas e outras e os outros ainda ah ah ah, e eram grudes muito horrorshow os que os seus glazes miúdos mostravam, enquanto eu me desataviava e me preparava pra meter.

Enquanto metia, eu esluchava gritos de agonia e o veque escritor ensangúentado que Georgie e Pete estavam segurando quase se soltou uivando que nem bezúmine os eslovos mais feios, os que eu já conhecia e mais os que ele ia inventando. Depois de mim era justo que o Tapado também tivesse a sua vez e teve aos berros e rosnados, sem que a

mascarinha de Pebê Shelley prestasse a menor atenção, enquanto eu segurava a menina.

Depois teve revezamento, com o Tapado e eu segurando o veque escritor que falava engrolado, que já não dava mais pra espernear, soltando uns eslovos meio moles, como se estivesse curtindo num bar de leite-com, e Pete e Georgie tiveram a deles. Aí, ficou assim um silêncio e a gente ficou assim doido de ódio e despedaçou tudo o que ainda faltava despedaçar - máquina de escrever, lâmpadas, cadeiras - e o Tapado, era típico do Tapado, mijou na lareira e ia estrumar no tapete, já que tinha tanto papel, mas eu disse que não, "Fora fora fora fora", berrei. O veque escritor e sua jina estavam mais pra lá do que pra cá, rasgados, ensangüentados e fazendo ruídos. Mas iam continuar vivos.

Então, entramos no carro que estava à espera e eu deixei Georgie pegar no volante, eu me sentindo um malenque irritado, e voltamos pra cidade, passando por cima de algumas coisas estranhas que davam guinchos pelo caminho.

Capítulo 3

A gente iequetou de volta pra cidade, meus irmãos, mas quase chegando, não longe do que chamavam de Canal Industrial, a gente videou que o ponteiro do combustível tinha assim despencado, que nem o ponteiro do nosso riso, e o carro estava tossindo, queche queche queche. Não era preocupação maior, que tinha uma estação de trem piscando em azul, acende apaga, acende apaga, bem pertinho. O caso era resolver se se deixava o carro pra ser sobiratado pelos rodzes ou se a gente, estando assim num clima de ódio e assassinato, dava-lhe um bom toltchoque dentro d'água, pra ouvir um plesque gostoso, pesado, alto, antes do fim da noite.

Foi essa última coisa o que a gente resolveu, então saímos do carro, soltamos os freios e nós quatro toltchocamos ele até à beira da água suja, que era assim melado misturado com produto dos buracos humanos, depois um bom toltchoque horrorshow e lá se foi ele. A gente teve de pular pra trás, de medo que a sujeira respingasse nas nossas pletes, mas lá se foi ele, splussssssshhhh e glolp, lindo, pela água abaixo. "Adeus, drugue velho', exclamou Georgie e o Tapado saudou com uma boa gargalhada de palhaço, "hu hu hu hu".

Então a gente foi até a Estação pra andar uma parada só, até o Centro como chamavam o meio da cidade.

Pagamos as passagens bonitinho e ficamos esperando como cavalheiros na plataforma, o Tapado brincando com as máquinas de flíper, os cármans cheios de moedinhas malenques, e prontos a distribuir, se fosse preciso, barras de chocolate aos pobres e famintos, se bem que não houvesse nenhum à vista, e ai o velho expresso rápido chegou lenhando e subimos a bordo, o trem parecendo estar quase vazio. Pra passar os três minutos da viagem, a gente começou a traquinar com o que chamavam de estofamento, arrancando horrorshow uns belos pedaços das tripas dos assentos oTapado dando correntadas na ocno até que o vidro estilhaçou e rebrilhou no ar de inverno. Mas nós estávamos muito cansados, irritados e de saco cheio, que a noite tinha sido de algum dispendiozinho de energia, meus irmãos, o Tapado, que nem o animal palhaço que era, continuou muito alegrinho, mas muito sujo e com muito vone de suor, que isso era uma coisa que eu tinha contra o Tapado. Saltamos no Centro e voltamos lentamente pro Leite-ba Korova, todos fazendo iaaaaaaá um malenquezinho e mostrando à lua e às

estrelas e aos lampiões as nossas obturações de trás, porque nós éramos ainda maltchiques em idade de crescimento e tínhamos colégio durante o dia, e quando chegamos ao Korova encontramos ele mais cheio do que quando a gente tinha saído de lá, mais cedo. Mas o tcheloveque que borborejava no barato do leite com sintemesque ou coisa que o valha estava lá na mesma, dizendo "Ouriços de atirados mortos no ca-me-minho glio temo platônico nascetempo". Era provável que aquela fosse a sua terceira ou quarta dose naquela noite, porque estava com aquele aspecto pálido e inumano, como se tivesse virado uma coisa e seu rosto fosse assim um pedaço de giz esculpido. Realmente, se ele queria passar tanto tempo viajando, devia ter ido pra um dos cubículos reservados, nos fundos, e não ter ficado no méssito principal, porque ali, um ou outro dos maltchiques podia ficar traquinando com ele um malenquinho, se bem que não demais, porque tinha muito leão-de-chácara parrudão malocado lá dentro do velho Korova pra liquidar com qualquer bagunça. Bom, mas o Tapado conseguiu se espremer até o lado do veque e com o bocão de palhaço aberto, mostrando até a campainha pendurada no fundo da goela, deu uma pisada no pé do veque, com o seu saboguezão imundo. Mas o veque, meus irmàos, não sacou nada, que ele já estava muito acima do corpo

Eram nadsats, principalmente, leitando, tomando coca-cola e traquinando por ali mesmo (nadsats era como a gente se chamava, os adolescentes dos treze aos dezenove), mas tinha alguns dos mais estarres, tanto veques quanto tchinas (mas não burgueses, eles nunca), rindo e govoritando no bar. Percebia-se, pelos seus penteados e escanhoados e pelas pletes largas (grandes sueteres de fio grosso, principalmente), que eles tinham estado ensaiando no estúdio de TV, dobrando a esquina. As devotchecas que estavam com eles tinham aqueles litsos muito vivazes e rotes escancaradas, muito vermelhas, mostrando uma porção de dentes, esmecando muito e não ligando pra este mundo malvado nem um tiquinho. E ai o disco do estéreo parou de buzinar. Era um cócheca rusqui cantando Só Dia Sim, Dia Não e, no intervalo, no curto silêncio antes que começasse seguinte, uma das tais devotchecas – muito bonita e com um sorriso largo na rote vermelha, já nos seus trinta e muitos anos, eu diria – saiu-se com uma ligeira cantoria, só um compasso e meio e como se estivesse dando um exemplo de alguma coisa de que estivesse govoritando, e foi assim por um momento, ó meus irmãos, como se um grande pássaro tivesse entrado voando no leite-bar, e eu senti todos os malenques pelinhos do meu plote

ficarem esticados ate a ponta e os arrepios fervilhando devagarinho como lagartixas malenques e depois descendo. Porque eu sabia o que e que ela estava cantando. Era uma opera de Friedrich Gitterfenster chamada Da bettzeug, e era o trecho em que ela esta dando o ultimo suspiro com a garganta cortada, e os eslovos que ela canta são "Melhor assim, talvez." Pois bem, eu fiquei arrepiado. Mas o Tapado, assim que esluchou essa lasca de melo dia, como um lontique de carne vermelhona despejado no teu prato, soltou uma de suas vulgaridades, que no caso consistiu de uma trombetada labial, seguida de um uivo de cachorro seguido de dois dedos furando o ar seguidos de uma gargalhada de palhaço. Eu me senti todo em febres e assim me afogando em sangue vermelhão ao esluchar e videar a vulgaridade do Tapado, e disse: "Escroto! Porco nojento sem educação!" e me estique passando pela frente de Georgie, que estava entre eu e o horroroso do Tapado, e punhei o Tapado escorre na rote. O Tapado pareceu ficar muito surpreendido, de rote aberta, limpando o crove do guber com o ruquer e olhando alternadamente pro crove vermelho que brotava e pra mim. "Por que que foi isso?", disse ele com aquele seu jeitão ignorante. Pouca gente videou o que eu tinha feito e quem videou pouco ligou. O estéreo estava ligado de novo e tocava uma véssiche de guitarra eletrônica muito desagradável. Eu falei:

- Porque você é um escroto sem educação e sem um pingo de noção de como se comportar em público, ó meu irmão.

O Tapado botou uma cretina duma cara feia de mau, dizendo: - Eu não gosto que você tenha feito que nem fez. E não sou mais teu irmão e nem queria ser. - Tinha tirado um tachetuque ranhento do bolso e estava limpando o jorro vermelho atarantado e olhando pra ele sem parar, franzindo a testa como se estivesse pensando que sangue era pros outros, não pra ele. Era como se ele estivesse cantando sangue pra se desculpar pela sua vulgaridade, quando a tal devótcheca estava cantando música. Mas a devótcheca agora estava se esmecando, ha ha ha, com os seus drugues no bar, a rote vermelha funcionando e os zubes brilhando, sem ter notado a sórdida vulgaridade do Tapado. Na realidade, era a mim que o Tapado tinha ofendido. Eu falei:

- Se você não gosta disso e não queria aquilo, já sabe o que tem a fazer, irmãozinho.

Georgie disse, de um modo brusco, que me fez olhar pra ele:

- Tá bom, não vamos começar!

- Isso é aí com o Tapado - disse eu. - O Tapado não pode continuar a djísene inteira como se fosse uma criancinha. - E olhei duro pro Georgie. C Tapado disse, e agora o crove vermelho estava diminuindo o fluxo:

- Que direito é que ele tem de pensar que pode me dar ordens e me toltchocar quando estiver a fim? Os iarbos, é o que eu digo pra ele, e arranco os glazes dele com a corrente, de estalo.

- Olha lá, - disse eu tão baixo quanto podia, com o estéreo quicando em todas as paredes e no teto e mais o veque no barato atrás do Tapado agora falando alto, "Centelha mais próximo ultótimo." Eu disse: - Olha lá, Tapado, se continuar em vida tu desejas.

- Os iarbos - disse o Tapado zombando. - Um bolche monte de iarbos pra você. O que você fez ainda agora não tinha o direito. Eu te enfrento na corrente, na noje e na britva a qualquer hora. Que não tem razão pra você ficar me dando toltchoques sem razão. Não deixo não

- Uma parada de noje quando você quiser - rosnei eu de volta. Pete falou:

- Ih, não façam isso, vocês dois. Nós somos drugues, não somos? Não está certo drugues ficarem se tratando assim. Olha lá, tem uns maltchiques boquirrotos ali esmecando da gente, assim zombando. Não vamos relaxar.

- O Tapado - disse eu - tem de aprender o lugar dele, certo?

- Espera aí - disse Georgie. - Que negócio é esse de lugar? E a primeir vez que eu ouço falar que as líudes têm que aprender o lugar delas.

Pete falou: - Verdade seja dita, Alex, que você não devia ter dado esse toltchoque no Tapado sem motivo. E a primeira e última vez que eu vou dizer isso. Digo com todo o respeito, mas se fosse em mim que você tivesse dado, ia ter que se explicar. Não vou falar mais nada. - E afogou o litso no copo de leite.

Eu estava me sentindo ficar todo rasdraz por dentro, mas tentei disfarçar dizendo calmo: - Tem que haver um chefe. Disciplina tem que haver. Certo? - Nenhum deles esquezetou uma palavra, nem sequer concordou com a cabeça. Eu fiquei mais rasdraz por dentro, porém mais calmo por fora. - Eu - disse - estou com esse cargo já há muito tempo. Nós somos todos drugues, mas alguém tem que ter esse cargo. Certo? Certo? - Todos eles concordaram assim cautelosos. O Tapado estava osuchando o último resto do crove. Aí, era o Tapado quem falava agora:

- Certo, certo. Tá legal. Um pouco cansado todo mundo está. Melhor não falar mais nada. - Eu fiquei surpreso e só um malenquinho pugle de esluchar

o Tapado govoritar com tanta sabedoria. O Tapado falou: - O caminho certo agora é o caminho da cama, então o melhor é ir pra casa. Certo?

- Eu estava muito surpreendido. Os outros três inclinaram a cabeça dizendo certo, certo, certo. Eu falei:

- Você entenda aquele toltchoque no rote, Tapado. Era a música, sabe? Eu fico que nem bezúmine quando qualquer veque atrapalha uma ptitsa que estiver cantando. O negócio é esse.

- Melhor a gente ir indo pra casa puxar uma espátcheca - disse o Tapado. - Foi uma noite muito comprida pra maltchiques que ainda estão crescendo. Certo? - Certo, certo, concordaram os outros dois. Eu disse:

- Eu acho que é melhor a gente ir pra casa agora. O Tapado deu uma sugestão muito horrorshow. Se a gente não se encontrar durante o dia, ó meus irmãos, então... mesma hora e mesmo lugar amanhã?

- Ah, sim - disse Georgie. - Acho que se dá um jeito.

- Talvez - disse o Tapado - eu chegue um malenquinho atrasado. Mas, mesmo lugar e mais ou menos mesma hora amanhã, claro. - Ele estava limpando o gúber, se bem que agora não estivesse mais escorrendo crove. – E disse ele - é de se esperar que não tenha mais nenhuma ptitsa cantando aqui dentro. - E soltou a sua velha gargalhada de Tapado, um baita ho ho ho ho ho de palhaço. Parecia que ele era tapado demais pra se sentir ofendido demais.

E assim, nós saímos, cada qual pro seu lado, eu arrotando arrrgh a coca gelada que tinha pitado. Minha britva de degolar esta à mão pro caso de algum dos drugues do Billyboy estar por perto do prédio de apartamentos esperando ou, por falar nisso, qualquer das outras bandas, ou grupas, ou chaicas que, de tempos em tempos, estavam em guerra com uma delas. Eu morava com meu papá e minha mamã, num dos apartamentos do Edifício Municipal 18-A, entre a Kingsley Ave nue e o Wilsonsway. Cheguei até porta principal sem problemas, se bem que tivesse passado por um jovem maltchique esparramado numa sarjeta, critchando e gemendo, todo cortado que estava uma beleza, e também vi, à luz do poste, riscos de sangue aqui e ali, como assinaturas, meus irmãos, das traquinagens noturnas. E vi também, perto do 18-A, um par de nijenes de devótcheca, sem dúvida arrancadas rude mente no calor do momento, ó meus irmãos. Então, pra dentro. No corredor de entrada estava, no muro, a indefectível pintura municipal - veques e ptitsas muito bem desenvolvidos, austeros na dignidade do trabalho, nas bancadas e nas máquinas, mas sem nem um fiapo de pletes nos

plotes bem desenvolvidos. Mas, naturalmente, alguns maltchiques moradores do 18-A tinham, como era de se esperar, embelezado e decorado a dita pinturona com hábeis lápis e esferográficas, acrescentando pentelhos, picas duras e balõezinhos com eslovos feios saindo das dignas rotes dos tais veques e tchinas nagóis (nus, quero dizer). Eu me dirigi ao elevador, mas não foi preciso apertar o nopca pra saber se estava funcionando ou não, porque ele tinha levado um toltchoque horrorshow naquela noite, as portas de metal estavam todas amarrotadas, realmente um feito de rara força, portanto eu tive de subir os dez andares.

Eu xingava e ofegava enquanto subia, que eu estava cansado de plote, mas de cuca nem tanto assim. Eu queria muito ouvir música naquela noite, aquela devótcheca do Korova, cantando, talvez tivesse me ligado. Eu queria assim um banquete de música antes de carimbar o passaporte, ó irmãos, na fronteira do sono e que a cheste listrada levantasse pra me deixar passar.

Abri a porta do 10-8 com a minha própria clutchinha e dentro dos nossos alojamentos malenques estava tudo silencioso, pê e eme estavam anos na sonolência e mãe tinha posto uma amostra melenque de jantar - um par de lontiques de almôndegas em lata com umas fatias de clebe com manteiga e um copo de moloco. Ho ho ho, o moloco velho sem facas nem sintemesque nem dencrom dentro. Que droga, meus irmãos, o leite, tão inocente, tinha agora que me aparecer sempre. Mas bebi e comi grunhindo, que eu estava com mais fome do que pensava antes de começar, e apanhei torta de fruta no guarda-comidas e arranquei punhados pra enfiar na minha rote ávida. Depois, limpei os dentes estalando a língua e limpei a rote com a iãzique, depois fui pro meu quartinho ou estúdio, afrouxando as pletes no caminho. Lá estavam minha cama e meu estéreo, o orgulho da minha djísene, e meus discos no armário, as bandeiras e as flâmulas nas paredes, essas sendo assim lembranças da minha vida na escola correcional, desde os onze anos de idade, ó meus irmãos, cada uma delas brilhante e brasonada, com um nome ou um número: SUL 4;DIVISÃO AZUL DA ESCOLCOR METI RAPAZES DE ALFA.

Os pequenos alto-falantes do meu estéreo estavam todos instalados em volta do quarto no teto nas paredes, no chão, por isso, deitado na cama esluchando a música, eu estava assim como que refestelado no meio da orquestra. Bom, o que eu estava pensando em primeiro lugar era no novo concerto para violino do americano Geoffrey Plautus, executado por Odysseus Choerilos com a Orquestra Filarmônica de Macon (Geórgia

portanto eu tirei o disco de onde estava, cuidadosamente guardado, liguei e fiquei esperando.

Então, irmãos, começou. Ah, bênção, bênção dos Céus! Fiquei deitado completamente nagói, olhando pro teto, o gúliver sobre as mãos no travesseiro, os glazes fechados, a rote aberta em beatitude, esluchando o esguicho de lindos sons. Ah, era o belo e a beleza feitos carne. Os trombones mastigavam ouro debaixo da minha cama, por detrás do meu gúliver, os trompetes lançavam chamas de prata em três direções e lá, perto da porta, os tímpanos rolavam por dentro das minhas tripas e tornavam a sair, mastigados como um torrão de trovão. E então, como um pássaro do mais raro tecido de metal celeste, ou como vinho prateado escorrendo numa espaçonave, a gravidade transformada agora em absurdo, veio o solo de violino, por sobre todas as outras cordas, e essas cordas eram como que uma gaiola de seda em volta da minha cama. Depois, a flauta e o oboé perfuraram, como se fossem vermes de platina, o espesso, espesso torrão de ouro e prata. Pê e eme, no quarto de dormir ao lado, já tinham aprendido a não bater na parede se queixando do que chamavam de barulho. Eu tinha ensinado a eles. Agora eles tomavam pílulas pra dormir. Talvez sabendo da alegria que eu sentia com a minha música noturna, eles já deviam ter tomado. Enquanto eu esluchava, meus glazes bem apertados pra trancar do lado de dentro a beatitude que era melhor do que qualquer Bog ou Deus de sintemesque, eu via imagens tão lindas. Tinha veques e ptitsas, tanto jovens quanto estarres, caídos no chão, gritando por misericórdia, e eu esmecando com a rote inteira e moendo os litsos deles com a bota. E tinha devótebecas rasgadas e critchando contra as paredes e eu metendo nelas como uma chilaga e, realmente, quando a música, que tinha só um movimento, chegou ao topo da sua torre mais alta, então eu gozei e esporrei e gritei aaaaaaaahhhhh de beatitude. E a linda música deslizou para o seu término cintilante.

Depois disso, eu ouvi um lindo Mozart, a Júpiter, e vi novas imagens de litsos diferentes sendo jogados ao chão e esmagados, e foi depois disso que eu achei que devia ouvir mais um último disco, antes de atravessar a fronteira, e eu queria alguma coisa estarre, forte e muito firme, e foi J. S. Bach que eu ouvi, o Concerto de Brandenhurgo só pra cordas médias e graves. E esluchando com uma beatitude diferente da anterior, eu videei de novo aquele nome no papel que eu tinha rasrezado naquela noite, parece que há muito tempo, naquela casinha chamada LAR. O nome falava de um

laranja mecânica. Esluchando o J. S. Bach, eu comecei a poniar melhor agora o que aquilo queria dizer e achei, esluchando a perfeita lindeza do estarre mestre alemão, que eu devia ter toitchocado ambos muito mais forte e rasgado eles em tiras, no próprio chão deles.

Capítulo 4

Na manhã seguinte eu acordei ás oito em ponto, meus irmãos, e como eu ainda estava me sentindo cansado, chateado e de saco cheio, e meus glazes estavam grudados de remela muito horrorshow, eu resolvi que não ia à escola. Resolvi ficar um malenquinho mais na cama, digamos uma hora ou duas, e depois me vestir com calminha, talvez até dar um esploche no banheiro, depois preparar um bule de tchai horrorshow bem forte, fazer torradas pra mim e esluchar o rádio, ou ler a gazeta, muito no meu odinoque. E então, depois do café talvez eu itasse, se ainda estivesse com vontade, até o velho escoliuol, pra ver o que e que estavam varitando naquela grande sede do saber glupe e inútil, ó meus irmãos. Ouvi meu papapá resmungando e mexendo com os pés e depois itiando para a velha estamparia de tecidos onde ele rabitava, e aí minha mamãe entrou me chamando com uma voz muito respeitosa, como ela fazia agora que eu estava crescendo, grande e forte:

- Já passa das oito, meu filho. Não vá se atrasar de novo.

Eu retruquei: - Tô com um pouco de dor de gúliver. Me deixa quieto que eu vou tentar dormir pra ver se passa e aí, de tarde, eu vou estar tinindo. Eu esluchei ela dar uma espécie de suspiro e aí falou:

- Então eu vou botar a sua comida no forno, meu filho. Eu também já vou saindo. - O que era verdade, porque tinha aquela lei mandando que todo mundo que não fosse criança, nem com crianças, nem doente tinha que rabitar fora. A mãe trabalhava num dos Mercados Estatais, como ele chamavam, enchendo as prateleiras de sopa e feijão em lata e essa quel toda. Então eu esluchei o tlenque do prato no forno a gás e depois ela calçando os sapatos, depois apanhando o casaco atrás da porta, depois suspirando de novo, e ela falou: "Eu já vou, meu filho." Mas eu procure voltar pra sonolândia e aí peguei no sono muito horrorshow e, por alguma razão, tive um esnite esquisito e muito real, com o meu drugue Georgie. Nesse esnite ele já estava assim muito mais velho e muito severo e muito durão e estava govoritando sobre disciplina e obediência e dizendo que todos os maltchiques sob seu controle tinham que andar muito na linha e bater continência, como se estivessem no exército, e lá estava eu nas fileiras assim que nem os outros, dizendo sim senhor e não senhor, e videei claramente que Georgie estava com aquelas estrelas nos pletchos e era assim

um general. E ai ele trouxe o Tapado com um chicote e o Tapado estava muito mais, estarre e grisalho e estava com alguns zubes faltando, o que eu pude ver quando ele deixou escapar um esmeque me videando, e aí o meu drugue Georgie disse assim apontando pra mim: "Esse homem aí está com as pletes cheias de sujeira e quel!". e era verdade.

Aí eu critchei:

"Não batam em mim não, por favor, não batam em mim, meus irmãos!", e comecei a correr. E fiquei correndo assim em círculos, o Tapado atrás de mim esmecando à beça, estalando o chicote e, de cada vez que eu levava um toltchoque horrorshow do chicote dele, era como se fosse uma campainha elétrica tocando muito alto trrrintrrrintrrin, e essa campainha era unia espécie de dor também.

Ai, eu acordei escorre, meu coração taque taque taque. e, naturalmente, tinha mesnio uma campainha fazendo brrrr e era a da porta da frente. Eu fingi que não tinha ninguém emi casa, mas aquele brrrr continuou, e aí eu ouvi uma golosse gritando do outro lado da porta: "Anda, anda, deixa disso, eu sei que você está na cama!" Eu reconheci a golosse imediatamente. Era a golosse de P.R. Deltoid (esse aí era um naze muito glupe), que chamavam de meu consultor pós-correcional, um veque sobrecarregado de trabalho, com centenas de nomes nos seus caderninhos. Eu gritei certo, certo, certo, com uma voz assim de dor, e me levantei e fui me ataviar, ó meus irmãos num muito lindo chambre de seda assini com desenhos de grandes cidades. todos estampadas em cima desse chambre. Depois meti os meus nogas dentro de cômodas tuflas de lã, penteei a minha bela cabeleira e estava pronto para o Sr. P. R. Deltoid. Quando eu abri a porta, ele entrou arrastando os pé desgrenhado um chilapa surrado no gúliver, a capa de chuva imunda. - Ah, menino Alex - disse-me ele. - Encontrei sua mãe, não é? Ela falou alguma coisa a respeito de uma dor. Daí, escola nada, não é?

- Uma dor de cabeça insuportável, irmão, Sr. Deltoid - disse eu com a minha golosse de cavalheiro. - Acho que deverá ceder durante a tarde.

- Ou certamente durante a noite, não é? - disse P. R. Deltoid. - A noite a grande hora, não é, menino Alex?

Sente-se. "Senta, senta..." como se fosse a dome dele e eu a visita. E ele sentou naquela cadeira de balanço estarre do meu pai e começou a balançar, como se só tivesse vindo pra isso. Eu falei:

- Uma xícara de tchai, Sr. Deltoid? Chá, quero dizer.

- Não dá tempo - disse ele. E balançava, com aquele olhar faiscante

debaixo das sobrancelhas cerradas, como se dispusesse de todo o tempo deste mundo. - Não dá tempo, não é? - disse ele. Aí eu botei a chaleira no fogo.

E falei:

- A que devo o extremo prazer? Alguma coisa errada, Sr. Deltoid?

- Errada? - disse ele muito escorre e astuto, olhando pra mim meio curvado mas ainda se balançando. Aí ele viu um anúncio na gazeta que estava em cima da mesa - uma linda ptitsa esmecante, com os grudes de fora anunciando, meus irmãos, as Glórias das Praias Iugoslavas. Então depois de tê-la comido em duas deglutidas, ele falou: - Por que é que você está pensando em termos de haver alguma Coisa errada? Você andou fazendo alguma coisa que não devia, é?

- É só maneira de falar - disse eu - Sr. Deltoid.

- Pois bem - disse P. R. Deltoid - é só maneira de falar, de mim pra você pra você tomar cuidado, Alexinho, porque a próxima vez, como você sabe muito bem, não vai mais ser a escola correcional. Da próxima vez vai ser nas grades, e todo o meu trabalho vai por água abaixo. Se você não tem consideração para com o seu próprio eu horrendo, pelo menos tenha alguma para comigo, que suei muito por sua causa. Uma grande mancha negra, digo-lhe confidencialmente, pra cada um de vocês que acaba atrás das grades.

- Eu não andei fazendo nada que não devia, Sr. Deltoid - disse eu. - O milicentes não têm nada contra mim, irmão, Sr. Deltoid, quero dizer.

- Corta essa conversa de malandro a respeito de milicentes - disse P. R Deltoid, muito cansado mas ainda se balançando na cadeira. - Só porque a polícia não pegou você ultimamente, isso não quer dizer, como você sabe muito bem, que você não tenha andado fazendo alguma safadeza. Teve uma briguinha ontem à noite, não teve? Teve uma dança com nojes e correntes de bicicleta e coisas assim. Um amigo de um certo rapaz gordo foi recolhido, não faz muito tempo, por uma ambulância, perto da Usina Elétrica, e hospitalizado, todo cheio de cortes muito desagradáveis, não é? O teu nome foi mencionado. A notícia me chegou pelos canais habituais. Certos amigos teus também foram mencionados. Aparentemente houve uma boa quantidade de safadezas sortidas, ontem à noite. Ah, ninguém pode provar nada contra ninguém, como sempre. Mas eu estou lhe prevenindo, Alexinho, porque sou seu amigo como sempre, e o único homem nesta comunidade dorida e doente que quer salvar você de você

mesmo.

Eu agradeço muito, Sr. Deltoid disse eu -, muito sinceramente.

- É, você agradece, não é? - zombou ele. – Tome cuidado, só isso, tá? Nós estamos mais por dentro do que você está pensando, Alexinho. - Aí, ele falou, com uma golosse de grande sofrimento, mais ainda se balançando:

- O que é que vocês têm? Nós estudamos o problema e estamos estudando já há, puxa vida, quase um século, mas não progredimos nesse estudo. Vocês têm boas casas, bons pais, umas cabeças nada más... E algum demônio que baixa em vocês?

- Ninguém tem nada contra mim, senhor - disse eu.

- Eu já saí dos rúqueres dos milicentes há muito tempo.

- É exatamente isso que me preocupa - suspirou P. R. Deltoid. - É tempo demais pra ser saudável. Você está pra chegar lá, pelos meus cálculos. É por isso que estou prevenindo você, Alexinho, pra tirar a sua bela trombazinha da lama, não é? Estou sendo claro?

- Como um lago sem lodo, Sr. Deltoid - disse eu. - Claro como um céu azul do mais profundo verão. O senhor pode confiar em mim. - E lhe dei um belo sorriso cheio de zubes.

Mas quando ele ucaditou e eu estava fazendo aquele bule de tchai muito forte, eu sorri comigo mesmo dessa véssiche com a qual se preocupavam P. R. Deltoid e seus drugues. Tá bom, eu ajo errado com esse negócio de craste, de toltchoque e de rasgões a britva e o velho entra-sai-entra-sai, mas se eu for lovetado, pior pra mim, ó meus irmãos, que ninguém pode governar um país com todos os tcheloveques se comportando da maneira que eu me comporto à noite. Portanto, se eu for lovetado e forem três meses num méssito e depois seis meses noutro e aí, como adverte amavelmente o P. R. Deltoid, e a despeito da tenrura dos meus janeiros irmãos, vai ser o jardim zoológico do outro mundo, eu digo: "Tá certo, mas é uma pena, meus senhores, porque não suporto ficar trancado. Meus esforços, no futuro que estende para mim os seus braços brancos como lírios, serão voltados para que, antes, a noje me alcance, ou que o sangue esguiche seu compasso final em metal retorcido e vidro estilhaçado na estrada, pra não ser lovetado de novo." O que é um belo discurso. Mas, irmãos, eles ficarem roendo a unha do pé pra saber a causa da ruindade é que me deixa um bom maltchique ridente. Eles não procuram a causa da bondade, por que então ficar cavucando do outro lado? Se as líudes são boas é porque gostam, e eu nunca desmancharia os prazeres deles, e do outro lado a

mesma coisa. E eu estava defendendo esse outro lado. Mais ainda, a ruindade faz parte do ser, do eu, tanto em mim quanto em vocês no odinoque, e este eu é feito por Bog, ou Deus, e é o seu grande orgulho e radoste. Mas o não-ser não pode aceitar o mal, quer dizer, os do governo, os juizes e os colégios não podem permitir o mal porque não podem permitir a individualidade. E não é a nossa História moderna, meus irmãos, a história de bravas individualidades malenques lutando contra essas máquinas enormes? Quanto a isto, meus irmãos, eu estou falando com toda a seriedade. Mas, o que faço, faço porque gosto.

Por isso, agora, nessa sorridente manhã de inverno, eu tomo meu tchai com moloco e colheres e colheres e colheres de açúcar, que eu tenho boa boca pra esládique, e pesquei no forno a refeição matinal que a coitada da mãe fez pra mim. Era um ovo frito, nada mais do que isso, mas eu fiz torrada e comi ovo com torrada e geléia, estalando a língua enquanto lia a gazeta. A gazeta era o trivial, sobre ultraviolência, assaltos a bancos, greves e jogadores de futebol deixando todo mundo paralítico de medo, ameaçando não jogar no sábado seguinte se não fossem aumentados, maltchiquezinhos travessos que eles eram. Também havia mais viagens espaciais e telas de TV estérec maiores e ofertas de pacotes de sopa em flocos, grátis em troca de rótulos de latas de sopa, maravilhosa oferta só esta semana, o que me fez esmecar. E tinha um bolche artigo sobre Juventude Moderna (ou seja, de mim - eu fiz uma reverência, rindo que nem bezúmine), escrito por algum tcheloveque careca, muito competente. Isso eu li com atenção, meus irmãos, mamando c meu tchai, xícaras e canecas e tchachas, roendo os meus lontiques de torrada escura mergulhada em geleinha e ovinho. Esse veque, instruídc dizia as véssiches habituais sobre falta de disciplina paterna, como ele chamava, e a carência de professores realmente horrorshow para tirar fora a vergastadas a sacanagem dos seus inocentes pupilos e fazê-los abrir o berreiro por demência. Tudo isso era glupe demais e me fez esmecar, mas era agradável continuar sabendo que a gente está fazendo as notícias sem parar, ó meus irmãos. Todo dia tinha alguma coisa sobre Juventude Moderna, mas a melhor véssiche que eles já tinham botado na gazeta foi um estarre dum padre de colarinho duro que disse que, na sua ponderada opinião, e ele estava govoritando como homem de Bog, ERA O DIABO Q ESTAVA À SOLTA, e que estava predando o seu caminho através da carr inocente, e que o mundo adulto é que devia ser responsabilizado por isso, com suas guerras, suas bombas e seus absurdos. E isso estava certo. E ele

sabia o que estava falando, sendo um homem de Deus. E nós, os maltchiques inocentes, não podíamos levar a culpa. Certo, certo, certo.

Depois de arrotar um par de razes, com meu estômago inocente cheio, comecei a tirar pletes de dia do meu guarda-roupas, ligando o rádio. Estava tocando música, um quarteto de cordas malenque muito bonito, meus irmãos de Claudius Birdman, um que eu conhecia bem. Mas eu tinha que dar um esmeque pensando no que tinha videado uma vez num desses artigos sobre Juventude Moderna e de como a Juventude Moderna poderi ser melhor se mia Viva Apreciação das Artes pudesse ser incrementada. A Grande Música, diziam, e a Grande Poesia, aquietariam a Juventud Moderna e fariam a Juventude Moderna mais civilizada. Civilizada, meu iarbos sifilíticos. A música sempre me deixava arrepiado, ó meus irmãos, e me fazia sentir como o próprio Bog, pronto a disparar raios e trovões e ter os veques e as ptitsas critchando sob o meu gargalhante poder. E, depois de tchistar um pouco o meu litso e rúqueres e me vestir (minhas pletes diurnas eram de estudante: as velhas pantalonas azuis e um suéter com um A, de Alex), eu pensei que agora, pelo menos, eu tinha tempo para itar até a discobutique (e cortador também, meus bolsos estavam cheios de tutu) pra ver o negócio da gravação, há tanto tempo prometida e há tanto tempo pedida, da Nona de Beethoven (isto é, a Sinfonia Coral), gravada n Masterstroke pela Esh Sham Sinfonia, sob a regência de L. Muhaiwi Portanto, irmãos, saí.

O dia era muito diferente da noite. A noite pertencia a mim e a meus drugues e ao resto dos nadsats, e os estarres burgueses se entocavam dentro de casa, bebendo nos programas mundiais glupes de televisão, mas o dia era pros estarres e também apareciam sempre mais rodzes ou milicentes zanzando durante o dia. Tomei o ônibus na esquina e segui pro Centro, depois voltei até Taylor Place, e lá estava a discobutique que eu favorecia com o meu patrocínio, ó meus irmãos. Tinha o nome glupe de MELODI, mas era um méssito realmente horrorshow e escorre na maioria das vezes, pra receber as gravações novas. Entrei, e as duas únicas freguesas eram duas ptitsas chupando Picolés (e estávamos, notem, num inverno frio de matar)remexendo os novos discos pop - Johnny Burnaway, Stash Kroh, Th Mixers, Lay Quiet Awhile With Ed And ld Molotov, e o resto da quel toc Essas duas ptitsas não podiam ter mais de dez anos e, evidentemente, parecia que elas também, que nem eu, tinham resolvido tirar manhã de folga do escoliuol. Via-se que elas achavam que já eram realmente

devótchecas crescidas, requebrando os quadris quando viram o Vosso Fie Narrador, irmãos, e grudes com enchimento vermelho plochado nos gúberes. Eu fui até o balcão, botando o sorriso cortês, cheio de zubes, para c velho Andy lá atrás (ele também sempre cortês, sempre útil, um tipo de veque realmente horrorshow, se bem que careca e muito magro). Ele disse:

- Ah, eu acho que sei o que o senhor quer. Boas notícias, boas notícias Chegou. - E com os rúqueres como os de um grande regente, marcando c compasso, ele foi buscar. As duas jovens ptitsas começaram a dar risadinhas, como elas fazem naquela idade, e eu lhes lancei um glazear frio. Andy voltou muito escorre, brandindo a grande capa branca reluzente da Nona que tinha impresso, ó irmãos, o litso carrancudo do próprio Ludwig van, como um trovão engarrafado. Aí está

- disse Andy. - Vamos dar a rodada inaugural? - Mas eu queria ele de volta à casa, no meu estéreo, para esluchar no meu odinoque, numa secura danada. Remexi o dengue pra pagar e urna das ptitsazinhas disse:

- Quem cê paganhou, brete? Que norme, só unzão?

Essas devótebecas muito garotas tinham a sua maneira própria de govoritar. "The Seaven Seventeen? Luke Sterne? Goggly Gogol?" E amb deram risinhos balançando os quadris. Aí, me bateu uma idéia que me fez cambalear de angustia e êxtase, ó meus irmãos, tanto que não pude respirar durante quase dez segundos. Eu me refiz, botei meus zubes recém-limpos pra fora e disse:

O que é que vocês têm em casa, maninhas, pra tocar esses trinados convusos? Porque eu estava videando que os discos que elas estavam comprando eram essas véssiches pop de recém-adolescentes. - Aposto que vocês tem assim dessas vitrolinhas portáteis baratas de piquenique. - Com essa elas meio torceram o beiço inferior - Venham com o titio - disse eu -- e ouçam como deve. Ouçam trompetes dos anjos e trombones do demônio.

Estão convidadas. - E fiz assim uma mesura. Elas tornaram a dar risinho e uma delas disse:

- Ih, mas a gente tá com tanta fome. Ih, .a gente bem que podia comer. - A outra disse: E, ela falou. Ela falou mesmo. - Aí, eu disse:

- Venham comer com o titio. Digam o lugar.

Então elas se videaram entre elas como verdadeiras sofisticadas, o que era patético, e começaram a falar com golosse de grandes damas sobre o Ritz, o Bristol, o Hilton e o Ristorante Granturco. Mas eu acabei com aquilo cor um "venham com o titio", e levei elas para a Pasta Parlour, dobrando a

esquina, e deixei que elas enchessem os inocentes litsozinhos de espaguete e salsichas e bombas de creme e banana-splits, e calda de chocolate quente, até que eu quase enjoei vendo aquilo, eu, irmãos, lanchando apenas frugalmente uma fatia de presunto frio e uma braba bombada de pimenta. Essas duas ptitsas eram muito parecidas, se bem que não fossem irmãs. Tinham as mesmas idéias, ou falta de, a mesma cor de cabelo, assim uma tintura cor de palha.

Bem, hoje elas iam crescer de verdade. Hoje eu ia dedicar o dia a isso Nada de escola depois daquela merenda, mas instrução, garantida, com Alex de professor. Seus nomes, disseram, eram Marty e Sonietta, bastante bezúmines e no rigor da moda infantil. Então eu disse:

- Certo, certo, Marty e Sonietta. Tá na hora da grande audição. Vamos.

Quando estávamos na rua fria, elas pensaram que não iam de ônibus, ah, não, mas de táxi, então eu fiz a vontade delas, se bem que com um sorriso interior horrorshow, e chamei um táxi da fila perto do Center. O motorista um veque estarre que usava suíças, de pletes muito enodoadas, falou:

- Nada de rasgar. Nada de bobagem com esses assentos. Acabaram de se estofados de novo.

Eu acalmei os seus temores glupes e lá rodamos nós pro Edifício Municipal 18-A, as duas ptitsazinhas despachadas rindo e cochichando Portanto, para encurtar a história, chegamos, ó meus irmãos, e eu fui subindo pra mostrar o caminho até o 10-8, e elas ofegaram e esmecaram até lá em cima e aí disseram que estavam com sede, então eu abri a arca dos tesouros no meu quarto e dei àquelas devótchecas de dez aninhos um escocês horrorshow pra cada, ainda que bem cheio de soda espirrando alfinetes e agulhas. Elas sentaram na minha cama (ainda por fazer) de pernas balançando, esmecando e pitando os uísques com soda enquanto eu tocava o seu patético disquinho malenque no meu estéreo. Aquilo era assim como pitar alguma perfumada bebida infantil em taças de ouro, belas e caras. Mas elas faziam ah ah ah e diziam "desmaico", "montanho" e outros eslovos bizarros que eram a última moda dentro daquele grupo etário. Enquanto eu rodava aquela quel pra elas, eu ia dando força pra beber e tomar outro, e elas não estavam nada abominando, ó meus irmãos.

Portanto, quando os seus patéticos discos já tinham tocado duas vezes cada um (eram dois: Honey Nose, cantado por Ike Yard e Night Afier Da Afier Night, gemido por dois horrendos eunucos sem iarbos cujos nomes me esqueço agora), elas estavam chegando ao ponto de histeria de ptitsas

jovens, dando pulos em cima da minha cama e eu no quarto com elas.

O que foi efetivamente feito naquela tarde não precisa ser descrito, irmãos, vocês bem podem adivinhar. Logo logo aquelas duas estavam despletadas e esmecando de arrebentar e achando a graça mais bolche do mundo videar o tio Alex ali, de pé, completamente nagói e de cabo-de-panela, espremendo a seringa hipodérmica que nem um médico pelado e depois me aplicando no rúquer o velho pico, de secreção de gato-do-mato. Então eu puxei a linda Nona de dentro da capa, de modo que Ludwig var agora também estava nagói e botei a agulha pra chiar no último movimento, que era pura beatitude. Lã estava ela, pois, os contrabaixos como que govoritando debaixo da minha cama com o resto da orquestra, e então a golosse humana masculina entrando e dizendo a eles todos que se alegrassem, e aí a melodia beatifica, linda, que diz que a Alegria é uma gloriosa centelha do céu, e aí eu senti os tigres pularem dentro de mim e pulei pra cima das duas jovens ptitsas.

Dessa vez elas não acharam nada engraçado e pararam de critchar com grande deleite e tiveram de se submeter aos estranhos e insólitos desejos de Alexandre o grande que, com a Nona e o pico, estavam chudésines zamechates e muito exigentes, ó meus irmãos. Mas elas estavam muito bêbedas e não podiam sentir grande coisa.

Quando o segundo movimento tinha tocado pela segunda vez, ribombando e critchando Alegria Alegria Alegria Alegria, aí as duas ptitsa não estavam mais fazendo o gênero dama sofisticada. Estavam assim acordando para o que estava sendo feito com as suas malenques pessoas, e dizendo que queriam ir pra casa e que eu era assim uma besta selvagem. Pareciam que tinham estado em alguma bitva, como realmente tinham, e estavam todas machucadas e amuadas. Bom, mesmo que não quisessem ir à escola, tinham que receber alguma instrução. E instrução elas tinham recebido. Estavam critchando e fazendo ai ai ai enquanto botavam as pletes, e me davam soquinhos com os seus pulsinhos de gurias enquanto eu ficava na cama deitado, sujo e nu, cansado e chateado.

A jovem Sonietta estava critchando: "Besta de animal repelente! Porc horroroso!" Então eu deixei elas apanharem as coisas delas e saírem, o que fizeram dizendo que deviam chamar os rodzes pra me pegar e aquela quel toda. Aí, foram descendo as escadas e eu me deixei pegar no sono, ainda com a Alegria Alegria Alegria Alegria rachando e ululando.

Capítulo 5

O que aconteceu, porém, foi que eu acordei tarde (quase sete e meia, pelo meu relógio) e, como se viu depois, isso não foi bem bolado. Pode-se videar que tudo neste mundo malvado conta. Agente pode poniar que uma coisa sempre leva a outra. Certo, certo, certo. Meu estéreo não estava mais naquela Alegria e Eu Vos Abraço, Ó Vós Que Sois Milhões, que um veq qualquer tinha cortado, e só podia ter sido pê ou eme, ambos muito nitidamente eslucháveis na sala de estar, tanto no tlique tlique dos pratos quanto no chupe chupe da pitação de chá nas xícaras, da sua refeição cansada depois da rabitagem diária, ele na fábrica, ela na loja. Coitado do velho.

Pobrezinha da estarre. Enfiei o chambre e botei a cara pra fora, na pele do filho amantíssimo, dizendo:

- Oba, oba oba, pessoal. Tô muito melhor depois desse descanso diurno. Agora estou pronto pro batente noturno, pra faturar aquele tutuzinho. - Porque era isso que eles pensavam que eu fazia naquele tempo. - lamiamiam, mãe. Tem pra mim? - Era assim uma torta congelada que a mãe tinha descongelado e esquentado e não parecia nada apetitosa, mas eu tinha que dizer o que disse. O velho me olhou com um olhar não muito contente e desconfiado, mas não disse nada, sabendo que não ousava, e a mãe me deu um esmequezinho tipo a ti, fruto do meu ventre, meu único filho. Eu dancei pro banheiro e, bem escorre, dei um tchiste muito completo, que eu estava me sentindo sujo e pegajoso, depois voltei pro meu quarto pra botar as pletas noturnas. Depois, luzindo, penteado, escovado e lindo, sentei pra pegar o meu lontique de torta. Papapá falou:

- Não é que eu queira me meter, meu filho, mas onde exatamente você vai trabalhar à noite?

- Ah - mastiguei eu - são principalmente umas coisas avulsas, uns biscates, aqui e ali, onde aparece. -Eu lhe lancei um olhar feio direto, como pra dizer pra cuidar da dele que eu cuidava da minha. - Eu nunca peço dinheiro, peço? Nem pra roupa, nem pra diversão. Pois então, pra que perguntar?

Meu pai era assim muito humildezinho. - Desculpe, meu filho - disse ele - mas é que às vezes eu fico preocupado. As vezes eu tenho sonhos. Pode rir, se quiser, mas há muita coisa nos sonhos. Essa noite eu sonhei com você e

não gostei nada do que sonhei.

- Ah, é? -Agora ele tinha me deixado interessovatado sonhando comigo daquele jeito. Eu tinha a sensação de ter tido um sonho também, mas não conseguia me lembrar direito. - Que foi? - disse eu parando de mastigar a minha torta grudenta.

- Era muito vivido - disse meu pai. - Eu vi você caído deitado na rua, você tinha levado uma surra dos outros rapazes. Os rapazes eram assim como aqueles com quem você andava antes de ser mandado pra escola correcional.

- Ah, é? - Eu sorria por dentro com essa, papapa acreditando que eu tinha sido realmente reformado ou acreditando que acreditava. E aí eu me lembrei do meu próprio sonho, que era o daquela manhã, com Georgie dando as suas ordens de general e o Tapado esmecando à volta desdentado enquanto brandia o chicote. Mas, uma vez me tinham dito que os sonhos funcionam ao contrário. - Não te preocupes com o teu único filho e herdeiro, ó meu pai - disse eu. - Não temas. Ele sabe se garantir, deveras.

- E - disse meu pai - você estava indefeso e ensangüentado e não podia mais reagir. - Eram realmente ao contrário, portanto eu dei outra risadinha malenque interior e aí tirei todo o dengue dos meus cármans e botei pra tilintar em cima da toalha da mesa suja de molho. E falei:

- Olha, pai, isso aí não é muito. Foi o que eu ganhei Ontem à noite. Ma talvez dê pro escocês, pra você e mamãe pitarem aconchegados em algum lugar.

Obrigado, meu filho - disse ele. - Mas agora a gente quase não sai. Não se tem coragem de sair, as ruas estando do jeito que estão. Rapazes desordeiros e tudo isso. Mesmo assim, obrigado. Amanhã eu vou trazer pra casa, pra ela, uma garrafa de qualquer coisa. - E rapou o tutu malganho pra dentro dos cármans da calça, mamãe tchistando os pratos na cozinha. E eu saí, distribuindo sorrisos amáveis.

Quando cheguei ao pé da escada do edifício, eu fiquei algo surpreso. Fiquei mais do que isso. Escancarei assim a rote como se estivesse dando um baita bocejo. Eles tinham vindo ao meu encontro. Estavam esperando perto da pintura municipal toda escalavrada, representando a nagói dignidade do trabalho, veques e tchinas pelados e austeros, comandando as engrenagens da indústria, como eu disse, com toda aquela sacanagem rabiscada nas rotes por maltchiques travessos. O Tapado estava com um bastão grosso e comprido de lápis de cera preto, traçando enormes eslovos feios em cima da

nossa pintura municipal, enquanto ia soltando a sua famosa gargalhada - hu hu hu hu hu. Mas se voltou quando Georgie e Pete me deram o como é que é, mostrando os zumbes brilhantes e drugues, e aí buzinou: - Tamos aí, chegamos, oba, oba, oba - e fez umas piruetas desajeitadas.

- Nós ficamos preocupados - disse Georgie. - A gente ficou lá esperando e pitando o nosso molocozinho com facas, você podia ter ficado ofendido com alguma véssiche, então a gente veio até o seu domicílio. Está certo, Pete, certo?

- Ah, é, certo - disse Pete.

- Desculpas - disse eu, cauteloso. - Eu tive aí uma dor de gúliver e tinha que dormir. Não me acordaram na hora que eu tinha dado ordem. Mas estamos aí, prontos para o que a nótchi nos oferece, não é? - Parece que eu tinha pego aquele "não é? "do P. R. Deltoid, meu consultor pós-correcional. Muito estranho.

- Pena essa dor de cabeça - disse Georgie assim muito preocupado. - Assim usando o gúliver demais, talvez.

Dando ordens e disciplina e coisas assim, talvez. Tem certeza de que não vai se sentir mais feliz se voltar pra cama? - E todos fizeram um ar de risco malenque.

- Espera aí - disse eu. Vamos esclarecer tudo direitinho. Esse sarcasmo, se se pode chamar assim, não fica bem em vocês, ó meus amiguinhos. Talvez vocês tenham tido um govoritezinho tranqúilo pelas minhas costas, fazendo as suas piadinhas e coisa e tal. Como eu sou drugue e chefe de vocês, é claro que eu tenho o direito de saber o que está acontecendo, não é? Como é, ô Tapado, o que é que prenuncia esse riso á guisa de bocejo de cavalo? - Porque oTapado estava de rote aberta, numa espécie de esmeque bezúmine, sem som.

Georgie atalhou, muito escorre:

- Tá bom, não implica mais com o Tapado. Isso faz parte das novas normas.

- Novas normas? disse eu. - Que negócio é esse de novas normas? Houve muito falatório enquanto eu estava de costas, dormindo, não tem como errar. Deixem eu esluchar mais. - E cruzei os rúqueres e me apoie confortavelmente pra ouvir, no corrimão quebrado da escada, estando eu ainda mais alto do que eles, os meus drugues, como se intitulavam, no terceiro degrau.

- Não se ofenda, Alex - disse Pete -, mas nós queremos fazer as coisa

assim mais democráticas. Não assim você dizendo o que que pode e o que que não pode, o tempo todo. Mas não se ofenda.

Georgie falou:

- Isso não é ofensa coisa nenhuma. E uma questão de quem tem idéias Que idéias é que ele teve? - E mantinha os glazes muito ousados fixos em mim. - E tudo troço pequeno, véssichezinhas malenques, como ontem à noite. Nós estávamos crescendo, irmãos.

- Mais - disse eu. - Deixa eu esluchar mais.

- Bom - disse Georgie -, Se você quer ouvir, então vai ouvir. Agente i por aí, crastando lojas e coisas assim e sai com um ruqucado lastimável de cortador cada um. E fica o Will o Inglês no café Muscleman dizendo qu recepta qualquer coisa que qualquer maltchique se dê ao trabalho de crastar. O vil metal, a gaita - disse ele, ainda com Os glazes frios em cima de mim.

- O dinheiro muito, muito, muito alto está disponível, é isso que o Will o Inglês diz.

- Ah - disse eu, muito à vontade por fora, mas muito rasdraz por dentro, desde quando você anda de carne e unha com o Will o Inglês?

- De vez em quando - disse Georgie. - Eu circulo muito, quando estou no meu odinoque. Como no último Sabá, por exemplo. Eu tenho direito à minha djísene, certo, druguinho?

Eu pouco estava ligando para tudo aquilo, meus irmãos. - E o que é que vocês vão fazer - disse eu - com o muito, muito, muito tutu, ou dinheiro, como você chama tão bombasticamente? Vocês não têm todas as véssiches que querem? Se vocês precisam de um carro, é só colher no pé. Se precisam de tutu, é só pegar. Por que esse súbito chilarne de passar a grande capitalista barrigudo?

- Ah - disse Georgieie -, ás vezes você pensa e govorita como se fosse uma criancinha. - O Tapado fez hu hu hu com essa. - Hoje à noite a gente vai dar uma crastada de adulto.

Meu sonho tinha contado a verdade então... Georgie, o general, dizendo o que a gente devia ou não devia fazer, o Tapado de chicote, um buldogue sorridente e desmiolado. Mas eu agia com cuidado, com muito cuidado, o máximo, dizendo, sorrindo: - Ótimo. Horrorshow mesmo. A iniciativa chega àqueles que sabem esperar. Eu lhe ensinei muita coisa, meu druguinho. Agora me diga o que está querendo fazer, Georgito.

- Ah - disse Georgie com um sorriso astuto e ardiloso , primeiro um moloco-com, você não acha? Alguma coisa pra nos deixar acesos, cara, e

você principalmente, que a gente vai começar com você.

- Você govoritou meus pensamentos por mim - disse eu sorrindo. - Eu já ia sugerir o velho Korova. Muito bem, muito bem, muito bem. Lidere Georginho. - E eu fiz assim uma profunda curvatura sorrindo que nem bezúmine, mas pensando o tempo todo. Mas, quando saímos pra rua, eu videei que pensar é pros glupes e que os úmines usam a inspiração e o que Bog manda. Porque agora era linda música que vinha em meu auxílio.

Tinha um carro itando perto e o rádio estava ligado e eu consegui esluchar um compasso ou dois de Ludwig van (era o Concerto para Violino último momento) e videei no mesmo instante o que tinha a fazer. Falei, assim com uma golosse pesada e profunda: - Certo, Georgie, agora - e saque zunindo a minha britva de degolar. Georgie disse "Ahn?", mas era bastante escorre com a noje dele, a lâmina pulando rápida de dentro do cabo, e partimos um pro outro. O Tapado falou: - Ah, isso não tá legal não! - e fez menção de desenrolar a corrente da cintura, mas Pete falou, botando a mão firme em cima do Tapado: - Deixa eles. Assim é que tá certo. - Aí então Georgie e aqui o Vosso Humilde ficaram naquela silenciosa dança de gato procurando aberturas, um conhecendo o estilo do outro um pouco horrorshow demais até, de vez em quando Georgie dando golpes perigosos com a sua noje reluzente, mas sem me tocar. E esse tempo todo as líudes passavam e videavam tudo isso, mas metiam-se com a deles, aquilo sendo talvez uma cena de rua bastante comum. Mas aí eu contei ôdin, dva, tri e fui zape zape zape com a britva, se bem que não ao litso ou aos glazes, mas ao rúquer de Georgi e que segurava a noje e, meus irmãozinhos, ele soltou. soltou. Deixou cair a sua noje com um tlinqueliaque na calçada dura de inverno. Eu só tinha feito uma cosquinha nos dedos dele com a minha britva e lá estava ele olhando paira a malenque goteirinha de crove que estava se averjuelhando à luz do poste. -

Agora - disse eu, e desta vez era eu que estava começando, porque Pete tinha dado o soviete ao Tapado de não desenrolar a uze e o Tapado tinha acatado, agora, Tapado, vamos tu e eu resolver isso agora, vamos nós? - O

Tapado fez "Aaaiaaaargh", como se fosse um bolche animal bezúmine, e tirou a corrente da cintura como uma cobra, muito horrorshow e escorre, aí a gente tinha que admirar. Agora, a posição certa pra eu ficar era abaixado, que nem na dança do sapo, pra proteger o litso e os glazes, e foi o que eu fiz, irmãos. poir isso o coitado do Tapado ficou um malenque surpreso, que ele estava acostumado a dar a chicotada direto na cara, lape lape lape. Agora,

devo dizer que ele me deu uma lambada horrível nas costas, que me deu uma dor bezúnime, mas aquela dor me aconselhou a abrir caminho escorre e de uma vez por todas e terminar com o Tapado. Então eu zuni a britva no noga esquerdo dele, na parte mais apertada da malha, abri duas polegadas de roupa e arranquei uma quantidade malenque de crove, o bastante para deixar o Tapado bezúmine de verdade. Então, enquanto ele fazia au au au que nem um cachorrinho, eu tentei o mesmo lance usado com Georgie, botando as bolas todas na caçapa de uma jogada só, pra cima, cruzado e corta - e eu senti a britva entrar suficientemente fundo no bife do pulso do Tapado, e ele deixou cair a uze serpenteando, berrando feito uma criancinha. Aí, ele tentou beber de volta todo o sangue do pulso e uivar ao mesmo tempo, e tinha crove demais pra beber e ele fazia blube blube blube blube, o vermelho assim jorrando lindo que nem uma fonte, mas não por muito tempo. Eu falei:

Certo, meus druguinhos. Agora nós já sabemos. Sim, Pete?

- Eu nunca falei nada - disse Pete. - Não govoritei nem um eslovo. Olha o Tapado vai sangrar até morrer.

- Nunca - disse eu. A gente só morre uma vez. O Tapado morreu ante de nascer. Esse crove vermelho vermelho vai parar logo. - Porque eu não tinha cortado assim os vasos principais. E eu mesmo tirei um tachetuque limpo do meus cárman pra enrolar o rúquer do pobre Tapado moribundo, uivando e gemendo que ele estava, e o crove parou como eu tinha dito, ó meus irmãos. Aí eles ficaram sabendo quem era o mestre e o líder, carneiros, pensei eu.

Não demorou muito pra acalmar esses dois soldados feridos no aconchego do Duke of New York, com grandes conhaques (pagos com o cortador deles, que o meu eu tinha dado todo pro meu pai) e uma limpeza com os tachetuques molhados na jarra d'água. As ptitsas velhas com quem a gente tinha sido tão horrorshow na noite da véspera estavam lá de novo, fazendo "obrigada, meninos" e "Deus abençoe vocês, moços" como se não pudessem parar, se bem que a gente não tivesse repetido a ação sâmie com elas. Mas Pete disse: - O que é que vai ser, garotas? - e pagou cerveja preta pra elas, que ele parecia estar com um bocado de tutu nos cármans, ai elas continuaram mais alto do que nunca com o seu "Deus abençoe e guarde vocês, rapazes" e "os melhores rapazes que ainda estão com vida, isso é o que vocês são". Finalmente, eu disse pro Georgie:

- Agora a gente está como antes, não é? Tudo como antes e tudo

esquecido, certo?

- Certo, certo, certo - disse Georgie. Mas o Tapado ainda parecia un pouco atordoado e até disse:

- Eu podia ter apanhado aquele puto com a minha uze, sabe, mas teve um veque que ficou no meio - como se ele tivesse estado dratsando não comigo, mas com um outro maltchique qualquer. Eu disse:

- Bom, Georgito, o que era que você estava planejando?

-Ah - disse Georgie -, hoje à noite não. Por favor, não esta nótchi.

- Você é um tcheloveque grande e forte - disse eu -, como todos nós. Nós não somos criancinhas, somos, Georgito? O que então planejando estavas tu?

- Eu podia ter dado uma correntada nos glazes dele bem horrorshow - dizia o Tapado, e as velhas babúchecas ainda estavam no ar com "obrigada, moços".

- Era aquela casa, sabe? - disse Georgie. - A que tem duas lâmpadas do lado de fora. Aquela assim que tem o nome glupe.

- Que Mansão?

- A Mansão, ou o Solar, ou uma glupice dessas. Onde mora aquela ptits muito estarre com seus gatos e todas aquelas véssiches velhas valiosas.

- Como o quê?

- Ouro, prata e jóias. Foi Will o Inglês que falou.

- Estou videando - disse eu - estou videando horrorshow. - Eu sabia do que é que ele estava falando -

Oldtown, logo depois do edifício Victoria. Bem, o chefe realmente horrorshow sempre sabe quando dar e mostrar generosidade para com os seus subordinados. - Muito bem, Georgie - disse eu. - Uma boa idéia, que merece ser executada. Vamos itar imediatamente. - E enquanto a gente saía, as velhas babúchecas diziam:

- Nós não vamos dizer nada, rapazes. Nós ficamos aqui o tempo todo que vocês ficaram. - Aí eu disse: - Boas meninas. Agente volta pra pagar mais dentro de dez minutos. - E levei os meus três drugues pra fora e para a minha danação.

Capítulo 6

Um pouco adiante do Duke of New York, indo pro leste, tinha escritório e depois a estarre bíblio surrada e depois tinha um bolche prédio de apartamentos chamado Edifício Victória, por causa de uma vitória qualquer, e depois a gente chegava às casas estarres da cidade, no lugar que era por isso chamado Oldtown. Aqui é que se encontravam os domes antigos mais horrorshow, meus irmãos, com liúdes estarres morando, tipo coronéis velhos magros e de bastãozinho falando aos latidos e velhas ptitsas viúvas e damas estarres surdas, com gatos, que não tinham jamais sentido o toque de um tcheloveque em toda a sua djísene de pureza. E aqui, é verdade, tinha véssiches estarres que pegariam o seu quinhão de cortador no mercado dos turistas, como quadros e jóias e toda essa quel estarre pré-plástica desse tipo. Então nós chegamos muito devagarzinho a essa casa chamada Solar e tinha globos de luz em hastes de ferro do lado de fora assim guardando a porta da frente de cada lado, e tinha uma luz fraca num dos quartos, no andar de baixo, e a gente foi até um pedaço da rua escura espiar pela janela o que é que estava itando lã dentro. A janela tinha barras de ferro do lado de fora, como se a casa fosse uma prisão, mas a gente videava direitinho o que é que estava itando.

O que estava itando é que aquela ptitsa estarre, de volosse muito grisalho, e um litso muito enrugado, estava botando moloco de uma garrafa em pires e depois botando esses pires no chão, de modo que já se sabia que tinha uni bocado de cotes e cóchecas miando e se enroscando ali por baixo. E a gente podia videar um ou dois gordos que nem umas escotinas pulando pra cima da mesa, as rotes abertas fazendo mé mé mé. E se videava a babúcheca velha respondendo a eles, govoritando tatebitate assim com os bichaninhos. No quarto, dava pra videar uma porção de quadros antigos nas paredes e relógios estarres muito elaborados e também alguns vasos e ornamentos que pareciam estarres e dorogóis. Georgie sussurrou: - Tem coisa aí que dá um dengue horrorshow de alto, irmãos. Will o Inglês está seco atrás disso. - Pete falou: - Entrar como?

- Agora era comigo e escorre, antes que Georgie começasse a dizer como - A primeira véssiche – murmurei - é tentar o caminho normal, pela frente. Eu vou, muito educado, e digo que um dos meus drugues teve assim um desmaio esquisito no meio da rua. O Georgie pode ficar pronto pra aparecer

fazendo esse papel quando ela abrir a porta. Depois, pedir água, ou pra telefonar pro doutor. Aí, a gente entra fácil. - Georgie falou:

- Pode ser que ela não abra. - Eu disse:

- Agente tenta, não é? - Ele deu de ombros, fazendo boca de sapo. Então eu disse a Pete e ao Tapado: - Vocês, drugues, ficam um de cada lado da porta. Certo? - Eles menearam a cabeça na penumbra, certo, certo, certo. -

Então... - disse eu pro Georgie, e saí sem rebouços, direto à porta da frente. Tinha um cordão de campainha e eu puxei e soou brrrr brrrr dentro do vestíbulo. Seguiu-se assim uma sensação de silêncio, como se a ptitsa e seus cóchecas estivessem todos de ouvidos voltados pro brrrr brrrr, intrigados. Aí, eu puxei o esvonoque com um pouco mais de urgência. Depois abaixei até à caixa das cartas e clamei com uma golosse assim refinada:

- Auxilio, minha senhora, por favor. Meu amigo acaba de ter um mal-estar no meio da rua. Deixe-me telefonar para um médico, por favor. - Então eu pude videar uma luz sendo acesa no vestíbulo e ouvir as nogas da babúcheca velha com os chinelos fazendo lepe lepe para mais perto da porta da frente e me veio a idéia, não sei por quê, de que ela carregava um gatarrão enorme debaixo de cada braço. Então ela retrucou assim numa golosse surpreendentemente grossa:

- Vá-se embora. Vá-se embora ou eu atiro. - Georgie ouviu e ficou com vontade de rir. Eu disse, com sofrimento e pressa na minha golosse de cavalheiro:

- Por favor, me ajude, minha senhora. Meu amigo está muito doente!

- Vá-se embora respondeu ela. - Eu conheço esses seus macetes pra me fazer abrir a porta e comprar coisas que eu não quero. Olhe o que eu estou dizendo: vá-se embora. - Que era uma inocência muito linda, lá isso era. - Vá-se embora - repetiu ela - ou eu atiço os meus gatos em cima de você.

Ela era um malenquezinho bezúnime, percebia-se, à força de passar a djísene completamente no odinoque. Eu aí olhei pro alto e videei que tinha uma folha de janela basculante acima da porta de entrada e que seria muito mais escorre dar só aquela subida no pletcho de alguém e entrar assim. Senão ia ficar aquela discussão a nótchi inteira. Então eu disse:

- Muito bem, minha senhora. Se a senhora não quer me ajudar, eu vou ter que levar o meu amigo doente a outra casa. - E pisquei o olho pros meus drugues, todos afastados e calados, só eu gritando. "É, amigo, na certa você há de encontrar alguma boa samaritana em outro lugar qualquer. Esta

senhora talvez não tenha culpa de ser tão desconfiada, com tanto patife e salafrário à solta no meio da noite. Não, não tem não." Então nós tornamos a esperar na escuridão e eu sussurrei: Certo. Voltem pra porta. Eu trepo no pletchos do Tapado.

Abro aquela basculante e entro, drugues. Aí apago a velha e abro pra todo mundo. Sem problema. - Porque eu estava mostrando que era o chefe, o tcheloveque que tinha as idéias. - Olha - disse eu -, tem um ressalto de pedra em cima daquela porta que é um horrorshow, um degrau pros meus nogas. - Eles videaram tudo aquilo talvez admirando, pensei eu, e acenaram com a cabeça certo, certo, certo, no escuro.

Portanto, de volta à porta, na ponta dos pés. O Tapado era o nosso maltebique parrudo, e Pete e Georgie me levantaram assim até os seus bolche e másculos pletchos. Durante esse tempo todo, oh graças aos programas mundiais da glupe TV e mais ainda aos temores noturnos das líudes por falta de guarda noturna, desertas estavam as ruas. Lá em cima dos pletchos do Tapado, eu vi que o ressalto acima da porta agüentava lindamente as minhas botas. Coloquei o joelho, meus irmãos, e lá estava eu. A janela, como eu esperava, estava fechada, mas eu puxei da minha britva e parti o vidro da janela com jeitinho, usando o cabo de osso.

Enquanto isso, embaixo, meus drugues respiravam forte. Aí eu enfie meu rúquer pelo buraco do vidro e fiz a metade inferior da folha da janela subir como uma vela de barco, macio e lindo. E estava assim entrando no banheiro, dentro. E lá estavam meus carneiros embaixo, de rote aberta olhando pra cima, ó irmãos.

Eu estava numa escuridão de dar caneladas, cheia de camas e armários e banquetas bolches e pesadas e pilhas de caixas e livros tudo à volta. Mas eu avançava virilmente em direção à porta do quarto onde me achava, vendo uma fresta de luz embaixo. A porta fez iiiiiiiiúc e aí eu estava num corredor empoeirado, cheio de outras portas. Esse desperdício todo, meus irmãos, quer dizer, todos esses quartos e só uma dona estarre e seus bichanos, mas talvez os cotes e cóchecas tivessem assim quartos separados e passassem a creme e cabeça de peixe, que nem rainhas e príncipes. Eu estava ouvindo a golosse abafada da ptitsa velha, embaixo, dizendo: 'É, é, é, isso mesmo", mas ela devia estar govoritando com aqueles malandros miadores fazendo meeeeé pra ganhar mais moloco. Aí eu vi a escada que descia pro vestíbulo e pensei comigo mesmo que eu ia mostrar àqueles meus drugues volúveis e inúteis que eu valia pelos três deles juntos e mais alguém. Eu ia fazer tudo

no meu odinoque. Eu ia executar a ultraviolência em cima da ptitsa estarre, e dos seus bichaninhos se fosse preciso, e aí ia apanhar belos ruqucados do que parecesse troço assim polésine de verdade e ia valsar até a porta da frente e abrir, fazendo chover ouro e prata em cima dos meus drugues que esperavam. Eles precisavam aprender tudo sobre liderança.

Então eu itei pra baixo, lento e leve, admirando no vão da escada quadros gréjines de antigamente - devótchecas de cabelo comprido e golas altas, assim o campo com árvores e cavalos, o santo veque barbudo todo nagói pendurado numa cruz. Eu sentia um vone azedo de gato e de peixe e de poeira estarre naquele dome, diferente do dos apartamentos. E aí eu estava no andar de baixo e conseguia videar a luz daquele quarto da frente onde ela tinha estado distribuindo moloco aos cotes e cóchecas. E mais, eu conseguia videar aquelas enormes escotinas peludas entrando e saindo de rabo abanando e se esfregando na beira da porta. No armário assim grande, de madeira, eu podia videar na penumbra uma estatueta malenque, lindai que brilhava à luz do quarto, e crastei pra min, porque era uma devótcheca magra, de pé sobre um noga só, com os rúqueres estendidos, e eu estava vendo que era de prata. Logo, eu estava com ela na mão quando entrei no quarto iluminado dizendo: - Oba oba oba. Finalmente nos eu encontramos Nosso breve govorite através da caixa das cartas não foi, digamos, satisfatório, não é? Vamos confessar que não, ah, realmente não, sua bruxa estarre fedorenta. - E fiquei assim piscando pra luz do quarto e a velha ptitsa que estava dentro. Estava tudo cheio de cotes e cóchecas engatinhando pra cima e pra baixo no tapete, com pedacinhos de pêlo flutuando na parte rente ao chão, e aquelas escotinas gordas eram de diversas formas e cores, pretos brancos, ruivos, cinzentos, cor de gengibre, de casca de tartaruga, e de todas as idades também, de maneira que tinha gatinhos pequenos brincando uns com os outros, e tinha bichanos já adultos e tinha uns estarres trôpegos muito mal-huniorados. A sua dona, a ptitsa velha, olhou pra mim feroz como um homem e falou:

- Como foi que você entrou? Fique longe de mim, seu sapinho malfeitor ou eu lhe bato!

Com essa, eu dei uni esmeque horrorshow, videando que ela empunhava, com o rúquer cheio de veias, uma sebenta bengala de madeira, que levantou pra mim me ameaçando. Aí, botando os zubes de fora, eu itei um pouco mais perto dela, sem pressa, e no caminho eu vi uma véssichezinha muito linda, a véssiche malenque mais linda que um

maltichique amante de música como eu jamais tinha esperado videar com seus glazinhos e que era assim o gúliver e os pletehos de Ludwig van em pessoa, o que chamam de busto, uma véssiche em pedra, com cabelos compridos, olhinhos cegos e a grande gravata enfunada. Eu parti pra ele na hora, dizendo:

"Puxa, que lindo, e todinho pra mim!" Mas, itando em direção a ele com os olhos assim grudados nele e com o rúquer cúpido esticado, eu não vi os pires de leite no chão e pisei num deles, perdendo o equilíbrio. "Uui!", fiz eu, tentando me aprumar mas a ptitsa velha tinha vindo por detrás de mim, muito astuta e muito escorre pra idade dela, e toque toque no meu gúliver com a bengala. Eu me vi de quatro, tentando me levantar e dizendo:

"Feia, feia, feia!", e ela continuava toque toque dizendo:

"Seu piolhozinho de favela, invadindo casa de gente de verdade!" Eu não gostei dessa igra de toque toque, então agarrei a ponta da bengala dela, assim que desceu de novo, e aí ela perdeu o equilíbrio e tentou se firmar na mesa, mas quando a toalha da mesa caiu com uma jarra de leite e uma garrafa de leite que primeiro ficou de porre e depois espalhou esploche branco em todas as direções, aí ela caiu no chão grunhindo: "Seu amaldiçoado, você vai sofrer." Agora, a gataria estava aterrorizada, correndo e pulando em pânico, uns botando a culpa nos outros, dando toltchoques de gato com a lapa e ptaaaaá e grrrrrrr e crrrrrrac. Eu me pus em cima dos nogas e lá estava aquela horrenda forela estarre vingativa com os gravetos tremendo e grunhindo enquanto tentava se levantar do chão, então eu lhe dei um pontapé bem ,malenque no litso e disso ela não gostou, gritando "uaaaaá", e videavase o seu litso enodoado e cheio de veias ir ficando violáceo no lugar onde eu acertei o noga.

No que eu recuei do pontapé, devo ter pisado no rabo de um dos bichanos que estavam critchando e dratsando, porque eu eslutchei um gronque iaaaaaauuuuu e verifiquei assim que pele, dentes e garras tinham se amarrado na minha perna, e lá estava eu xingando e tentando sacudir fora, segurando a malenque estatueta de prata num rúquer e tentando subir em cima da ptitsa velha no chão pra alcançar o lindo Ludwig van assim de cenho de pedra franzido. E aí eu caí dentro de outro pires cheio de cremoso moloco até a beira e quase saí voando de novo, a véssiche toda realmente muito engraçada se se pudesse imaginá-la eslutchatando a outro veque qualquer que não o Vosso Humilde Narrador. E aí, a ptitsa estarre, no chão se esticou por cima de toda a gataria que estava dratsando e uivando e

agarrou o meu noga, ainda fazendo "uaaaaaá" pra mim e, estando o meu equilíbrio já comprometido, eu realmente desabei dessa vez, em cima do leite esplochado e da gataria que lanhava, e a forela começou a me socar no litso, estando nós ambos no chão, critchando: Bate nele, dá uma surra nele, arranca as unhas dele, desse besouro venenoso! - dirigindo-se apenas aos seus bichanos, e aí, como que obedecendo à ptitsa estarre, um par de cochecas trepou em cima de mim e começou a me arranhar que nem bezúmines. Aí eu próprio fiquei bezúmine, dei porrada neles, mas a tal babúcheca disse: - Seu sapo, não toque nos meus gatinhos - e assim arranhou o meu litso. Aí eu critchei: - Sua sunca velha imunda! - e levantei a estatueta malenque de prata e rachei-lhe um bom toltchoque no gúliver que fez ela calar a boca muito horrorshow, uma beleza.

Mas agora, enquanto eu me levantava do chão, entre os cotes e as cóchecas, o que eu esluchava em apenas o velho chume de sirene do carro da polícia, à distância, e comecei a compreender que a forela velha dos bichanos tinha falado com os milicentes pelo telefone, enquanto eu estava pensando que ela govoritava com os miadores, que ela já tinha ficado com o desconfiômetro fervendo quando eu puxei o esvonoque fingindo precisar de ajuda. Portanto agora, esluchando o temível chume do furgão dos rodzes, eu disparei pra porta da frente e tive que rabitar um bocado desfazendo todas as fechaduras correntes, trincos e outras vessiches de segurança. Aí, consegui abrir e quem é que estava no umbral senão o Tapado, eu mal tendo tempo de videar os meus outros dois supostos drugues se mandando

- Vamos - critchei pro Tapado. Os rodzes vêm aí! - O Tapado falou: - Você fica pra receber eles, hu hu hu hu hu - então eu videi que ele estava com a uze solta e aí ele levantou ela e silvou uishhhhh e me deu uma correntada suave e artística assim nas pálpebras, que eu mal tive tempo de fechar. Aí fiquei uivando às tontas, tentando ver com aquela dor de uivar mesmo, e o Tapado falou: - Eu não gosto que você tenha feito que nem fez, druguinho velho. Não foi legal não, me encestar do jeito que você fez, brete! - E aí esluchei as suas botas boiches e massudas se mandando, ele fazendo hu hu hu hu nas sombras, e só uns sete segundos depois foi que eu esluchei o furgão dos milicentes chegar, com um enorme uivo de sirene, asqueroso, morrendo, que nem um animal bezúmine dando a pitada. Eu também estava uivando e assim à deriva, e batendo com o gúliver nas paredes do vestíbulo, que os meus glazes estavam apertados e o caldo escorrendo deles,

uma agonia. Portanto, lá estava eu, tateando no vestíbulo, quando os milicentes entraram. Eu não podia videar eles, é claro, mas podia esluchar e, merda, podia sentir o vone dos putos, e logo logo pude sentir os putos quando eles engrossaram e me deram aquela torcida de braço, me levando pra fora. Eu também esluchei uma golosse de milicente falando do quarto de onde eu tinha saído, comi todos os cotes e cóchecas dentro: - Ela levou uma pancada feia mas está respirando - e o tempo todo se ouviam os miados altos.

- Mas isso é realmente um prazer - ouvi outra golosse de milicente dizer enquanto eu era toltchocado com força e escorre pra dentro do carro. - O Alexinho todinho pra nós! - Eu critechei:

- Eu estou cego, Bog que dê cabo de vocês, seus gréjines filhos da puta!

- Que linguagem, que linguagem... - esmecou uma golosse, e aí eu levei um tolchoque de costas de mão com um anel qualquer bem no meio da rote. Eu disse:

- Bog mate vocês, seus brétchenes fedorentos. Onde estão os outros? Onde estão meus drugues traidores fedorentos? Um dos meus malditos bretes gréjines me deu uma correntada nos glazes. Pegues eles antes que eles fujam. Foi tudo idéia deles irmãos. Eles é que me obrigaram a fazer isso. Eu sou inocente, Bog que estraçalhe vocês!

Nessa altura eles estavam todos dando uma boa esmecada assim com toda a grosseria à minha custa e me toltchocando pra traseira do carro, mas eu continuava falando nos meus falsos drugues e videei que não ia adiantar, porque já deviam estar de volta ao aconchego do Duke of New York empurrando cerveja preta e escoceses duplos nos gorlos das ptitsas estarres e fedorentas, elas sem protestar e dizendo: "Obrigada, rapazes.

Deus abençoe vocês, moços. A gente ficou aqui o tempo todo que vocês ficaram, rapazes. Não saíram da nossa vista, não."

O tempo todo a gente ia sirenando em direção à loja dos rodzes, eu imprensado entre dois milicentes e levando uns tecos e outros e toltchoques malenques dos dois brutamontes que esmecavam. Então eu descobri que podia entreabrir as pálpebras um malenquinho e videar assim entre lágrimas uma espécie de cidade líquida passando, as luzes como se tivesse corrido umas pras outras. Agora eu conseguia videar com os glazes doridos os dois milicentes esmecantes que iam atrás comigo e o motorista de pescoço fino e o filho da puta de pescoço grosso do lado dele, esse último me dirigindo um govorite muito sarca, dizendo: - Então, Alexito, temos pela frente uma

noitada agradável juntos, não temos não?

- Como é que você sabe o meu nome, seu mastodonte vonento? Que Bo te mande pro inferno, seu gréjine brétchene, seu bosta. - Então todos eles esmecaram com essa e eu tive o meu uco assim torcido por um dos milicentes fedorentos que iam atrás comigo. O de pescoço grosso. que não ia guiando, falou:

- Todo mundo conhece Alexinho e seus drugues. O nosso Alex ficou ur menininho muito famoso.

- Foram aqueles outros - critchei eu. - O Georgie, o Tapado e o Pete Meus drugues, esses filhos da puta não são.

- Bom - disse o de pescoço grosso -, você vai ter a noite toda pela frente pra contar a história toda das ousadas proezas desses jovens cavalheiros e de como eles levaram o pobre inocente do Alex pelo mau caminho. - Aí teve c chume de outra sirene da polícia passando pelo nosso carro, só que indo pro outro lado.

- Isso é praqueles filhos da puta? - disse eu. - Eles estão sendo agarrados pelos filhos da puta do lado de vocês?

- Aquilo - disse o de pescoço grosso - era uma ambulância. Com certeza pra sua vítima, seu safado nojento, desgraçado.

- Foi tudo culpa deles - critchei eu, piscando meus glazes doloridos. - Os putos devem estar pitando no Duke of New York. Peguem eles, porra, seu bestas fedorentos!

- E teve mais esmeques e outro toltchoque malenque, ó meus irmãos, na minha rote dolorida. E aí chegamos à loja dos rodzes e eles me ajudaram a sair do carro aos pontapés e empurrões e me toltchocaram escada acima e eu sabia que ia ter tudo menos lealdade, de parte daqueles gréjines brétchenes duma figa, Bog que os fulmine.

Capítulo 6

Me arrastaram praquele cantora todo caiado de branco, muito iluminado, e tinha um vone forte que era uma mistura assim de vômito, mictório, cerveja podre e desinfetante, tudo vindo dos xilindrós próximos. Ouviam-se alguns dos plenes nas suas celas, praguejando e cantando e eu achei que estava esluchando um que berrava: E eu voltarei para o meu amor, meu amor,

Quando você, meu amor, for embora.

Mas tinha as golosses dos milicentes dizendo a eles pra calar a boca e esluchava-se até o esvuque de alguém sendo toltchocado realmente horrorshow e fazendo ó e era assim a golosse de uma ptitsa estarre bêbeda e não de homem. Comigo, no cantora, estavam quatro milicentes, todos tomando um bom pite ruidoso de tchai forte, um grande bule estava em cima da mesa e eles chupando e arrotando por cima de suas boiches canecas imundas. Não me ofereceram. Tudo que me deram foi um espelho estarre e ordinário pra eu me olhar, e de fato eu não era mais o vosso jovem e belo Narrador, mas uma visão estreque, minha rote inchada, meus glazes completamente vermelhos e meu nariz também um pouco encalombado. Todos eles soltaram um esmeque horrorshow quando videaram minha consternação, e um deles falou: - Assim o jovem pesadelo do amor. - E a entrou um milicente graduado, com estrelas nos pletchos, pra mostrar que estava alto alto alto, e ele me videou e disse: - Hum. - Aí então eles começaram. Eu disse:

Eu não vou falar um único eslovo pra amostra, a menos que meu advogado esteja aqui. Eu conheço a lei, seus putos. - Naturalmente todos eles deram um gronque esmeque com isso, e o milicente estrelar falou:

- Muito bem, moçada, vamos começar por mostrar a ele que nós também conhecemos a lei, mas que conhecer a lei não é tudo. - Tinha assim uma golosse de cavalheiro e falava num tom muito cansado e fez sinal de cabeça, com um sorriso muito drugue, prum puto muito gordalhão. O puto gordalhão tirou a túnica e videavase que uma baita barriga estarre ele tinha. Aí, ele veio na minha direção, não muito escorre, e quando abriu a rote, com um esgar de lado, muito cansado, eu podia sentir o vone do chá com leite que ele tinha pitado. Pra rodze ele não estava muito bem barbeado e videavam-se nódoas de suor seco na camisa, debaixo dos braços, e eu podia

sentir aquele vone assim de cera de ouvido vindo dele quando ele se aproximava. Aí, ele fechou o fétido rúquer vermelho e me deu uma bem na barriga, o que era uma sujeira, e todos os outros milicentes esmecaram de estourar com isso, menos o graduado, que continuou com o sorriso assim lasso, como se estivesse entediado. Eu tive de me encostar na parede branca de cal, de modo que o branco ficou todo nas minhas pletes, eu tentando recuperar a respiração, numa grande agonia, e sentia vontade de vomitar a torta grudenta que tinha comido antes, no começo da noite. Mas eu não podia tolerar esse tipo de véssiche de vomitar o chão todo, então eu prendi. Aí eu vi que o capanga banhento estava olhando pro lado dos drugues milicentes, pra dar um esmeque horrorshow com o que tinha feito, então eu levantei meu noga esquerdo e, antes que pudessem critchar pra ele tomar cuidado, acertei-lhe um pontapé lindo e caprichado na canela. Ele abriu o berro, pulando pela sala.

Mas depois disso, todos eles fizeram uma roda, me empurrando de um pro outro, como se eu fosse uma bola sangrenta muito cansada, ó meus irmãos, e me dando socos nos iarbos, na rote e na barriga e me distribuindo pontapés, e então, finalmente, eu tive que vomitar no chão e como um veque realmente bezúmine, eu até falei:

"Desculpem, irmãos, isso não é coisa que se faça. Desculpem, desculpem, desculpem." Mas eles me deram pedaços estarres de gazeta e me fizeram limpar, depois me fizeram passar serragem. E aí me disseram, quase como se fossem velhos e queridos drugues, pra eu ir me sentar, que nós íamos ter um govoritezinho tranqüilo.

E ai o P. R. Deltoid entrou pra dar uma videada, que o escritório dele er no mesmo prédio, com um ar muito cansado e gréjine, e pra dizer:

- Então aconteceu, Alexito, não é? Exatamente como eu previa. Ai ai a ai ai. Não é? Aí voltou-se para os milicentes pra dizer: - Noite, inspetor Noite, sargento. Noite pra todos. E... isso pra mim é o fim da linha, não é? Ai, ai, esse rapaz parece que está muito desmazelado, não está? Olha só o estado dele.

- A violência gera a violência - disse o milicente graduado num tom de golosse muito santo. - Ele resistiu aos seus captores legais.

- O fim da linha, não é? - disse P. R. Deltoid de novo. Olhou pra mir com glazinhos muito frios, como se eu tivesse virado uma coisa e não mais um tcheloveque espancado, muito cansado e sangrento.- Suponho que eu terei que ir ao tribunal amanhã.

- Não fui eu, irmão, Sr. Deltoid - disse eu, um malenquezinho choroso. Fale por mim, senhor, que eu não sou tão mau assim. Eu fui levado pela traição dos outros, senhor.

- Canta como um rouxinol - disse o rodze graduado escarnecendo. - Canta bem, em cima do telhado, lá ele canta.

- Vou falar - disse o frio P. R. Deltoid. - Estarei lá amanhã, não se preocupe.

- Se o senhor quiser dar um murro nos queixos dele, Sr. Deltoid - disse o milicente graduado -, não se acanhe com a gente. A gente segura ele. Ele deve ser outra grande decepção para o senhor.

P. R. Deltoid então fez uma coisa que eu nunca pensei que um homem como ele, que se esperava que transformasse a nós, os mauzinhos, em maltebiques muito horrorshow fizesse, principalmente com aqueles rodzes todos em volta. Ele chegou um pouco mais perto e cuspiu. Cuspiu. Cuspiu em cheio no meu litso e depois limpou a rote molhada de cuspe com o róquer. E eu limpava e limpava e limpava o meu litso cuspido com o meu tachetuque ensangüentado, dizendo: - Muiito obrigado, senhor, muitíssimo obrigado, senhor, isso foi muita bondade sua, muito obrigado. - E aí P. R Deltoid saiu sem mais um eslovo.

Os milicentes então passaram a fazer aquele longo depoimento pra eu assinar e eu pensei comigo mesmo: quero que vocês todos se danem, seus putos, Se vocês estão do lado do bem, então eu fico muito contente de estar do outro lado. - Tá bom - eu disse pra eles. - Seus gréjines brétchenes, seus bostas vonentos. Ouçam, ouçam tudo. Eu não vou mais ficar rastejando de bruço, seus fetos mersques. Onde é que vocês querem que eu comece, seus animais quelentos, vonentos? Desde a minha última correcional? Horrorshow, horrorshow, então lá vai. - Aí eu contei tudo pra ele, e fiz aquele milicente taquígrafo, um tipo de tcheloveque muito quieto e assustado, que não tinha nada de rodze, cobrir páginas e páginas e paginas. Entreguei a ultraviolência, os crastes, as dratsas, o entra-sai-entra-sai, tudo, até chegar à véssiche daquela noite, com a ptitsa estarre bôgate dos cotes e cótebecas miantes. E fiz questão de que os meus supostos drugues estivessem em todas, até o chiieque. Quando eu acabei a tralha toda, o milicente taquígrafo parecia estar meio zonzo, coitado do veque. O rodze graduado falou pra ele, com uma golosse amável:

- Tá, meu filho, sai e toma uma boa xícara de tchai, com calma, e depois bate essa podridão toda à máquina, com um pregador de roupa no nariz,

três cópias. Depois traz pro nosso lindo amiguinho assinar. E você - disse ele pra mim - já pode ser levado para a sua suíte nupcial, com água corrente e todas as comodidades. Tudo certo - na sua golosse cansada a dois dos rodzes tipo durão -, levem ele daqui.

Então eu fui chutado, socado e brutalizado em direção às celas e trancafiado junto com dez ou doze outros plenes, muitos deles embriagados. Tinha veques que eram verdadeiros tipos de bichos ujássines, entre eles um com o nariz todo comido e a rote aberta, que nem um grande buraco preto, um que estava no chão roncando e um visgo escorrendo sem parar da rote, e um que tinha largado toda a quel nas calças. Depois, tinha assim duas bichas que se engraçam ambas comigo e uma delas deu um pulo pras minhas costas e eu tive unia dratsa feia com ela, e o vone que tinha, assim de bebida e perfume barato, me deu vontade de vomitar de novo, só que agora eu estava de barriga vazia, ó meus irmãos. Aí a outra bicha começou a botar os rúqueres em cima de mim e teve uma dratsa cheia de rosnados entre as duas, ambas querendo pegar no meu plote. O chume ficou muito alto, então chegou um par de milicentes e rachou os dois assim com cassetetes e aí os dois sentaram quietos assim olhando pro ar e o crove velho pingando, pim pim pini pim pelo litso de um deles abaixo. Havia catres na cela, mas todos ocupados. Eu subi até o mais alto de uma pilha de catres, tinha quatro em cada pilha e lá estava um veque estarre bêbedo roncando, muito provavelmente içado lá pra cima pelos milicentes. Seja lá como for, eu desci ele de novo, que ele não era tão pesado assim, e ele desabou no chão, em cima de um tcheloveque gordo e bêbedo. e ambos acordaram e começaram a critchar e dar socos um no outro que era patético. Então eu deitei naquela cama vonenta, meus irmãos, e peguei num sono muito cansado. exausto e magoado. Mas não era realmente sono, era como passar para outro mundo melhor. E nesse outro mundo melhor, ó meus irmãos, eu estava num vasto campo, com tudo quanto era flor e árvore, e tinha assim um bode com litso de homem, tocando uma flauta. E então surgiu, como o Sol, o próprio Ludwig van, de litso de trovão e gravata, o volosse revolto pelo vento, e então eu ouvi a Nona, último movimento, com os eslovos um tanto ou quanto misturados, como se até eles soubessem que tinham que estar misturados, já que aquilo era um sonho:

Ó tu, jovem turbulento, glutão do céu,

Carniceiro do Eliseu.

Corações em fogo, alevantados extasiados

Toltchocar-te-mos na rote e chutaremos

Teu gréjine, vonento rabo.

Mas a melodia estava certa, como eu soube quando estava sendo acordado dois ou dez minutos ou vinte horas ou dias ou anos mais tarde, meu relógio tinha sido levado. Tinha um milicente assim milhas e milhas lá embaixo e ele estava me espetando uma vara comprida com um prego na ponta, dizendo:

- Acorda, meu filho. Acorda, minha beleza. Acorda pra enfrentar o pior - Eu disse:

- Por quê? Quem? O quê? O que é? - E o tema de Ode à Alegria da Nona estava cantando que era uma beleza e horrorshow dentro da cuca. O milicente falou:

- Desce pra saber. Tem uma notícia muito boa pra você, meu filho. - Então eu desci de cambulhada, muito duro e assim sem estar realmente acordado, e esse rodze que tinha um vone forte de queijo e cebola, me empurrou para fora da cela imunda que roncava toda e depois ao longo de corredores, e todo esse tempo o velho tema Oh, Tu Alegria Gloriosa Centelha do Céu estava cintilando dentro de mim. Então chegamos a um cantora muito arrumado, com máquinas de escrever e flores nas escrivaninhas, e assim na escrivaninha principal estava sentado o milicente graduado, com um ar muito sério e fixando assim um glaze muito gelado em meu litso sonolento. Eu falei:

- Ora, ora, ora. O que é que há, brete? Qual é, assim bem no meio da nótchi? - Ele disse:

- Dou-lhe só dez segundos pra tirar esse riso imbecil da cara. Depois quero que escute.

- O que é que é isso? - disse eu esmecando. - Vocês não estão satisfeitos de me bater quase até eu morrer, de me cuspirem e me fazerem confessar crimes horas a fio, depois me jogarem no meio de pervertidos bezúmines e vonentos naquela cela gréjine? Tem alguma tortura nova pra mim, seu brétchene?

- Vai ser a sua própria tortura - disse ele sério. - Espero em Deus que te torture até a loucura.

Então, antes que ele me dissesse, eu sabia o que era. A ptitsa velha que tinha aqueles cotes e cóchecas tinha passado desta para melhor, num dos hospitais da cidade. Eu tinha rachado assim com força demais. Ora, ora.

Agora eu já tinha feito de tudo. E só estava com quinze anos.

PARTE
2

Capítulo 1

- Qual vai ser o programa, hein?

Reinicio agora, e esta é a parte realmente chorosa e assim trágica da história que está começando, meus irmãos e únicos amigos, na Prisesta (quer dizer, Prisão Estatal) numero 84-F. Vocês não vão querer esluchar toda quelenta e horrível rascadze do choque que deixou meu pai brandindo os rúqueres machucados e croventos assim contra o injusto Bog dos Céus e minha mãe abrindo a rote num aiiiii aiiiii na sua dor de mãe porque o seu filho, o único do seu ventre, tinha deixado todo mundo na mão muito horrorshow. E depois teve também o estarre magistrado muito sinistro no tribunal de primeira instância govoritando alguns eslovos duros contra o Vosso Amigo e Humilde Narrador, e depois todas as gréjines e quelenta calúnias escarradas por P. R. Deltoid e os rodzes, que Bog os fulmine. E depois teve o recambiamento pra imunda Detenção, no meio dos prestúpniques vonentos e pervertidos. Depois, teve o julgamento no tribunal de segunda instância, com juizes e um júri e alguns eslovos realmente muito grosseiros e govoritados de modo assim muito solene, e depois Culpado e minha mãe buuuuuuu quando disseram Catorze anos, e meus irmãos. Portanto, cá estava eu, exatamente dois anos depois daquele dia em que fui chutado e trancado na Prisesta 84-F, vestido no rigor da moda presidiária, que era uma roupa de uma só peça, cor de quel assim muito suja e com o número costurado nos meus grudes, logo acima do tique-taque e nas costas também, de modo que, para todos os efeitos, eu era o 6655321, e não mais o vosso druguinho Alex.

Qual vai ser o programa, hein?

Não tinha sido assim edificante, deveras não tinha, ficar dois anos nesse gréjine buraco do inferno, unia espécie de jardim zoológico humano, sendo chutado e toltchocado por carcereiros brutais e valentões e conhecendo criminosos vonentos de olhar atravessado, alguns deles autênticos pervertidos prontos a desencaminhar um jovem maltchique gostoso como este que vos fala. E a gente tinha que rabitar na oficina, fazendo caixas de fósforos, e itar rodando, rodando, rodando em volta do pátio assim pra fazer exercício, e de noite, às vezes, um veque estarre qualquer com pinta de professor fazia palestras sobre escaravelhos ou a Via Láctea, ou as Gloriosas Maravilhas do Floco de Neve, e essa última me fazia dar bons esmeques

porque me lembrava do tempo dos toltchoques e do Puro Vandalisnio, como aquele dede saindo da Bíblio Pública numa noite de inverno, quando os meus drugues ainda não eram traidores e eu era assim livre e feliz. Desses drugues, eu só tinha esluchado uma coisa, isso foi num dia em que meu pê e eme vieram me visitar e me contaram que Georgie já era morto, morto sim, meus irmãos. Estava morto com um montinho de quel de cachorro na rua. Georgie tinha levado os outros dois à casa de um tcheloveque assim muito rico e eles tinham chutado e toltchoeado o dono da casa no chão, e depois Georgie tinha começado a rasrezar as almofadas e as cortinas e o Tapado tinha quebrado alguns adornos preciosos como estátuas e coisas assim, e o rico tcheloveque espancado tinha se enraivecido como um bezúmine e tinha partido pra cima deles com uma barra de ferro muito pesada. O fato dele estar muito rasdraz tinha dado a ele uma força gigantesca, e o Tapado e Pete tinham fugido pela janela, mas Georgie tinha tropeçado no tapete e a levou aquela porrada que lhe estraçalhou a cabeça e acabou-se o traiçoeiro Georgie.

O estarre assassino tinha escapado por legítima defesa e estava realmente tudo muito certo. Mataram Georgie, mesmo mais de um ano depois de eu ter sido apanhado pelos milicentes, tudo isso estava muito certo e era assim, o Destino.

Qual vai ser o programa, hein?

Eu estava na Capela Wing, que era domingo de manhã e o carlitos da prisão estava govoritando a Palavra do Senhor. Meu rábite era tocar o estarre estéreo, botando musica solene antes, depois e no meio também, quando cantavam hinos. Eu estava nos fundos da Capela Wing (tinha quatro aqui na Prisesta 54-E), perto de onde os carcereiros ou tchassos ficavam com os seus rifles e suas imundas queixadas bolches, azuis e brutais, e eu podia videar todos os plenes sentados esluchando o Eslovo do Senhor em suas horríveis roupas de prisão cor de quel, e uma espécie de vone nojento exalava deles, não como se realmente não estivessem lavado, não gredzes, mas assim um vone especialmente muito fedorento, que a gente só sente nos criminosos, meus irmãos, um vone assim de poeira, de graxa, sem esperanças. E eu estava pensando que talvez eu também estivesse com aquele vone, que eu também tivesse me tornado um autêntico plene, apesar de muito jovem. Por isso é que era tão importante pra mim, ó meus irmãos, sair desse zôo gréjine tão depressa quanto fosse possível e, como vocês vão videar, se continuarem lendo, não faltava muito pra isso.

- Qual vai ser o programa, hein? - disse o carlitos da prisão pela terceira raze. - Vai ser entra e sai e entra e sai de instituições como esta, se bem mais que entra do que sai, para a maioria de vocês, ou vocês vão prestar atenção à Palavra Divina e compreender os castigos que esperam o pecador impenitente no outro mundo, tanto quanto neste? A maioria de vocês não passa de um bando de imbecis vendendo seus direitos de nascença por um pires de papa fria. A emoção do roubo, da violência, a necessidade de vida fácil - tudo isso vale a pena, quando temos provas insofismáveis; sim, sim, incontroversas de que o inferno existe? Eu sei, eu sei, meus amigos, eu fui informado em visões de que existe um lugar, mais escuro do que qualquer prisão, mais quente do que qualquer chama de fogo humano, onde as almas dos pecadores criminosos impenitentes como vocês - e não debochem de min, malditos, não achem graça -, como vocês, estou lhes dizendo, gritam em agonia interminável e infinita, as narinas sufocadas pelo odor de imundície, a boca entalada de sujidade escaldante, a pele caindo e apodrecendo, uma bola de fogo rodando nas suas entranhas que gritam. Sim, sim, eu sei.

Neste ponto, irmãos, um plene num ponto qualquer da fila de trás fez um som chumento com os lábios - "Prrrrrrrrp" - e aí os tchassos brutais puseram mais uma vez mãos à obra, correndo muito escorre para onde eles acharam que ficava a origem do som, batendo feio e distribuindo toltchoques prum lado e pro outro.

Depois agarraram um pobre plene trêmulo, muito magro e malenque e estarre também, e arrastaram ele pra fora, mas o tempo todo ele critchava: "Não fui eu não, foi ele, viu?", mas isso não fez a menor diferença. Ele foi toltchocado feio e forte e arrastado pra fora da Capela Wing, critchando de arrebentar.

- Bom - disse o carlitos da prisão -, escutem a Palavra do Senhor. - Então ele pegou o grande livro e começou a passar as páginas, sempre molhando os dedos e pra isso os lambia, eslupe eslupe. Era um sacanão boiche e troncudo, de litso muito vermelho, mas gostava muito de mim, porque eu era jovem e também muito interessado no grande livro. Tinha sido providenciado, como parte da minha educação complementar, que eu lesse o livro e até mesmo ouvisse música no estéreo da capela enquanto lia, ó meus irmãos. E isso era muito horrorshow. Eles me trancavam assim lá dentro e me deixavam esluchar a linda música de J. S. Bach e G. F. Handel, e eu lia sobre aqueles brutalhões estarres se toltchocando uns aos outros e depois pitando o seu

vino hebreu e indo assim pra cama com as aias das suas mulheres, muito horrorshow.

Isso me ajudava a ir levando, meus irmãos. Eu não copetei lá muito bem a parte final do livro, que tem assim mais govorite de pregador do que briga e entra-sai-entra-sai. Mas um dia o Charles me disse, me abraçando assim apertado com o seu rúquer bolche e carnudo: "Ah, 6655321, pense no sofrimento divino. Medite sobre isso, meu filho!" E ele tinha sempre aquele vone rico e másculo de escocês, que a gente ia sempre ao cantora dele pra pitar mais um bocadinho. E aí eu lia tudo sobre a flagelação e a coroa de espinhos e depois a véssiche da cruz e aquela quel toda, e videava melhor que aquilo encerrava alguma coisa. Enquanto o estéreo tocava trechos do lindo Bach, eu fechava os glazes e me videava ajudando e até me encarregando dos toltchoques e de pregar os cravos, vestido com uma toga, que era o rigor da moda romana. Portanto, ficar na Prisesta não foi tanto perda de tempo assim, e o próprio Diretor ficou muito satisfeito de ouvir que eu tinha passado a gostar de religião, e era nisso que eu depositava as minhas esperanças.

Naquele domingo de manhã, o carlitos leu no livro sobre tcheloveques que eslucharam o eslovo e não deram a menor bola de estar a dome assim construída sobre a areia, e aí veio a chuva esplache e bumbumbum estalou no céu e lá se foi a tal dome. Mas eu achei que só um veque muito tapado ia construir a própria dome em cima da areia e que ele tinha um bando de drugues que eram uns autênticos gozadores e vizinhos calhordas, que ninguém falou pra ele que tapado que ele era fazendo a obra daquele jeito. Aí, o Charles critchou: "Certo, cambada. Vamos terminar com o número 435 do Hinário dos Detentos." Ai houve um trasque e plope e zuche zuche zuche enquanto os plenes pegavam, soltavam e viravam as páginas dos seus hinários gredzes e malenques e os brutamontes raivosos dos guardas critchavam: "Parem de falar aí, seus sacanas! Tô de olho em você, 920537!" É claro que eu já estava com o disco pronto no estéreo e aí foi só deixar a singela música para órgão entrar, envolvendo tudo com um grrrrooooouuoooooouu. Então os plenes começaram a cantar que era realmente um horror:

Nós somos chã fraco, misturado há pouco,
Mas mexer faz tudo ficar forte.
Não comemos da comida dos anjos,
E longa provação é a nossa sorte

Eles como que choravam e uivavam esses eslovos imbecis, com o carlitos assim vergastando:

"Mais alto, amaldiçoados, cantem, anda!", e os carcereiros critchando "Você vai ver, 7749222!" e "O que é teu tá guardado, seu porco!" Depois acabou tudo e o carlitos disse: "Que a Santíssima Trindade vos guarde sempre e vos faça bons, amém." E o arrastar de pés da saída começou com um trechinho seleto da Sinfonia nº 2 de Adrian Schweigselber, escolhido aqui pelo Vosso Humilde Narrador, ó meus irmãos. Que cambada aquela pensava eu enquanto ficava lá perto do estarre estéreo da capela videando eles arrastando os pés pra sair e fazendo marrre e bééééé como uns bichos e me fazendo sinal de enfiar no cu com seus dedos gréjines, porque parecia que eu tinha privilégios muito especiais. Depois que o último deles tinha arrastado os pés pra fora os rúqueres caídos que nem macaco, e o único carcereiro que ainda restava saiu, dando-lhe um toltchoque por detrás do gúliver, e depois que eu desliguei o estéreo, o carlitos veio até mim, dando baforadas num câncer, ainda com as suas estarres pletes de homemdebog, toda branca e rendada que nem de devótcheca.

Ele disse:

- Como sempre, muito obrigado, 665531. Quais são as novidades que você tem pra mim hoje? - Eu sabia que o negócio era que esse carlitos estava querendo virar um santo tcheloveque no mundo da Religião nas prisões e que ele queria um testemunho muito horrorshow do diretor; por isso, de vez em quando ele ia e govoritiva muito na moita com o diretor a respeito de que negras tramas estavam fervilhando entre os plenes, e muita dessa quel ele obtinha de mim. Muita coisa era assim tudo inventado, mas muita coisa era verdade, como, por exemplo, da vez que tinha chegado até à nossa cela, pelos encanamentos toquetoque toquetoque, que o Harriman grandão ia fugir. Ia dar um toltchoque no carcereiro na hora ia refeição e sair com as pletes do guarda. Aí ia haver uma baita jogação da píchetcha horrenda que nos serviam no refeitório, e eu sabia disso e contei. Então o carlitos passou adiante e foi felicitado pelo diretor por ter Espírito Público e Ouvido Atentos. Por isso daquela vez eu disse e não era verdade:

- Bem, reverendo, chegou pelos encanamentos que uma partida de cocaína chegou por meios ilícitos e que uma das celas da Galeria 5 vai ser o centro distribuição.

- Tudo isso eu inventei enquanto ia falando, como tantas outras histórias dessas que eu já tinha fabricado, mas o carlitos da prisão ficou muito

agradecido, dizendo: - Ótimo, ótimo, ótimo, ótimo. Vou levar essa ao Próprio - que era assim que ele chamava o Diretor. Aí, eu filei:

- Reverendo, eu estou fazendo o que posso, não estou? - Eu sempre usava a minha muito polida golosse de cavalheiro, quando govoritava com o pessoal lá de cima.

- Eu tenho feito o que posso, reverendo, não tenho?

- Eu acho - disse o carlitos - que no geral você tem, 6655321. Você tem Sido muito útil e, acho eu, mostrando um desejo autêntico de se recuperar. Você, se continuar assim, vai ganhar o seu indulto sem problema algum.

- Mas, reverendo - disse eu -, e essa novidade de que eles estão falando agora? Que tal esse novo tratamento que tira a gente assim da prisão logo logo e assegura que a gente não volta nunca mais.

- Ué - disse ele muito desconfiado. - Onde foi que você ouviu isso? Quem lhe falou desse negócio?

- Essas coisas correm, reverendo - disse eu. - Dois guardas conversam, por exemplo, e a gente não pode deixar de escutar o que eles estão falando. Ou então alguém pega um pedaço de papel de jornal na oficina e o jornal conta tudo. Que tal o senhor me inteirar desse negócio, se é que o senhor permite a liberdade de dar a sugestão?

Eu podia videar que ele estava pensando no assunto enquanto puxava o seu cancerzinho, avaliando o quanto ele ia poder contar do que sabia a respeito dessa véssiche de que eu tinha falado. Aí, ele disse: - Suponho que você esteja se referindo á Técnica Ludovico. - Ele continuava muito cauteloso.

- Não sei como se chama, reverendo - eu falei. -Só sei que tira a gente daqui rápido e garante que não volta mais.

- E isso mesmo - disse ele, as sobrancelhas assim muito arqueadas, enquanto olhava pra mim. - é bem assim, 6655321. É claro que ainda está na fase experimental, no momento. É muito simples, mas muito drástica.

- Mas está sendo usada aqui, não está, reverendo? - disse eu. - Aqueles prédios brancos novos, assim perto da muralha sul, reverendo. Nós víamos aquilo sendo construído enquanto estava fazendo exercício, reverendo.

- Ainda não foram usados - disse ele -, não nesta prisão, 6655321. O Próprio tem sérias dúvidas a respeito. O problema é saber se uma técnica assim pode tornar alguém bom. A bondade vem de dentro, 6655321. A bondade é uma coisa que se escolhe. Quando alguém não pode escolher, deixa de ser humano. - Ele bem que ia continuar com muito mais quel desse

tipo, mas já se esluchava a nova leva de plenes marchando planque planque planque pelas escadas de ferro abaixo, pra receber o seu naquinho de Religião. Ele falou: -- Nós vamos bater um papo sobre isso noutra hora Agora é melhor você botar o solo de órgão pra tocar. - Aí, eu voltei pro estéreo estarre e botei o prelúdio Wachet Auf do J. S. Bach, e aquele delinquentes pervertidos, gréjines, vonentos e filhos da puta chegaram arrastando os pés como um bando de macacos alquebrados, os guardas ou tchassos latindo pra eles e chocoteando. E em breve, o carlitos da prisão estava perguntando: - Qual vai ser o programa, hein? - E foi aí que vocês chegaram.

Nós tivemos assim quatro dessas lontiques de Religião nas Prisões naquela manhã, mas o charles não falou mais nada sobre a tal de Técnica Ludovico fosse lá o que fosse, ó meus irmãos. Quando eu terminei a minha rabitagem com o estéreo, ele só me govoritou alguns eslovos de agradecimento e aí eu fui privoditado de volta à cela da galeria 6, que era o meu próprio lar, vonento e entulhado. O tchasso não era um veque tão mau assim, e não me dava toltchoques nem pontapés quando abria a porta, apenas dizia; "Pronto, filhinho, cá está você de volta pro poço." E lá estava eu com os meus novos drugues, todos muito criminosos, mas, Bog seja louvado, não dados a perversões corporais. Tinha Zophar, no seu catre, um veque muito magro e escuro, que falava, falava, falava, com uma voz assim muito cancerenta, portanto ninguém se dava ao trabalho de esluchar. O que ele estava falando agora era: "E naquele tempo, tu não conseguia agarrar um pogue" (fosse lá isso o que fosse, irmãos), "não se tu tivesse que entregar dois milhões de arquibaldos; então o que foi que eu fiz, hein? Eu desci até o Turkey's e disse que tinha aquele esprugue na manhã seguinte, e aí o que é que ele podia fazer?" Era aquela gíria de delinqüente muito antiga, que ele falava. Tinha também o Muro, que tinha um glazinho só e estava arrancando pedaços de unha de pé, pra comemorar o domingo. Tinha também o Judeuzão, um veque muito gordo e suarento, caído prostrado no catre como morto. Em seguida tinha o Jojohn e o Doutor. Jojohn era muito maldoso, astuto e agitadinho e tinha assim se especializado em Estupro, e o Doutor tinha alegado ser capaz de curar sífilis, gonô e corrimento, mas só injetava água e tinha também matado duas devótchecas em vez de, como havia prometido, livrá-las dos seus fardos indesejáveis. Era um bando realmente gréjine, terrível, e eu não gostava de estar junto com eles, ó meus irmãos, não mais do que vocês agora, mas não vai ser por muito tempo.

Agora, o que eu quero que vocês saibam é que esta cela tinha sido destinada a três pessoas, quando foi construída, mas nós éramos seis lá dentro, todos amontoados, suados e apertados. E essa era a situação de todas as celas em todas as prisões naquele tempo, irmãos, e era uma vergonha imunda e quelenta, que não havia um lugar decente prum tcheloveque esticar os membros. E vocês mal vão acreditar no que eu vou lhes contar agora, que é que naquele domingo brosataram mais um plene lá dentro. E, a gente tinha comido a nossa píchetcha horrorosa de bolinhos e cozido vonento, e estava fumando um câncer tranqtiilo, cada um no seu catre, quando aquele veque foi jogado no meio da gente. Era um veque estarre e queixudo e foi ele quem começou critchando reclamações, antes mesmo que a gente tivesse chance de videar a posição. Ele tentou sacudir as grades, critechando: - Eu exijo a porra dos meus direitos, isso aqui tá lotado, é um abuso escroto, isso é o que é! - Mas um dos tchassos voltou pra dizer que ele ia ter que se arrumar como pudesse e dividir um catre com quem quisesse deixar, que de outro modo ia ter que ser no chão mesmo. - E - disse o carcereiro - vai ser pior. Um mundo criminoso muito sujo é o que essa cambada criminosa de vocês está tentando construir.

Capítulo 2

Bem, foi a admissão desse novo tcheloveque que iniciou realmente a minha saída da velha Prisesta, porque ele era um plene tão safado e encrenqueiro, de mentalidide tão nojenta e intenções tão asquerosas que a encrenca natchinatou naquele mesmo dia. Ele era também muito faroleiro e começou fazendo um litso muito desdenhoso para nós todos e uma golosse alta e orgulhosa. Esclareceu que era o único prestúpnique realmente horrorshow que tinha no zôo inteiro, e foi por ali afora, dizendo que tinha feito isso e acontecido aquilo e matado dez rodzes de uma ruqueada só e essa quel toda. Mas ninguém se impressionou muito, ó meus irmãos.

Aí ele começou pra cima de mim, já que era o mais moço que tinha lá dentro, querendo dizer que, como eu era o mais moço, eu é que devia zasnutar no chão, e não ele. Mas os outros todos ficaram do meu lado, critchando: "Deixa ele quieto, seu gréjine brétchene", e ai ele começou com a velha lamúria de que ninguém gostava dele. Então, naquela mesma nótchi eu acordei e encontrei aquele plene horrendo simplesmente deitado junto comigo no catre, que era o de baixo, numa pilha de três, e muito estreito, e ele estava govoritando eslovos de amor e toca-toca-toca. Aí eu fiquei realmente bezúmine e sentei a lenha, se bem que não estivesse enxergando tão horrorshow assim, que só tinha aquela luzinha vermelha malenque do lado de fora, no patamar da escada. Mas eu sabia que era ele, o putc vonento, e aí a encrenca começou de verdade e ligaram as luzes e eu videei o seu litso horrendo com o crove todo pingando da rote, onde eu tinha acertado com o meu rúquer cerrado.

O que eslutchatou então, naturalmente, foi que os meus companheiros de cela acordaram e começaram a entrar na dança, toltchocando meio adoidado na semi-obscuridade, e parece que o chume acordou a galeria inteira e esluchava-se um bocado de gente critchando e batendo com as canecas de lata na parede como se todos os plenes, em todas as celas, pensassem que estivesse pra começar uma fuga em massa, ó meus irmãos.

Aí então as luzes se acenderam e os tchassos chegaram de mangas de camisa, calça e boné e agitando grandes bastões. Aí nós pudemos videar os nossos litsos afogueados e a agitação de róqueres fechados, e houve um bocado de critche e palavrão. Aí eu fiz a minha reclamação e todos os tchassos disseram que, provavelmente o Vosso Humilde Narrador, irmão,

que tinha começado mesmo o negócio, porque eu não tinha marca nem arranhão, mas havia aquele horrível plene pingando crove vermelho, vermelho da rote onde eu tinha acertado meu rúquer fechado. Aquilo me deixou muito bezúmine. Eu disse que não dormia nem mais uma nótchi naquela cela se as Autoridades Penitenciárias viessem permitir que prestúpniques pervertidos, vonentos e nojentos pulassem em cima do meu plote numa hora em que eu estava dormindo, sem condições de me defender. "Espera até de manha", disseram eles. É um quarto particular com banheiro e televisão que vossa senhoria deseja? Muito bem, amanhã de manhã vamos ver isso. Mas por enquanto, druguinho, enfia a porra do gúliver no teu podúcheca de palha e que ninguém mais faça confusão. Certo, certo, certo?" E lá se foram eles com severas advertências a todos, e logo depois as luzes se apagaram e aí eu disse que ia passar o resto da nótchi sentado, dizendo antes ao prestúpnique nojento:

-Vai, sobe no meu catre se quiser. Eu não quero mais. Você já emporcalhou tudo, deitando o seu plote vonento e nojento em cima dele. - Mas aí os outros se meteram. O Judeuzão falou, ainda suando da bitvazinha que a gente tinha tido no escuro

- Efa a gente não afeita não, irmãof. Não dá o lugar pra efe merda não. - Aí o novo disse:

- Fecha o penico, juda - querendo dizer pra calar a boca, mas era muito insultuoso. Então o Judeuzão se preparou pra mandar um toltchoque. O Doutor falou:

- Vamos, senhores, nós não queremos confusão, queremos? - com a sua golosse de classe alta, mas o tal prestúpnique novo estava mesmo pedindo. videava-se que ele estava mesmo pensando que era um veque de muito bolche importância e que estava abaixo da sua dignidade ficar dividindo uma cela com outros seis e tendo que dormir no chão, até que eu fiz aquela atitude pra ele. Com seu jeito desdenhoso ele tentou arremedar o Doutor fazendo:

- Óóóó, vocêsss não quierem mass confuseo, não é seusss capadossos? - Então Jojohn, maldoso, astuto agitadinho, disse:

- Já que não podemos dormir, então vamos à educação. Aqui o nosso novo colega devia receber uma aula.

Apesar de ser assim especialista em Estupro, ele tinha um modo agradável de govoritar, calmo e assim preciso. Aí, o novo plene escarneceu: "Nhenhenhenhé, seu monstrenguinho." Aí é que o negócio começou

mesmo, mas de um modo estranho, assim suave, sem ninguém levantar muito a golosse. O novo plene critchou um malenquinho no começo, mas o Muro punhou ele na rote, enquanto o Judeuzão segurava ele contra as grades pra que pudesse ser videado à malenque luz vermelha do patamar da escada, e ele fazia só ai ai ai. O tipo dele não era de veque muito forte, sendo muito débil na tentativa de toltchocar de volta, e eu presumo que ele compensava isso usando uma golosse muito chumenta e muito convencida. Seja como for, quando eu vi o crove velho correr vermelho na luz vermelha, eu senti aquela velha alegria assim tomando conta das minhas quíchecas e disse:

- Deixa ele pra mim, anda, me dá ele agora, irmãos.

- Aí o Judeuzão falou:

- É fim, é fim, pefoal, é jufto. Amafa ele você agora, (sic) Alecf. - E aí ele ficaram em volta enquanto eu rachava aquele prestúpuique na semi-obscuridade. Eu punhei ele todo, dançando á volta de botas, se bem que desamarradas, e aí pisoteei ele e ele fazia pafe pafe no chão. Dei-lhe um pontapé muito horrorshow no gúliver e o Doutor falou:

- Tá bom, isso chega como castigo - olhando com os olhos semicerrados pra videar o veque surrado e arriado no chão. - Deixa, que talvez ele esteja sonhando em ser um menino melhor no futuro. - Então, nós todos subimos nos catres, que agora estávamos todos muito cansados. O que eu sonhei, meus irmãos, foi que eu estava numa orquestra imensa, de centenas e centenas de músicos, e o regente era assim uma mistura de Ludwig van e G. F. Handel, e parecia muito surdo e cego e cansado do mundo. Eu ficava em meio aos instrumentos de sopro, mas o que eu estava tocando era assim um fagote branco-rosado feito de carne e saindo do meu plote, bem no meio da minha barriga, e quando eu soprava nele eu tinha de esmecar hi hi hi muito alto, porque ele me fazia assim cócegas, e aí Ludwig van G. F. ficou muito rasdraz e bezúmine. Então ele veio direto ao meu litso e critchou alto no meu uco e aí eu acordei assim suando. Naturalmente, o chume alto era na realidade a campainha da prisão brrrr brrrr brrrr. Era manhã de inverno e os meus glazes estavam todos quelentos de remela e quando eu abri, eles doeram com a luz elétrica que tinha sido acesa no zôo inteiro. Ai, eu olhei pra baixo e videei o novo prestúpuique muito ensangúcutado e machucado e ainda completamente desligado.

Mas quando eu desci do catre e mexi nele com o meu noga descalço, o toque foi assim frio e rígido; então eu fui até o catre do Doutor e sacudi ele,

que era muito duro de acordar de manhã. Mas ele saiu do catre bastante escorre dessa vez, e o mesmo fizeram os outros, com exceção do Muro, que dormia como um bife. - Muito lamentável - disse ô Doutor. – Ataque cardíaco, deve ter sido isso. -Aí ele disse olhando em torno, pra nós todos: - Realmente, vocês não deviam ter partido pra ele desta forma. Foi realmente muito mal ensado. -

Jojohn disse:

- Deixa disso, ô doutor você também não ficou pra trás na hora de dar a sua porradinha. - Ai, o Judeuzão virou-se pra mim, dizendo:

- Alecf, vofê foi muito impetuovo. Aquele último fiute foi muito fério. - Eu comecei a ficar rasdraz com aquilo (sic) e falei:

- Quem foi que começou, hein? Eu só peguei ele no fim, não foi? Apontei pra Jojohn dizendo: - A idéia foi sua! - O Muro roucou um pouco alto, entã eu disse: - Acordem esse brétchene vonento. Foi ele que ficou batendo na rote enquanto aqui o Judeuzão segurava ele de encontro à grade. - O Doutor falou:

- Ninguém pode negar que bateu um pouquinho no homem, pra lhe dar uma lição, digamos assim, mas aparentemente foi você, meu caro jovem, que, com o vigor e, diria eu, a maneira descuidosa da juventude, aplicou-lhe o golpe de misericórdia. Grande lástima.

- Traidores - disse eu. - Traidores e mentirosos porque eu podia videar que era tudo como antes, dois anos antes quando os meus falsos drugues tinham me abandonado aos rúqueres brutais dos milicentes. Não se podia confiar em ninguém neste mundo, ó meus irmãos, pelo que eu estava vendo. E Jojohn foi acordar o Muro, e o Muro estava mais do que pronto jurar que tinha sido o Vosso Humilde Narrador que tinha realmente praticado os tolchoques e a repugnante brutalidade. Quando os tchassos chegaram e depois o Tchasso-Chefe e depois o próprio diretor, aqueles meus drugues todos ficaram muito chumentos, contando lorotas a respeito de tudo o que eu tinha feito pra ubivatar aquele pervertido inútil, cujo plote coberto de crove jazia no chão como um saco.

Aquele foi um dia muito estranho, ó meus irmãos. o cadáver foi levado embora, e aí todo mundo na prisão inteira teve que ficar trancado até segunda ordem, e não deram píchetcha, nem mesmo uma caneca de tchai quente. A gente ficou tudo sentado lá, e os carcereiros ou tchassos lavam passadas pra cima e pra baixo na galeria critchando de vez em quando: "Fecha essa cloaca!" assim que esluchavam nem que fosse um cochicho em

uma das celas. Então, por volta de onze horas da manhã, houve uma espécie assim de retesamento e excitação e assim o vone do medo se espalhando e vindo de fora da cela e a gente podia videar o Diretor, o Tchasso-Chefe e alguns tcheloveques de bolche importância passando muito escorre, govoritando que nem bezúmines. Pareciam se dirigir para o fim da galeria, depois dava pra esluchar eles voltando novamente, dessa vez mais devagar, e esluchava-se o Diretor, um veque muito gordo e suarento e de cabelo claro, dizendo slovos como "Mas, Excelência..." e "Bem mas o que se pode fazer, Excelência?" e assim por diante. Depois o banho todo parou na nossa cela e o Tchasso-Chefe abriu. Vodeava-se logo de cara quem era o veque realmente importante; muito alto, de glazes azuis, e vestindo pletes realmente horrorshow, o terno mais lindo que eu já tinha visto, no rigor da moda. Ele só lançou um olhar sobre nós, pobres plenes, dizendo, numa golosse muito bonita, realmente educada: "O Governo não pode mais se preocupar com teorias penalógicas caducas. Amontoem-se delinqüentes deste modo e veja-se o que acontece. Obtém-se a criminalidade concentrada, o crime no meio do castigo. Em breve, estaremos necessitando de todo o espaço de nossas prisões para os transgressores políticos." Isso eu não poniei nada, irmãos, mas afinal ele não estava falando comigo. Aí, ele disse: "Os criminosos comuns, como essa malta intragável" (isso era eu, irmãos, tanto quanto os outros, que eram verdadeiros prestóúpniques e muito traiçoeiros), "podem ser melhor tratados em bases puramente curativas. Matar o reflexo criminoso, só isso.

Implementação completa em um ano. O castigo não significa nada para eles, como podem ver. Eles desfrutam do pretenso castigo. Começam a se assassinar uns aos outros." E voltou os seus olhos azuis pra mim. Aí, eu disse, muito atrevido:

- Com o devido respeito, Excelência, eu protesto energicamente contra o que o senhor acaba de dizer. Eu não sou um criminoso comum, e não sou intragável. Os outros podem ser intragáveis, mas eu não sou. - O Tchasso-Chefe ficou violáceo e critchou.

- Feche essa cloaca imunda! Você sabe com quem está falando?

- Deixe, deixe - disse o tal veque grande. Aí ele se virou pro Diretor e disse: - Pode usá-lo como abre-alas. Ele é jovem, atrevido, perverso. Brodsky vai tomar conta dele amanhã e o senhor pode ficar sentado lá e ver Brodsky trabalhar. Funciona bem, não se preocupe. Este jovem baderneiro, perverso vai ser irreconhecivelmente transformado.

E esses duros eslovos, meus irmãos, foram assim o início da minha liberdade.

Capítulo 3

Naquela mesma noite eu fui delicadamente arrastado por tchassos brutais que me davam toltchoques, pra videar o Diretor no seu santo dos santos, santo gabinete. O Diretor parecia estar muito cansado de mim e disse: - Não creio que você saiba quem era aquele, hoje de manhã, sabe, 6655321? - E sem esperar que eu dissesse não, ele falou: - Aquele personagem era nada mais nada menos que o Ministro do Interior, o novo Ministro do Interior, e o que eles chamam de marinheiro de primeira viagem.

Bem, essas ridículas idéias novas chegaram finalmente e ordens são ordens, se bem que eu deva lhe dizer confidencialmente que não aprovo. Enfaticamente não aprovo. Comigo é olho por olho. Se alguém agride você você dá o troco, não dá? Então, por que o Estado, brutalmente agredido por vocês, os desordeiros, não daria o troco também? Mas a nova visão diz que não. A nova visão quer que transformemos o mau em bom.

Tudo isso me parece muito injusto. Hummm? - Então eu disse, tentando ser assim respeitoso e conciliador:

- Senhor Diretor... - E aí o Tchasso-Chefe, que estava de pé, todo vermelho e volumoso, por trás da poltrona do Diretor, critchou:

- Fecha essa cloaca imunda, seu rebotalho!

- Deixa, deixa - disse o Diretor, assim cansado e exausto. - Você, 6655321 vai ser reabilitado. Amanhã você vai para esse Brodsky. Acredita-se que você vai estar em condições de deixar a custódia do Estado em pouco mais de uma quinzena. Em pouco mais de uma quinzena você vai estar novamente no vasto mundo livre, não mais um número. Presumo - e aqui, ele bufou um pouco - que esta perspectiva lhe é agradável?

Eu não disse nada, então o Tchasso-Chefe critchou:

- Responda, seu porco, quando o Diretor lhe faz uma pergunta!

- Ah, sim, senhor Diretor. Muito obrigado, senhor Diretor. Eu fiz o que pude aqui, realmente fiz. Fico muito agradecido a todos.

- Não fique não - suspirou assim o Diretor. - Isso não é uma recompensa. Está longe de ser uma recompensa.

Bom. Há um formulário pra você assinar. Diz que você deseja ter o restante da sua sentença comutado em submetimento ao que é chamado aqui, expressão ridícula, de Tratamento de Reaproveitamento. Quer assinar?

- Mas é claro que eu vou assinar - disse eu -, Senhor Diretor. E muitíssimo obrigado. - Então me deram uma caneta-tinteiro e eu assinei meu nome, linda e fluentemente. O Diretor disse:

- Certo. Acho que isso é tudo. - O Tchasso-Chefe disse: - O Capelão d prisão quer uma palavrinha com ele, Doutor.

Então eu marchei pra fora da sala e pelo corredor que levava à Capela Wing, toltchocado nas costas e no gúliver por um dos tchassos, mas assim com um jeito bocejante e entediado. E marchei através da Capela Wing at o cantorazinho do charles e então me fizeram entrar. O carlitos estava sentado à sua escrivaninha, exalando muito acentuadamente um másculo vone de câncer caro, e escocês. Ele disse:

-Ah, 6655321, sente-se. - E aos tchassos: - Esperem lá fora, sim? - O qu fizeram. Aí, ele falou de um jeito assim muito franco comigo, dizendo: - Uma coisa que eu quero que você compreenda, rapaz, é que isso não tem nada a ver comigo. Se adiantasse, eu faria um protesto a esse respeito, mas nãc adianta. Há o problema da minha própria carreira, da fraqueza da minha própria voz, quando confrontada com o grito de certos elementos mais poderosos na governança. Estou me fazendo claro? - Não estava, irmãos mas eu inclinei a cabeça, fazendo que sim. - Há muitos problemas éticos difíceis em jogo - continuou ele. - Você vai ser transformado em um bom menino, 6655321. Nunca mais você vai ter o desejo de cometer atos de violência ou ofender quem quer que seja, contra a Paz do Estado. Eu espero que você aceite tudo isso. Espero que você esteja vendo claro em sua mente com relação a tudo isso. - Eu disse:

- Ah, vai ser agradável ser bom, reverendo. - Mas por dentro eu dei um esmeque realmente horrorshow, irmãos. Ele disse:

- Ser bom pode não ser agradável, 6655321. Pode ser horrível ser bom. E quando digo isto a você, eu compreendo como soa contraditório. Eu sei que vou passar muitas noites sem dormir por causa disto. O que é que Deus quer? Deus quer a bondade ou a escolha da bondade? O homem que escolhe o mal é talvez de uma certa forma melhor do que aquele a quem a bondade é imposta. Questões duras e profundas, 6655321. Mas tudo o que eu quero dizer a você agora é o seguinte: se, alguma vez no futuro, você olhar para trás, para a época de hoje, e se lembrar de mim, o mais baixo e mais humilde dos servidores de Deus, eu lhe rogo, não me queira mal, dentro do seu coração, pensando que eu esteja de alguma forma envolvido no que está para lhe acontecer. E agora, por falar em rogar, eu percebo com tristeza que

pouco vai adiantar rogar a Deus por você.

Você está passando agora para uma região onde você vai ficar fora do alcance do poder da prece. Uma coisa terrível de se meditar. E no entanto num certo sentido, ao escolher ser privado da faculdade de efetuar uma opção ética, você realmente escolheu o bem. E assim que eu gostarei de pensar. E assim, e Deus nos ampare a todos, 665532, que eu gostarei de pensar. - Aí ele começou a chorar. Mas eu não estava prestando muito atenção a isso, irmãos, eu só tinha um esmequezinho silencioso por dentro, porque videava-se que ele tinha andado pitando o velho uísque e agora ele tirava uma garrafa de um armariozinho da escrivaninha e começava a se servir de um bolche trago, realmente horrorshow dentro de um copo sebento e gréjine. Entornou na goela e então falou: Pode estar tudo certo quem sabe? Deus escreve certo por linhas tortas. - Aí ele começou a cantar um hino, com uma golosse realmente rica e forte. E a porta se abriu e os tchassos entraram pra me toltchocar de volta à minha cela novamente, mas o velho charles continuava cantando o seu hino.

Bem, na manhã seguinte eu tive que dizer adeus à velha Prisesta, e eu me sentia um malenquizinho triste, como sempre que a gente tem que deixar um lugar com que assim se acostumou. Mas eu não fui muito longe, ó meus irmãos, eu fui socado e chutado para o novo edifício branco, logo depois do pátio onde a gente costumava fazer o nosso exerciciozinho. Esse era um edifício muito novo e tinha um cheiro assim gélido de coisa grande, que dava assim um certo calafrio. Eu fiquei lá, naquele hall horrível, boiche, vazio e senti novos vones farejando com o meu mui sensível mórder, ou focinho. Eram assim que nem vones de hospital, e o tcheloveque a quem os tchassos me entregaram usava um avental branco que podia ser de um cara de hospital.

Ele assinou recibo da minha entrega e um dos tchassos brutais que tinham me trazido disse: - Cuidado com esse aí, senhor. Tem sido um sacana muito brutal e vai continuar a ser, apesar de ficar puxando o saco do capelão da prisão e lendo a Bíblia. - Mas o novo tcheloveque tinha uns glazes azuis muito horrorshow que assim sorriam quando ele govoritava. Ele disse:

- Ah, nós não estamos prevendo nenhum problema. Nós vamos ser amigos, não vamos? - E sorriu com os glazes e a rote grande e bonita, cheia de luzidios zubes brancos, e eu fui assim com ele de cara. Bem. Ele me passou assim pra outro veque inferior de avental branco e esse também era

muito agradável e eu fui levado prum quarto muito agradável, branco e limpo, com cortinas e lâmpadas de cabeceira e só uma cama, todinha pro Vosso Humilde Narrador. Então eu dei um esmeque interior muit horrorshow com isso, pensando comigo mesmo que eu era realmente um maltchiquezinho de muita sorte. Me disseram pra tirar as minhas horríveis pletes de prisão e me deram um conjunto de pijama, realmente muito bonito, ó meus irmãos, verde liso, no rigor da moda para trajes de cama, e me deram também um robe-de-chambre gostoso e quentinho e lindas tuflas pra calçar os meus nogas descalços, e eu pensei: - Bom, Alexinho, o 6655321 já era, você deu uma de sorte, não tem como errar. Você vai gostar muito disto aqui.

Depois que me deram uma tchacha de café muito horrorshow e umas gazetas e revistas velhas pra passar os olhos enquanto pitava, o primeiro veque de branco, o que tinha assim passado recibo de mim, entrou e disse: -

Pronto, cá está você - uma véssiche assim meio boba de se dizer mas não soou boba, que ele era um veque assim muito simpático. - Meu nome - disse ele - é Dr. Brannon. Sou assistente do Dr. Brodsky. Com sua licença, vou lh fazer o exame geral de praxe. - E tirou o esteto do cárman direito. - É preciso ter certeza de que você está em plena forma, não é verdade? É claro que precisamos. - Aí, enquanto eu ficava ali deitado, sem o paletó do pijama, e ele fazia umas e outras, eu disse:

- O que é exatamente, doutor, o que os senhores vão fazer?

- Ah - disse o Dr. Brannon, com o frio esteto percorrendo as minha costas pra baixo e pra cima. - Na realidade, é muito simples. Nós apenas passamos uns filmes pra você.

- Filmes? - Eu mal podia acreditar nos meus ucos, irmãos, como vocês bem podem compreender.

- Quer dizer - disse eu - que vai ser assim só como ir ao cinema?

- São filmes especiais - disse o tal Dr. Brannon. - Filmes muito especiais Você vai ver a primeira sessão hoje à tarde. E - disse ele, deixando de se curvar sobre mim -, parece que você é um rapaz em muito boa forma.

Um pouco subnutrido, talvez. Deve ser culpa da comida da prisão. Pode vestir o paletó do pijama. Depois de cada refeição - disse ele sentado na beira da cama - nós vamos lhe dar uma injeção no braço. Isso vai ajudar.

Eu Estava realmente grato a esse Dr. Brannon, tão simpático. Eu disse:

- Vão ser vitaminas, doutor?

- Mais ou menos isso - disse ele sorrindo muito horrorshow e amistoso. -

Só uma picada no braço depois de cada refeição. - E aí ele saiu. Eu fiquei na cama pensando comigo que aqui era assim realmente o céu e li algumas revistas que tinham me dado - Mundo do Esporte, Cinema e Gol. Depo deitei na cama e fechei os glazes e pensei como ia ser bom estar lá fora de novo, Alex, com talvez um trabalhozinho fácil e agradável durante o dia, que agora eu já estava velho demais pro escoliuol, e aí talvez reunindo assim uma nova turma pra nótchi, o primeiro rábite ia ser pegar o Tapado e o Pete, se eles já não tivessem sido pegos pelos milicentes. Dessa vez ia tomar cuidado pra não ser lovetado.

Estavam me dando assim outra chance, eu tendo cometido assassinato e tudo o mais, e não teria assim direito a ser apanhado de novo depois de todo esse trabalho de me mostrarem filmes que iam fazer de mim um maltchique realmente bom. Eu dei um esmeque muito horrorshow assim da inocência de todo mundo e estava esmecando de estourar quando trouxeram meu almoço numa bandeja. O veque que trouxe foi o que tinha me conduzido até este quarto de dormir malenque quando eu cheguei aqui no méssito e ele disse:

- É bom saber que há alguém feliz. - Era realmente uma pichetchazinha muito agradável e apetitosa que tinham posto na bandeja: assim dois ou três lontiques de rosbife quente com purê de cartófel e legumes, depois sorvete e uma gostosa tchacha de tchai quente. E tinha até um câncer pra fumar e uma caixa de fósforos com apenas um palito dentro. Portanto, parecia que isso é que era vida, ó meus irmãos. Então, cerca de meia hora depois, quando eu estava deitado meio sonolento, entrou uma enfermeira, uma devotchecazinha moça, de grudes muito horrorshow (eu não via isso há dois anos) e ela trazia uma bandeja e uma seringa. Eu disse:

- Ah, as vitaminas, não é? - E pisquei o olho pra ela, mas ela não me deu bola. A única coisa que ela fez foi bater a agulha no meu braço esquerdo e uissshhhhh, lá entrou o treco das vitaminas. Depois saiu de novo taquetaquetaque de nogas metidos em sapatos altos. Então, o veque de avental branco, que era assim um enfermeiro, entrou com uma cadeira de rodas. Eu fiquei um malenquezinho surpreso videando aquilo. Eu falei:

- Qual é, irmão? Eu garanto que posso andar, até onde a gente tiver que itar. - Mas ele disse: Melhor empurrar você aqui. - E realmente, meu irmãos, quando eu saí da cama me achei um malenquezinho fraco. Era a subnutrição, como tinha dito o Dr. Brannon, com aquela píchetcha horríve da prisão. Mas as vitaminas da injeção após as refeições iam me endireitar.

Sem dúvida nenhuma, pensava eu.

Capítulo 4

O lugar pra onde me levaram na cadeira, irmãos, não se parecia com nenhum cinema que eu tinha videado antes. É bem verdade que uma das paredes estava coberta por uma tela prateada, e na parede exatamente oposta estavam buracos quadrados pro projetor poder projetar, e havia alto-falantes estéreos enfiados no méssito todo. Mas, de encontro a uma das paredes, a que ficava à direta, estava uma console toda assim de reloginhos medidores e no centro da sala, voltada para a tela, estava assim uma cadeira de dentista de onde saíam fios de todos os comprimentos, e eu tive de assim engatinhar da cadeira de rodas até lá, recebendo alguma ajuda de um veque enfermeiro de avental branco. Aí, eu notei que embaixo dos buracos da projeção era assim tudo de vidro fosco e eu pensei videar alguém tossindo, quechequechequeche. Mas aí, só o que eu conseguia notar era como eu parecia que estava fraco, e eu debitei isso à mudança da píchetcha da prisão para essa nova píchetcha rica e as vitaminas injetadas em mim. - Certo - disse o veque que empurrou a cadeira de rodas.

Agora eu vou deixar você. A sessão vai começar assim que o Dr. Brodsk chegar. Espero que goste. - Pra falar a verdade, irmãos, eu não estava com vontade nenhuma de videar uma sessão de cinema naquela tarde.

Não estava com disposição. Teria gostado muito mas de uma boa espâtcheca sossegada na minha cama e bem no meu odinoque. Eu estava me sentindo muito flácido.

O que aconteceu então foi que um veque de avental branco prendeu meu gúliver com uma correia assim ao apoio, o tempo todo cantando pra ele mesno uma música pop vonenta e quelenta qualquer. - Pra que isso? - disse eu, e o veque replicou, interrompendo a sua musiquinha um instante, que era pra manter o meu gúilver firme e me fazer olhar pra tela. - Mas - eu disse - eu quero olhar pra tela. Eu fui trazido pra cá pra ver filmes e ver filmes eu irei. - E aí, o outro veque de avental branco (eram três ao todo, sendo um deles uma devótcheca assim sentada junto ao console de medidores e brincando com os botões) deu um esmeque com essa. Disse:

- Nunca se sabe. Ah, nunca se sabe. Podes crer, amigo. É melhor assim.

E aí eu descobri que estavam amarrando meus rúqueres nos braços da cadeira e que meus nogas estavam como que enfiados nos descansos da cadeira. A mim me parecia um tanto bezúmine, mas deixei eles fazerem o

que tinham que fazer. Se eu ia ser novamente um maltchique livre dentro de uma quinzena, eu estava disposto a agüentar muita coisa nesse meio tempo, ó meus irmãos. Uma véssiche de que eu não gostei, no entanto, foi quando eles prenderam assim grampos na minha fronte, de modo que as minhas pálpebras superiores foram sendo puxadas pra cima e pra cima e pra cima e eu não podia mais fechar os olhos, por mais que tentasse. Eu tentei esmecar e disse: - Deve ser um filme realmente horrorshow, se vocês fazem assim tanta questão de que eu videie. - E um dos veques de avental branco disse, esmecando.

- Horrorshow está correto, amigo. Um verdadeiro show de horrores. - E aí enfiaram assim um capacete no meu gúliver e dava pra videar tudo quanto era fio saindo dele, e aí eles enfiaram uma almofada de sucção na minha barriga e uma no meu tique-taque, e ainda deu pra videar os fios saindo delas também. Depois houve o chume de uma porta se abrindo e percebia-se que algum tcheloveque muito importante estava chegando pelo modo que os subveques de avental branco ficaram todos duros. E então eu videei o tal Dr. Brodsky. Era um veque malenque, muito gordo, o cabelo encaracolado encaracolando o gúliver dele todo e em cima do nariz de batata usava ótcheques muito grossos. Eu podia videar que ele estava usando uma roupa muito horrorshow rigorosamente na última moda, e dele saía um vone muito delicado e sutil de anfiteatro de operações. Com ele estava o Dr. Brannon, assim todo sorridente, como que para me inspirar confiança. - Tudo pronto? - disse o Dr. Brodsky com uma golosse de respiração forte. Aí eu esluchei vozes dizendo certo, certo, certo; assim, assim à distância, depois mais perto, e houve um leve chume assim como um zumbido, como se os troços todos tivessem sido ligados. E aí as luzes se apagaram e lá estava o Vosso Humilde Narrador e Amigo sentado sozinho no escuro, inteiramente no seu odinoque assustado, sem poder se mexer nem fechar os glazes, nem nada. E então, meus irmãos, a sessão de cinema começou com uma música muito gronque pra dar o clima, saindo dos alto-falantes muito furiosa e cheia de dissonâncias. E aí, na tela apareceu o filme, mas não tinha título nem letreiros. O que apareceu foi uma rua, que podia ser qualquer rua de qualquer cidade e era uma nótchi muito escura e os postes estavam iluminados. Era um trabalho assim de cinema profissional muito bom, e não tinha nada daqueles piscados e bolhas que aparecem, digamos, quando se vê um daqueles filmes de sacanagem na casa de alguém numa rua escondida. O tempo todo a música batucava assim muito sinistra.

Aí, videava-se um velho descendo a rua, muito estarre, e aí pulavam em cima daquele veque velho dois maltchiques, vestidos no rigor da moda (ainda calças justas mas não mais assim gravatões, e sim gravata mesmo), e começavam a traquinar com ele. Esluchavam-se os seus gritos e gemidos, muito realista, e podia-se até ouvir a respiração pesada e ofegante dos dois maltchiques que toltchocavam. Eles fizeram um verdadeiro pudim daquele veque estarre, batendo craque craque nele com os rúqueres fechados, rasgando fora as pletes dele e depois terminando por dar botinadas no seu plote nagói, que estava todo vermelho de crove no lodo da sarjeta, e depois fugiram muito escorre. Aí, tinha um close do gúliver do veque estarre espancado e o crove escorria em lindo vermelho. É engraçado como as cores assim do mundo real só parecem realmente reais quando a gente videia elas na tela.

Agora, o tempo todo que eu estava vendo isso, eu estava começando a ficar muito consciente de que não estava me sentindo lá muito bem e botei na conta da subnutrição e de meu estômago não estar ainda acostumado com a píchetcha rica e as vitaminas que eu estava tomando aqui. Mas eu tentei esquecer isso me concentrando no filme seguinte, que veio logo em cima, meus irmãos, sem pausa nenhuma. E já começava com uma devótcheca que estava levando o velho entra-sai-entra-sai, primeiro de um maltchique, depois de outro, depois de outro, ela critchando muito gronque pelos alto-falantes e uma música muito patética e trágica tocando ao mesmo tempo. Aquilo era real, muito real, se bem que, pensando bem, não se podia imaginar as líudes simplesmente concordando com que lhes fizessem tudo aquilo num filme e, se esses filmes foram feitos pelo Bem do Estado, não se podia imaginar que tivessem permissão para fazer assim as tomadas sem interferir no que estava acontecendo. Portanto, deve ter sido muita habilidade no que eles chamam corte, ou montagem, ou qualquer véssiche assim. Porque era muito real. E quando chegou no sexto ou sétimo maltchique, olhando com crueldade, esmecando e metendo, e a devótcheca na trilha sonora que nem bezúmine, eu comecei a ficar nauseado. Sentia dores no corpo todo, tinha vontade de vomitar e ao mesmo tempo não vomitava e comecei a me sentir assim aflito, ó meus irmãos, ainda por cima rigidamente preso naquela cadeira como estava. Quando esse filmezinho acabou, eu esluchei a golosse do Dr. Brodsky vindo de perto do console dizendo: - Reação aproximada de doze vírgula cinco. Promete, promete.

Aí entramos direto em outro lontique de filme, e dessa vez era apenas

um litso humano, um rosto humano assim muito pálido, preso firme e com o qual faziam as coisas mais diversas e odiosas. Eu estava suando um malenque com a dor nas tripas e uma sede horrível e meu gúliver fazendo tum tum tum e eu achava que se eu não pudesse videar o filminho, talvez não me sentisse tão enjoado. Mas não podia fechar os glazes e, mesmo que tentasse mover meus globos pros lados, eu não podia sair do campo de projeção do filme. Portanto tinha que continuar videando o que estava sendo feito e ouvindo os critches mais macabros, saindo daquele litso. Eu sabia que não podia ser verdade mais isso não fazia diferença. Eu estava tendo espasmos mas não conseguia vomitar, videando primeiro uma britva cortar fora um olho, depois cortar a bochecha em fatias, depois ir zape zape em tudo, enquanto o crove espirrava em direção à objetiva. Depois, todos os dentes foram arrancados com um par de tenazes, e os critches e o sangue foram espantosos. Então eu esluchei a golosse muito satisfeita do Dr Brodsky, dizendo: - Excelente, excelente, excelente.

O lontique seguinte de filme foi de uma velha que tinha uma loja, sendo chutada pela casa afora entre gronques gargalhadas por um bando de maltchiques, e esses maltchiques quebravam a loja toda e depois botavam fogo. Videava-se a pobre ptitsa estarre tentando rastejar pra fora das chamas, berrando e critchiando, mas estando com a perna quebrada pelos maltchiques dando chutes nela, ela não podia se mexer. Então as chamas todas ficaram rugindo em volta dela e videava-se o seu litso. Agonizante, assim suplicando através das chamas. E aí esluchavam-se os berros mais gronques, agonizados e agonizantes que já saíram de uma golosse humana. Então, dessa vez eu sabia que tinha que vomitar, aí critchei:

- Quero vomitar. Por favor, me deixem vomitar. Por favor, tragan alguma coisa pra eu vomitar! - Mas o Dr.

Brodsky respondeu:

- É pura imaginação. Você não tem com que se preocupar. O próximo filme já vem aí. - Provavelmente isso era piada, porque eu ouvi assim um esmequezinho vindo do escuro. E aí eu fui forçado a videar o mais horripilante filme sobre torturas japonesas. Era na guerra de 39-45 e tinha soldados sendo pregados nas árvores com pregos e acendiam fogueiras debaixo deles e cortavam-lhes os iarbos, e se via até o gúliver de um soldado sendo cortado fora com uma espada, e agora, com a cabeça rolando no chão e a rote e os glazes parecendo ainda vivos, o plote do soldado simplesmente corria à solta, crovando pelo pescoço como uma fonte, e depois caía, e o

tempo todo se ouviam fortes gargalhadas dos japoneses. As dores que eu sentia agora na barriga, a dor de cabeça e a sede eram terríveis, e parecia estar tudo saindo da tela. Então eu critchei:

- Parem o filme! Por favor, parem! Eu não agüento mais. - E aí, a goloss do Dr. Brosdsky falou:

- Parar? Você diz parar? Ora, nós mal começamos. E ele e os outrc esmecaram muito alto.

Capítulo 5

Não quero descrever, irmãos, que outras terríveis véssiches eu fui forçado a videar naquela tarde. As cuquinhas assim do Dr. Brodsky e do Dr Brannon e dos outros de avental branco, e lembrem-se que tinha a devótcheca mexendo com os botõezinhos e observando os medidores, deviam ser mais quelentas e sórdidas do que a de qualquer prestúpnique da própria Prisesta. Porque eu não pensava que fosse possível veque nenhum sequer pensar em filmar as coisas que eu estava sendo forçado a videar, todo amarrado naquela cadeira e com os glazes abertos à força. A única coisa que eu podia fazer era critchar muito gronque pra eles desligarem, e isso assim em parte abafado pelo ruído das dratsas e das traquinagens e pela música que acompanhava tudo.

Vocês podem imaginar que foi assim um alívio terrível quando eu videei o último trecho de filme e o tal Dr.

Brodsky disse, numa golosse assim de bocejo e tédio: - Acho que isso já basta para o Dia Um, não, Brannon? - E lá estava eu, as luzes acesas, meu gúliver latejando como uma bolche máquina de fazer dor e minha rote toda seca e quelenta por dentro e sentindo que poderia assim vomitar cada pedacinho de píchetcha que eu já tinha comido assim desde o dia em que comecei a ser amamentado, ó meus irmãos. - Muito bem - disse o tal Dr Brodsky -, podem levar ele de volta pra cama.

Depois me deu palmadinhas assim no pletcho e falou: - Muito bom, muito bom. Um começo muito promissor - sorrindo com o litso inteiro, e aí saiu caminhando que nem um peru, o Dr. Brannon atrás dele, mas o Dr Brannon me deu um sorriso assim do tipo drugue e solidário, como se não tivesse nada a ver com aquela véssiche toda, mas fosse assim forçado a estar naquilo como eu estava.

Bom, seja lá como for, eles livraram o meu plote da cadeira e desprenderam a pele acima dos meus glazes de modo que eu podia abrir e fechar de novo, e eu fechei, ó meus irmãos, com a dor e o latejamento do meu gúliver, e aí eu fui assim carregado pra cadeira de rodas e levado de volta ao meu malenque quarto de dormir, o subveque que me empurrava cantando uma merda duma música pop qual-quer, de modo que eu rosnei "para com isso", mas ele só esmecou e disse "deixa pra lá, amigo", e ai cantou mais alto. Então eu fui recolocado na cama e ainda me sentia bolnói, mas

não conseguia dormir, mas logo eu comecei a sentir que logo eu podia começar a sentir que ia logo me sentir um malenquezinho melhor, e aí me trouxeram um gostoso tchai quente com muito moloco e sácar e, pitando, eu sabia que aquele horrível pesadelo já estava no passado e acabou-se.

E então o Dr. Brannon entrou, todo agradável e sorridente. Ele disse:

- Muito bem, pelos meus cálculos você já deve estar se sentindo melhor de novo. Não?

- Doutor - disse eu assim desconfiado. Eu não copetava aonde é que ele queria chegar, govoritando de cálculos, achando que melhorar de se sentir bolnói e assim problema seu e que não tem nada a ver com cálculos. Ele sentou, todo agradável e drugue, na beira da minha cama e falou:

- O Dr. Brodsky está satisfeito com você. Você teve uma reação muito positiva. Amanhã, naturalmente, vai haver duas sessões, de manhã e à tarde, e eu imagino que você vai estar se sentindo um pouco mole no fim do dia. Mas nós temos que ser duros com você, você precisa ser curado. - Eu disse:

- Quer dizer que eu vou ter que ficar sentado...? Quer dizer que eu vou ter que ficar vendo...? Ah, não - disse eu -, foi horrível!

- Claro que foi horrível - sorriu o Dr. Brannon. - A violência é uma coisa muito horrível. É isto o que você está aprendendo. O seu corpo está aprendendo isso.

- Mas - disse eu - eu não compreendo. Não compreendo como foi que eu me senti enjoado daquele jeito.

Nunca me senti enjoado antes. Eu costumava sentir exatamente o contrário. Quer dizer, fazendo ou vendo fazer eu me sentia muito horrorshow. Eu simplesmente não compreendo por que, ou como, ou o que...

- A vida é uma coisa maravilhosa - disse o Dr. Brannon numa golosse assim muito beata. - Os processos da vida, a estrutura do organismo humano, quem pode compreender inteiramente esses milagres? O Dr Brodsky naturalmente é um homem notável. O que está lhe acontecendo é o que tem que acontecer com qualquer organismo humano normal, contemplando os atos das forças do mal, os feitos do princípio da destruição.

Você está sendo transformado em são, você está ficando sadio.

- Isso eu não aceito - disse eu - nem posso absolutamente compreender. O que vocês fizeram foi deixar me sentindo muito, muito doente.

- E, agora, você está se sentindo doente? - disse ele sempre com o sorriso

drugue no litso. - Tomando chá, descansando, batendo um papo tranqüilo com um amigo. Garanto que você só pode estar se sentindo bem.

Eu assim escutei e fiquei procurando ver se sentia alguma dor ou enjôo, no gúliver ou no plote, com um jeito assim cauteloso, mas era verdade, irmãos, que eu estava me sentindo muito horrorshow e até querendo meu jantar.

- Não entendo - disse eu. - Vocês devem estar fazendo alguma coisa comigo pra que eu me sinta doente. - E fiquei assim meio franzindo a testa, pensando naquilo.

- Você se sentiu mal esta tarde - disse ele - porque você está melhorando. Quando se está com saúde, reage-se à presença do odioso com medo e náusea. Você está ficando bom. Amanhã, por essa hora, você vai estar melhor ainda. - Aí, ele deu uns tapinhas no meu noga e saiu e eu tentei destrinchar a véssiche toda da melhor maneira possível. O que me parecia era que os fios e outras véssiches que ficavam presas no meu plote talvez estivessem me fazendo sentir mal e que na realidade era tudo um truque. Eu ainda estava destrinchando isso tudo e pensando se devia ou não me recusar a ser arreado amanhã àquela cadeira e mesmo começar a dratsar com todos eles - porque eu tinha os meus direitos, quando outro tcheloveque entrou pra me videar. Era assim um veque estarre e sorridente que disse ser o que chamava de Encarregado das Solturas, e carregava um monte de pedaços de papel com ele. Ele disse:

Para onde é que você vai quando sair daqui? Eu realmente ainda não tinha pensado nesse tipo de véssiche e só agora começava a me luzir que eu ia ser um bom maltchique livre muito em breve e então eu videei que isso só iria ser se eu fizesse o jogo de todo mundo e não começasse a dratsar e a critchar, a me recusar e assim por diante. Eu disse:

- Ah, eu vou pra casa. De volta pra meu pê e eme.

- Seu...? - Ele não entendia nada de gíria nadsat, então eu disse:

- Meus pais, no meu querido prédio.

- Ah, sim - disse ele. E quando você recebeu a última visita dos seus pais?

- Um mês - disse eu - mais ou menos. Suspenderam o dia de visita por uns tempos, por causa de um prestúpinique que recebeu um pacote de pólvora que a ptitsa dele conseguiu enfiar pelo arame. Um golpe muito quelento que deram em cima dos inocentes, assim castigando eles também. Portanto, faz um mês mais ou menos que eu tive visita.

- Ah, sei - disse o tal veque. - E seus pais foran informados da sua

transferência e da sua soltura iminente: Aquilo tinha um esvuque muito bonito, lá isso tinha, aquele eslovo Soltura. Eu falei:

- Não. Vai ser uma surpresa agradável pra eles essa não vai? Eu entrando pela porta adentro dizendo: "Cá estou de volta, e um veque livre novamente!" É, vai ser muito horrorshow.

- Certo - disse o veque encarregado de solturas. - Vamos ficar por aqui. Desde que você tenha onde morar...

Agora, há a questão de você ter um emprego, não é? - E me mostrou aquela longa lista de empregos que eu podi. arranjar, mas eu pensava: Bom, vai ter muito tempo pra isso. Primeiro umas boas férias malenques. Eu podia fazer um serviço de crastar assim que saísse e encher os cármans de tutu, mas eu ia ter que ser muito cauteloso e ia ter que fazer o serviço no meu odinoque. Eu não confiava mais nos chamados drugues. Então eu disse ao tal veque pra deixar isso de lado um pouco, a gente ia govoritar de novo a respeito. Ele disse certo, certo, certo e se preparou pra sair. Ele demonstrou ser um veque muito esquisito, porque, agora, o que ele estava fazendo era dar uma risadinha, e aí disse: - Você gostaria de me dar um soco na cara, antes de eu ir embora? - Eu achei que não era possível que eu tivesse esluchado direito, então falei:

- Ahn?

- Você - ele deu uma risadinha - gostaria de me dar um soco na cara, antes de eu ir embora? - Eu franzi assim a testa, muito intrigado e disse:

- Porquê?

- Ah - disse ele-, só pra saber como é que você vai indo. - E chegou o litso até bem perto, um riso gordo na rote. Aí eu levantei o punho e mandei direto ao litso dele, mas ele se desviou muito escorre e o meu rúquer deu um soco no ar. Muito esquisito que isso era, e eu franzia a testa enquanto ele saía, esmecando de arrebentar. E então, meus irmãos, eu me senti enjoado de novo, justo como durante a tarde, mas só umas duas minutas. E aí passou escorre e, quando me trouxeram o jantar, eu descobri que estava com muito apetite e pronto pra mastigar a galinha assada. Mas era engraçado aquele tcheloveque estarre pedir um toltchoque no litso. E era engraçado me sentir enjoado daquele jeito.

O que foi mais engraçado ainda foi quando eu fui dormir naquela noite, ó meus irmãos. Eu tive um pesadelo e foi, como vocês devem imaginar, com um daqueles filmezinhos que eu tinha videado durante a tarde. Um sonho ou um pesadelo, na realidade é só assim um filme dentro do gúliver, só que a

gente pode entrar e tomar parte nele. Foi o pesadelo de um daqueles filminhos que me mostraram assim perto do final da tarde, o dos maltchiques que esmecavam fazendo de ultraviolentos em cima de uma ptitsa jovem que critchava em crove vermelho vermelho, as pletes todas rasrezadas muito horrorshow. Eu estava nessa brincadeira esmecando e sendo assim o chefe do círculo, vestido no rigor da moda nadsat. E então, no auge de toda essa dratsa e de todo esse toltchoque, eu me senti assim paralisado e com muita vontade de vomitar, e todos os outros maltchiques deram um gronque esmeque à minha custa. Aí eu já estava dratsando pra ver se acordava, no meio do meu próprio crove, aos litros, baldes e tanques, e aí me vi na minha cama, neste quarto. Estava com vontade de vomitar, então saí da cama todo trêmulo, querendo sair pelo corredor afora até o dabliucê. Mas contemplai, irmãos, a porta estava fechada. E me voltando eu vi pela primeira vez que havia grades nas janelas. E então, enquanto eu catava assim o penico no armário malenque ao lado da cama, eu videei que não ia ter como escapar daquilo tudo. Pior ainda, eu não tinha coragem de botar o gúliver pra dormir de novo.

Logo logo eu descobri que não queria vomitar nada, mas estava pugle de voltar pra cama e dormir. Mas bem depressa eu ferrei no sono e não sonhei mais.

Capítulo 6

- Pára, pára, pára! - continuava eu gritando. - Desliga isso, seus gréjines putos, que eu não agüento mais!

- Era no dia seguinte, irmãos, e eu tinha verdadeiramente feito todo o possível de manhã e de tarde pra fazer o que eles queriam e ficar sentado como um bom maltchique sorridente, cooperador, na cadeira de tortura, enquanto eles projetavam horríveis trechos de ultraviolência na tela, meus glazes grampeados pra ficarem abertos e videar tudo, meu plote, rúqueres e nogas presos à cadeira pra eu não poder fugir. O que me estava fazendo videar agora era uma véssiche que eu não teria achado tão má antes, que eram só três ou quatro maltchiques crastando uma loja e enchendo os cármans de cortador e ao mesmo tempo traquinando com a ptitsa velha dona da loja que crithcava, toltchocando ela e fazendo o crove vermelho vermelho escorrer. Mas o latejar e assim o tuque tuque tuque dentro do meu gúliver e a vontade de vomitar e a sede terrível, que deixava a minha rote como se fosse uma lixa, tudo estava pior do que ontem. - Ai, já chega - gritei

-,isso não é justo, seus merdas vonentos! - e tentei sair da cadeira, mas não era possível, eu estava como que encravado.

- De primeira ordem - critchou o tal Dr. Brodsky. - Você vai indo muit bem. Só mais um e acabamos.

O que vinha agora era a estarre guerra de 39-45 de novo, e era um filme cheio de bolhas, riscos e rachaduras que se videava, que tinha sido feito pelos alemães. Abria com águias alemãs e a bandeira nazista com aquela cruz assim torta que todos os maltchiques de escola gostam de desenhar, e aí tinha assim uns oficiais alemães muito insolentes e nadmenhes, andando em ruas que eram só poeira e buracos de bomba e edifícios destroçados. Ai, me davam o direito de videar líudes sendo fuziladas de encontro às paredes; oficiais dando as ordens e também horríveis plotes nagóis abandonados em sarjetas, todos como se fossem gaiolas de costelas secas e nogas brancas e finas. Depois tinha iludes sendo arrastadas e critchando, se bem que não na trilha sonora, meus irmãos, que o único som era a musica, e sendo toltchocadas. Então eu notei, em meio a toda a minha dor e náusea, qual era a música que fazia paratimbuni na trilha sonora, e era Ludwig van, o último movimento da Quinta Sinfonia, e com essa, eu critchei que nem bezumine: - Parem, seus grandes merdas nojentos! É um pecado, isso é o que é, um

pecado nojento e sem perdão, seus brétchenes! - Eles não pararam logo, porque só faltavam um ou dois minutos pra terminar -

Líudes sendo espancadas e todas em crove, e depois mais pelotões de fuzilamento, depois a velha bandeira nazista, e depois, FIM. Mas quando a luzes se acenderam no final, o tal Dr. Brodsky e também o Dr. Brannon estavam de pé na minha frente, e o Dr. Brodsky dizia:

- Que negócio foi esse de pecado, hein?

- Aquilo - disse eu, muito enjoado. - Usar Ludwig van daquele jeito. El nunca fez mal a ninguém. Beethoven só fazia escrever música - e aí eu fiquei realmente enjoa-do e tiveram que trazer um balde que tinha assim a forma de um rim.

- Música - disse o Dr. Brodsky como que divagando. - Então você chegado a música... Eu, disso, não entendo nada. E um estimulante emocional muito útil, é tudo o que eu sei. Ora, ora. O que é que você acha disso, hein, Brannon?

- E inevitável - disse o Dr. Brannon. - Cada um mata aquilo que ama como disse o poeta-prisioneiro. Eis aí talvez o elemento de punição. O Diretor vai ficar contente.

- Me dêem alguma coisa pra beber - disse eu - pelo amor de Deus.

- Soltem ele - ordenou o Dr. Brodsky. - Alguém vai buscar uma garrafa de água gelada. – Aí então, aqueles subveques puseram mãos à obra e logo eu estava pitando galões e galões de água e era assim o céu, ó meus irmãos. O Dr. Brodsky disse:

- Você me parece um jovem suficientemente inteligente. Parece também não ser desprovido de gosto. Você só tem essa coisa de violência, não é? Violência e roubo, sendo o roubo um aspecto da violência. - Eu não govoritei nem um eslovo, irmãos. Eu ainda estava me sentindo enjoado, se bem que agora melhorando um malenquinho. Mas o dia tinha sido terrível. - Mas, então - disse o Dr. Brodsky -, como é que você acha que isso é feito? Diga o que é que você acha que nós estamos fazendo com você?

- Vocês estão me fazendo ficar doente, eu fico doente quando vejo esses imundos filmes de perversão que vocês têm. Mas não são realmente os filmes que estão fazendo esse efeito. Mas acho que se vocês pararem com esses filmes, eu paro de me sentir doente.

- Certo - disse o Dr. Brodsky. - É associação, o método educacional mai antigo do mundo. E o que realmente faz com que você se sinta doente?

- Essas gréjines vésiches de merda que saem do meu gúliver e do meu

plote - disse eu. - É isso.

- Pitoresco - disse o Dr. Brodsky assim sorrindo - o dialeto da tribo. Voc sabe alguma coisa a respeito de sua procedência, Brannon?

- Fragmentos avulsos de antiga gíria rimada - disse o Dr. Brannon, qu não parecia mais amigo -, um pouco de gíria cigana, também. Mas a maio parte das raízes é eslava. Propaganda. Penetração subliminar.

- Tá bom, tá bom, tá bom - disse o Dr. Brodsky assim impaciente e nã mais interessado. - Pois bem - disse ele pra mim -, não são os fios. Não tem nada a ver com o que fica preso a você. Aquilo é só para medir as suas reações. O que é, então?

Eu videei então, é claro, que chute bezúmine que eu era de não perceber que eram as injeções no rúquer. - Ah - critchei eu -, agora eu estou videando tudo. Um macete sujo, quelento e vonento. Um ato de traição, seu merda, e não vai fazer de novo.

- Estimo muito que tenha levantado as suas objeções - disse o Dr Brodsky. - Agora podemos deixar tudo às claras. Nós podemos enfiar ess negócio do Ludovico no seu organismo de muitas maneiras diferentes. Po via oral, por exemplo. Mas a via subcutânea é a melhor. Não lute contra isso, por favor. Não adianta lutar.

Você não pode levar a melhor contra nós.

- Gréjines brétchenes - disse eu assim meio choramingando. Ai eu disse: - Eu não me importo com a ultraviolência e essa quel toda. Até ai, eu agüento. Mas isso não se faz com a música. Não é justo que eu me sinta ma seluchando o lindo Ludwig van e G. F. Handel e outros. E isso mostra qu vocês são um bando perverso de filhos da puta e eu nunca vou perdoar vocês por isso, seus merdas.

Pareceram ambos muito pensativos. Aí o Dr. Brodsky disse: - A delimitação é sempre muito difícil. O mundo é um, a vida é uma. As atividades mais doces e celestiais compartilham da violência em alguma medida - o ato do amor, por exemplo; a música, por exemplo. Você tem que correr o risco, rapaz. A opção foi inteiramente sua. - Eu não entendi esses eslovos todos, mas agora eu dizia:

- Os senhores não precisam levar a coisa diante, doutores. - Eu tinha mudado a cantilena um malenquezinho, à minha maneira astuta. - Os senhores me provaram que tudo isso de dratsa e ultraviolência e matança é errado. errado, terrivelmente errado. Eu aprendi a minha lição, meus senhores. Vejo agora o que nunca tinha visto antes. Estou curado, graças a

Deus. - E levantei os glazes de um jeito bem santo para o teto. Mas ambo aqueles doutores acudiram os gulíveres assim com tristeza e o Dr. Brodsky disse:

- Você ainda não está curado. Ainda falta fazer muita coisa. Só quando seu corpo reagir pronta e violentamente à violência como a uma cobra, sem mais ajuda nossa, sem medicação, só então... - Eu disse:

- Mas doutor, doutores, eu vejo que é errado. É errado porque é assim contra a sociedade, é errado porque cada veque na Terra tem o direito de viver e ser feliz sem ser espancado, e toltchocado e esfaqueado. Eu aprendi muito, mas aprendi mesmo. - Mas o Dr. Brodsky deu um esmeque alto e longo com isso, mostrando os zubes brancos, e disse:

- A heresia de uma idade da razão - ou uns eslovos assim. - Eu vejo o que é certo e eu o aprovo, mas faço o que é errado. Não, não, meu rapaz, você tem que deixar isso tudo por nossa conta. Mas enfrente isso com ânimo. Vai acabar depressa. Em menos de uma quinzena você vai ser um homem livre. - E ai me deu uns tapinhas no pletcho.

Menos de uma quinzena. Ó meus irmãos e amigos, era assim uma vida. Era assim do começo do mundo até o fim. Terminar os quatorze anos na Prisesta, sem indulto, não teria sido nada perto disto. Todo o dia era a mesma coisa. Quando a devótcheca da seringa foi chegando, no entanto, quatro dias depois desse govorite com o Dr. Brodsky e o Dr. Brannon, eu disse: - Ah, não vai não

- e dei-lhe um toltchoque no rúquer e a seringa foi plinque plaque no chão. Era assim pra videar o que é que eles iam fazer. O que eles fizeram fo arranjar quatro ou cinco bolches filhos da puta de uns subveques de avental branco pra me segurar na cama, me toltchocando com os litsos sorridentes bem perto do meu, e ai a ptitsa enfermeira disse: - Seu diabinho travesso e mauzinho

- enquanto picava o meu rúquer com outra seringa e esguichava aquele troço pra dentro de um jeito brutal e maldoso. E depois me levaram na cadeira assim exausto praquele cineminha do inferno, como antes. Todo dia, meus irmãos, aquelas fitas eram assim a mesma coisa, tudo cheio de pontapés e toltchoques e crove vermelho vermelho pingando de litsos e plotes e espirrando em cima da objetiva da câmara. Eram geralmente maltchiques que sorriam e esmecavam vestidos no rigor da última moda nadsat ou então torturadores japoneses tihihihihi, ou brutais chutadores e fuziladores nazistas. E cada dia o sentimento de querer morrer com o enjôo,

as dores no gúliver e as dores nos zubes e a sede horrível, tudo ficava realmente pior. Até que, uma manhã, eu tentei derrotar os filhos da puta dando tuque tuque tuque com o gúliver na parede pra me toltchocar até ficar inconsciente mas tudo o que aconteceu foi que eu fiquei enjoado videando que essa espécie de violência era como a violência dos filmes, então só fiquei exausto e me deram a injeção e fui levado na cadeira de rodas como antes.

E então chegou a manhã em que eu acordei e comi o meu pequenc almoço de ovos, torrada e geléia e techai com leite muito quente e aí pensei: "Agora não deve faltar muito. Agora já deve estar perto do fim do prazo.

Eu tenho sofrido o cúmulo e não posso sofrer mais." E esperei e esperei irmãos, por aquela ptitsa enfermeira trazendo a seringa, mas ela não veio. E aí, o subveque de avental branco chegou e disse:

- Hoje, amigo, vamos deixar você caminhar.

- Caminhar? - disse eu. - Pra onde?

- O lugar de costume - disse ele. - É, é, não fique assim tão espantado. Você vai caminhar até o cinema, eu junto, naturalmente. Você não vai mais ser carregado de cadeira de rodas.

- Mas - disse eu - e a minha horrenda injeção matinal? - Porque eu estava realmente surpreso com aquilo, irmãos, estando eles tão empenhados em enfiar aquele véssiche do Ludovico dentro de mim, como eles diziam.

- Não vão mais espetar aquele troço doente no meu pobre rúquer sofredor?

- Acabou - disse o veque assim rindo. - Para todo sempre amém. Agora com você, moço. Caminhando para câmara dos horrores e tudo. Mas você ainda vai ser arreado e forçado a ver. Então, vamos, meu tigrezinho. - E eu tive de botar o meu chambre e as tuflas e percorrer o corredor assim pro méssito do cinema.

Bom, dessa vez, ó meus irmãos, eu não estava apenas muito enjoado, mas muito intrigado. Lá estava de novo toda a ultraviolência e os veques com os gúlivers esmagados e abertos, ptitsas pingando crove e critchando por misericórdia, assim as traquinagens e brutalidades privadas e individuais. Depois teve os campos de concentração e os judeus, e assim as cinzentas ruas do estrangeiro cheias de tanques e uniformes e veques tombando sob o fogo fosco dos fuzis, sendo esse o aspecto público da coisa. E daquela vez eu não podia botar a culpa em coisa alguma por estar enjoado e com sede e cheio de dores, exceto que eu forçado a videar, meus glazes

ainda grampeados pra ficar abertos e meus nogas e plotes presos à cadeira, mas o jogo de fios e outras véssiches não mais saindo do meu plote e do meu gúliver. Então o que poderia ser se não os filmes que eu estava videando que estavam fazendo aquilo comigo? A menos naturalmente, irmãos, que aquele troço do Ludovico fosse assim como uma vacina - e lá estava ela passeando pelo meu crove, de modo que eu ia ficar sempre enjoado, para sempre e sempre amém, sempre que videasse qualquer ultraviolência dessas. Aí, fiquei com boca de choro e fiz buuuuuuuu, e as lágrimas assim embaçaram o que estavam me forçando a videar, assim em bem-aventuradas, fluidas e prateadas gotas de orvalho. Mas aqueles brétchenes de avental branco vieram escorre com seus tachetuques pra limpar as lágrimas, dizendo: - Tu é, ti é, exe minino tá munto solão...

- E ai tudo clareou novamente diante dos meus glazes, aqueles alemães assim aguilhoando judeus suplicantes e em prantos - veques e tchinas e maltchiques e devótchecas - pra dentro de méssitos onde iam todos dar a pitada com gás venenoso. E tive que fazer buuuuuuuu de novo e lá vieram eles me limpar as lágrimas muito escorre, de jeito que eu não perdesse nem uma única vessichezinha do que eles estavam mostrando. Foi um dia terrível e horrível, ó meus irmãos e únicos amigos.

Eu estava deitado na cama naquela nótchi, sozinho, depois do meu jantar, um suculento guisado de carneiro, gordo e espesso e torta de fruta e sorvete, e pensei comigo mesmo: "Diabo, diabo, diabo, deve haver uma chance d'eu sair agora." Mas eu não tinha arma. Não me deixavam usar britva lá e eu vinha sendo barbeado dia sim dia não por um veque gordo e careca que vinha pra perto de minha cama antes do pequeno almoço, dois brétchenes de avental branco, de plantão pra cuidar de que eu fosse um bom maltchique não-violento. As unhas dos meus rúqueres tinham sido cortadas e lixadas muito rente, pra eu não poder arranhar. Mas eu ainda era muito escorre no ataque, apesar deles me terem enfraquecido, irmãos, até virar uma sombra assim do que eu tinha sido nos velhos dias de liberdade. Então me levantei da cama e fui até à porta trancada e comecei a punhar muito horrorshow e forte, critchando ao mesmo tempo: - Ai, socorro, socorro, eu estou doente, eu estou morrendo!

Doutor, doutor, doutor, depressa! Por favor! Ai, eu vou morrer, eu vou sim! - Meu gorlo estava seco e doendo mesmo, antes que alguém chegasse. Aí, eu ouvi barulho de nogas pelo corredor e assim uma golosse resmungando, e eu reconheci a golosse do veque que me trazia a píchetcha

e assim me escoltava à minha danação. Ele grunhiu:

- Que é? O que é que está havendo? Que brincadeira safada é essa a dentro?

- Ai, eu estou morrendo - gemi. - Ai, eu tô com uma dor horrível aqui do lado. É apendicite. Aaaai!

- Apenas sítios... - grunhiu ele e aí, para minha alegria, irmãos, eu esluchei o tlenquezinho de chaves. - Se você está pensando em tentar, amiguinho, eu e meus amigos podemos ficar surrando e chutando você a noite inteira. - Então ele abriu a porta e deixou entrar assim o doce ar da promessa da minha liberdade. Bom. Eu estava assim atrás da porta quando ele empurrou pra abrir e eu pude videar ele na luz do corredor, me procurando, intrigado. Ai eu levantei os meus dois pulsinhos pra toltchocar ele feio no pescoço e então, eu juro, enquanto eu via ele antecipadamente caído gemendo ou duro duro e sentia a alegria tomar conta das minhas entranhas, foi ai que a náusea me subiu como se fosse uma onda e eu senti um medo horrível como se fosse realmente morrer. Eu cambaleei assim pra cama fazendo ug ug, e o veque, que não estava de avental branco, mas de chambre, videou bem claro o que é que eu tinha, porque disse:

- Muito bem, tudo serve de lição, não é? Vivendo e aprendendo, como se diz. Vamos, amiguinho, levante-se dessa cama e me bata. Eu quero sim, realmente. Uma boa porrada no meio do queixo. Ah, eu estou morrendo de vontade, estou mesmo. - Mas tudo o que eu conseguia fazer, irmãos, era ficar lá deitado, soluçando, buuuuuuuuu.

- Escória - escarnecia agora o veque. - Lixo. - E ele me puxou assim po trás da gola do pijama e eu levei um bom toltchoque em pleno litso. - Isto - disse ele - e por me tirar da cama, sua imundiciezinha. - E limpou os rúqueres um contra o outro e saiu, tloque tloque, fez a chave na fechadura.

E o quê, meus irmãos...? Eu tinha que fugir para o sono, daquilo que era o horrível e errôneo sentimento de que era melhor levar a pancada do que bater. Se aquele veque tivesse ficado ali, eu era capaz assim de ter oferecido a outra face.

Capítulo 7

Eu não podia acreditar, irmãos, no que me diziam. Parecia que eu tinha estado naquele méssito vonento desde sempre e que ia ficar pra todo o sempre. Mas tinha mesmo sido uma quinzena e agora me diziam que a quinzena estava quase terminando. Diziam:

- Amanhã, amiguinho, fora, fora, fora. - E faziam o velho gesto com o polegar, assim apontando pra liberdade.

E aí, o veque de avental branco que tinha me toltchocado e que ainda levava a minha pichetcha e assim me escoltava para a tortura diária, me disse:

- Mas você ainda tem um grande dia pela frente. É o seu dia de passamento. - E com essa deu um esmeque de escárnio.

Eu pensava que naquela manhã eu ia itar como de hábito até o méssito do cineminha de pijamas e tuflas e chambre. Mas não. Naquela manhã me deram minha camisa e minhas subvéssiches e minhas pletes de noite e minhas botas de chutar horrorshow, tudo lindo e lavado, ou passado ou polido. E até me deram a minha britva de degolar, que eu tinha usado naqueles dias felizes pra traquinar de dratsar. Por isso eu franzi a testa, intrigado com aquilo, enquanto me vestia, mas o subveque de avental branco apenas sorriu e não quis govoritar nada, ó meus irmãos.

Fui levado muito cortesmente ao mesmo méssito de sempre, mas lá havia mudanças. Tinham puxado uma cortina na frente da tela, e o vidro fosco sob os buracos da projeção não estava mais lá, talvez tendo sido levantado ou dobrado pros lados, como as persianas ou biombos. E onde tinha havido apenas o barulho de tosse, quechequechequeche, e assim sombras de líudes, estava agora uma verdadeira platéia, e nessa platéia tinha litsos que eu conhecia. Lá estavam o Diretor da Prisesta e o santo homem, o carlitos ou charles como era chamado, e o Tchasso-Chefe e aquele tcheloveque muito importante e bem-vestido que era o Ministro do Interior ou Inferior. Todo resto eu não conhecia. O Dr. Brodsky e o Dr. Brannon estavam lá, se ber que não de avental branco - e em lugar disso estavam vestidos como os médicos devem se vestir, os que são importantes bastante pra querer se vestir no rigor da moda. O Dr. Brannon estava apenas de pé, mas o Dr.

Brodsky estava de pé e govoritava assim com ar muito doutor pra todas as líudes ali reunidas. Quando ele me videou entrando ele disse:

- Ah ha. Nesse ponto, senhores, apresentamos o próprio elemento. Ele está, como os senhores poderão notar, bem-disposto e bem alimentado. Está chegando diretamente de uma noite de sono e de um bom desjejum, sem estar drogado e hipnotizado. Amanhã vamos mandá-lo com toda confiança de volta ao mundo novamente, um moço tão direito quanto qualquer outro que os senhores poderiam conhecer numa manhã de maio, inclinado a dar uma palavra bondosa e praticar um gesto útil. Que diferença aqui está, senhores, do miserável desordeiro que o Estado submeteu ao castigo improfícuo há dois anos atrás. Sem ter mudado, pergunto? Não exatamente.

A prisão lhe ensinou o sorriso falso, o esfregar de mãos da hipocrisia, o olhar untuoso e servil da bajulação.

Outros vícios lhe ensinou, ao mesmo tempo que o confirmava nos que já havia praticado antes. Mas, senhores, basta de palavras. Ações falam mais alto. Ação agora. Observem tudo.

Eu estava um pouco aturdido com aquela govoritação toda e estava tentando apreender mentalmente que tudo aquilo era assim a meu respeito. Aí, todas as luzes se apagaram e saíram assim dois refletores brilhando dos buracos da projeção e um deles estava em cheio sobre o Vosso Humilde e Sofrido Narrador. E dentro do facho do outro refletor estava um bolche tcheloveque que eu nunca tinha visto antes. Tinha um rosto assim sebento, bigode e assim fiapos de cabelo emplastrados no gúliver quase careca. Tinha cerca de trinta anos, ou quarenta ou cinqüenta, uma idade assim estarre. Ele itou na minha direção e o spotligh itou com ele, e breve os dois spots tinham formado assim uma grande poça. Ele me disse, muito debochado:

- Como é que é, monte de lixo? Puh, você não é muito chegado a um banho, do jeito horroroso que você cheira... - Depois pisou nos meus nogas, direito, esquerdo, depois um beliscão no nariz com as unhas que deu uma dor bezúmine e me encheu os glazes de lágrimas, depois me torceu o uco esquerdo feito botão de rádio.

Eu esluchava risotas e um par de ha ha has horrorshow vindos da platéia. Meu nariz e nogas e uco davam ferroadas e doíam assim bezúmines, então eu disse:

- Por que é que você está fazendo isso comigo? Eu nunca lhe fiz mal nenhum, irmão.

- Ah - disse o tal veque -, eu faço isso (nhoquetenhoque, torcida no nariz) e isso (torcida no buraco do ouvido) e mais isso (pisada feia no pé direito), porque não vou com a sua cara nojenta. E se você vai fazer alguma

coisa, começa, por favor, começa.

Agora eu percebia que tinha que ser muito escorre e sacar a minha britva de degolar antes que aquela horrível doença assassina subisse zunindo e transformasse assim a alegria da batalha na sensação de que eu ia dar a pitada. Mas, ó irmãos, enquanto a minha mão ia pra britva, no meu bolso interno, eu vi assim aquela cena, com os olhos da mente, aquele tcheloveque insultuoso uivando por misericórdia com o crove vermelho vermelho todo escorrendo da sua rote, e logo em cima desse quadro, a náusea, a secura e as dores vieram correndo pra me alcançar e eu videei que tinha de mudar os meus sentimentos em relação àquele veque sórdido realmente escorre, então apalpei os cármans procurando cigarros ou dinheiro e, ó meus irmãos, não tinha nenhuma dessas duas véssiches. Eu disse assim todo lamuriento e choramingas:

- Eu queria lhe dar um cigarro, irmão, mas não tenho nem um. - O veque fez: - Ha ha, buuuuuuuuuu. Chora, neném. - Aí, nhoquetenhoque de novo com a unha bolche que nem um chifre no meu nariz e eu esluchava assim esmeques altíssimos de euforia vindos da platéia às escuras. Eu disse, desesperado mesmo, tentando ser agradável àquele veque que me insultava e machucava, para impedir que chegassem as dores e o enjôo:

- Por favor, deixe eu fazer alguma coisa pro senhor, por favor. - E eu tateava os cármans mas só encontrei a minha britva de degolar, então eu tirei ela pra fora, ofereci a ele e disse: - Por favor, fique com isso, por favor.

Mas ele falou:

- Pode ficar com os seus fedorentos presentinhos de suborno. Você não vai se livrar de mim dessa maneira.

E deu uma porrada no meu braço e a minha britva de degolar caiu no chão. Então eu disse:

- Por favor, eu tenho que fazer alguma coisa. Quer que eu limpe as suas botas? Olha, eu vou me abaixar e lamber as suas botas. - E, meus irmãos, acreditem ou lambam os meus cherres, eu caí de joelhos e estiquei o meu iázique milha e meia, pra lamber as grejinentas vonentas botas dele.

Mas o tal veque só fez foi me dar um pontape não muito forte na rote. Então me pareceu que não provocaria enjôo nem dor se eu agarrasse as canelas dele com os meus rúqueres e desse com aquele gréjine brétchene no chão. E foi o que eu fiz. Ele levou uma bolche surpresa arriando ploft debaixo das gargalhadas fortes da platéia vonenta. Mas, videando ele no chão, eu comecei a sentir aquela sensação inteira me invadindo, então dei-

lhe o meu róquer pra ele se levantar escorre e lá subiu ele. Aí, quando ele ia me dar um toltchoque realmente feio e forte no litso, o Dr. Brodsky falou:

- Está bom, até aí já basta. - Então o tal veque sórdido fez uma espécie de curvatura e saiu dançante como um ator, enquanto as luzes se acendiam, eu piscando e fazendo boca pra choramingar. O Dr. Brodsky disse pra platéia: - O nosso elemento está, compreendem, impelido para o bem, paradoxalmente, por ser impelido para o mal. A intenção de agir violentamente é acompanhada por fortes sensações de mal-estar físico. Para obstá-las, ele tem que mudar para uma atitude diametralmente oposta. Alguma pergunta?

- Opção - roncou uma golosse rica e profunda. Eu videei que pertencia ao carlitos da prisão. - Ele não tem realmente opção, tem? O interesse pessoal, o medo da dor física levaram a esse ato grotesco de auto-rebaixamento. A sua insinceridade foi patente. Ele deixa de ser um malfeitor. Mas cessa também de ser uma criatura capaz de opção moral.

- Isso são sutilezas - sorriu assim o Dr. Brodsky. - Não estamos preocupados com motivação, mas com ética superior. Estamos apenas preocupados com refrear o cri-me...

- E - encaixou o tal Ministro bolche e bem-vestido - aliviar o lúgubre congestionamento das nossas prisões.

- Muito bem - disse alguém.

Então teve um bocado de govorite e discussão e eu lá, completamente ignorado por aqueles brétchenes ignorantles, então eu critchei:

- Eu, eu, eu! E eu? Como é que eu fico no meio disso tudo? Eu sou algum bicho, ou algum cachorro? - E com isso eles começaram a govoritar muito alto mesmo e atirando eslovos em cima de mim. Então eu critchei mais alto ainda, critchando: - Eu vou ser como uma laranja mecânica? - Eu não sabia o que me fazia usar esses eslovos, irmãos, que simplesmente tinham entrado no meu gúliver sem pedir licença. E isso, por algum motivo, calou a boca daqueles veques, durante uma minuta ou duas. Aí um tcheloveque muito magro e estarre, com pinta de professor, se levantou, o pescoço assim de cabos elétricos, transmitindo assim a energia do gúliver pro plote, e disse:

- Você não tem razão nenhuma para ranzinzar, rapaz. Você fez a sua escolha e isto é uma conseqüência da sua escolha. O que quer que venha agora, foi o que você mesmo escolheu. - E o carlitos da prisão critchou:

- Ah, se ao menos eu pudesse acreditar nisso! - E a gente videava o Diretor dando uma olhada pra ele assim querendo dizer que ele não ia subir

tão alto quanto estava pensando dentro da Religião nas Prisões. Aí a discussão inflamada recomeçou e eu esluchei a palavra Amor sendo jogada de um lado pro outro, o próprio charles critchando que nem os outros que o Perfeito Amor Expulsa o Nosso Medo e aquela quel toda. E aí, o Dr. Brods falou, sorrindo com o litso todo:

- Alegra-me, meus senhores, que a questão do Amor tenha sido levantada. Veremos agora uma forma de Amor que acreditava-se ter morrido com a Idade Média. E aí as luzes caíram e os spots acenderam novamente, um sobre o vosso pobre e sofrido Amigo e Narrador, e no centro do facho do outro, rolava, ou deslizava a mais linda jovem devótcheca que jamais se poderia esperar videar na djísene, ó meus irmãos. Quer dizer, tinha uns grudes muito horrorshow e se podia videar assim todinhos, que ela usava pletes que iam descendo, descendo, descendo dos pletchos. E seus nogas eram Bog no Céu e ela caminhava assim de fazer roncar as quíchecas e no entanto o seu litso era assim doce, sorridente e jovem. Ela veio em minha direção junto com a luz como se fosse assim a luz da graça celestial e essa quel toda vindo junto com ela, e a primeira coisa que relampejou no meu gúliver foi que eu queria ter ela ali mesmo, no chão, fazendo entra-sai-entra-sai muito selvagem, mas escorre como um tiro me veio o enjôo, assim como um detetive que tivesse ficado espiando atrás da esquina e agora partisse pra fazer a sua gréjine captura. Agora, o vone do lindo perfume que estava nela me fazia assim querer pensar em revirar as minhas quíchecas, então eu tive de pensar assim um novo modo de pensar nela, antes que a dor e a sede e a horrível náusea tomassem conta de mim horrorshow mesmo, de verdade. Aí, eu critchei:

- O tu, a mais bela e formosa das devótchecas, eu assim jogo o meu coração a teus pés pra assim sapatear em cima. Se eu tivesse uma rosa, uma rosa te daria. Se estivesse tudo chuvoso e o chão estivesse quelento, eu te daria as minhas pletes para andar em cima, para não cobrires tuas nogas graciosas de sujeira e quel. - E enquanto dizia isso sentia o enjôo ir assim sumindo. - Deixa-me - critchci eu - adorar-te e ser assim teu auxílio e proteção assim contra o mundo malvado. - Aí, eu encontrei o eslovo certo e por isso melhorei, dizendo: -

Deixa-me ser o teu fiel cavalheiro. - E lá fui eu de novo assim lá pra baixo de joelhos, me curvando e ralando a língua.

E aí me senti realmente chute e tapado, porque tinha sido assim de novo uma representação, porque a tal devótcheca sorriu e fez uma mesura assim

pra platéia e saiu assim dançante, as luzes voltando com um aplausozinho.

E os glazes de alguns daqueles veques estarres da platéia estavam assim pulando fora com a jovem devótcheca, de desejo imundo e profano, ó meus irmãos!

- Ele vai ser um verdadeiro cristão - estava critchando o Dr. Brodsky - pronto a oferecer a outra face, a ser crucificado, ao invés de crucificar, enojado até à alma ao pensar em matar sequer uma mosca. - E isso era verdade, irmãos, porque quando ele falou aquilo de matar uma mosca eu senti um enjoozinho, mas repeli o enjôo e a dor pensando na mosca sendo alimentada a torrões de açúcar e cuidado como uma porra dum bicho de estimação e aquela quel toda. - Redenção - critchou ele. - Alegria perante os Anjos de Deus!

- O fato é - dizia o tal Ministro do Inferior, muito gronque - que funciona.

- Ah - disse o carlitos da prisão assim suspirando -, funciona mesmo, Deus que nos ampare a todos!

PARTE
3

Capítulo 1

- Qual vai ser o programa, hein?

Isso, meus irmãos, era eu me perguntando na manhã seguinte, de pé, do lado de fora daquele edifício branco que ficava assim anexo à velha Prisesta, vestido com minhas pletes noturnas de dois anos atrás, na luz cinzenta da madrugada, com uma sacolinha malenque contendo as minhas poucas véssiches pessoais e um pouco de cortador bondosamente doado pelas Autoridades vonentas assim pra começar vida nova.

O resto do dia anterior tinha sido muito cansativo, assim com entrevistas em fita pra irem assim pras telenotícias e fotografias sendo batidas, flash flash flash, e assim mais demonstrações de eu me dobrando diante da ultraviolência e toda aquela quel constrangedora. E aí eu tinha assim caído na cama e depois, que eu achava que tinha sido assim, acordado pra me dizerem pra eu me mandar, pra itar pra casa, que eles não queriam videar o Vosso Humilde Narrador nunca-jamais-em-tempo-algum, ó meus irmãos Portanto, lá estava eu, de manhã cedinho, só com aquele pouquinho de tutu no meu cárman esquerdo e que eu tilintava pensando:

- Qual vai ser o programa, hein?

Comer alguma coisa em algum méssito, pensava eu, que não tinha comido nada naquela madrugada, os veques todos estando muito ansiosos pra me toltchocar pra fora, para a Liberdade. Uma tchacha de tchai era tudo o que eu tinha pitado. Essa Prisesta ficava numa parte muito sombria da cidade, mas tinha uns botecos malenques de operários por todo lado e logo eu achei um, meus irmãos. Era muito quelento e vonento, com uma lâmpada no teto cheia de cocô de mosca escurecendo o pouco de luz, e tinha uns rabitadores madrugadores chupando o seu tchai e suas salsichas de péssima cara e fatias de clebe que eles comiam como lobos, lobe lobe lobe, e depois critchando e pedindo mais. Eram servidos por uma devótcheca muito quelenta mas que tinha uns grudes muito boiches, e alguns dos veques que estavam comendo tentavam agarrar ela fazendo ho ho ho enquanto ela fazia hi hi hi, e ver isso quase que me fez ficar enjoado, irmãos. Mas pedi torradas e geléia e tchai, mui polidamente e com a minha golosse de cavalheiro, e depois sentei num canto escuro pra comer e pitar.

Enquanto eu fazia isso, um veque anãozinho malenque itou dentro, vendendo as gazetas matutinas, um prestúpnique aleijado e gréjine de óculos grossos de armação de aço, as roupas assim da cor de pudim de

groselha podre, já muito velho. Eu cupetei uma gazeta, que a minha intenção era tomar a mergulhar na djisene normal, videando o que era que estava itando no mundo. Essa gazeta que eu comprei devia ser gazeta do Governo, porque as únicas notícias que tinha na primeira página era a respeito da obrigação que tinham todos os veques de botar o Governo de novo no poder nas próximas Eleições Gerais, que pareciam ser daí a umas duas ou três semanas. Tinha eslovos muito ufanos sobre o que o Governo tinha feito, irmãos, durante o último ano ou coisa parecida, com aumento de exportações, e uma política exterior muito horrorshow, e melhoria nos serviços sociais e essa quel toda. Mas o que o Governo estava realmente mais ufano era o modo pelo qual eles achavam que as ruas tinham se tomado mais seguras para as líudes notívagas amantes da paz, durante os últimos seis meses, com melhores salários para a polícia, e a polícia ficando assim mais dura para com os jovens desordeiros e os pervertidos e os assaltantes e aquela quel toda. O que interessovatava ao Vosso Humilde Narrador um bocado. E na segunda página da gazeta tinha uma fotografia borrada de alguém que parecia muito meu conhecido, e que acabou não sendo outro senão eu eu eu. Eu estava com um ar sombrio e assustado, mas isso era com os flashes fazendo pof pof pof sem parar. O que dizia embaixo do meu retrato era que eis aqui o primeiro diplomado pelo novo Instituto Estatal de Recuperação de Tipos Criminosos, curado dos seus instintos criminosos em apenas uma quinzena, fazia hoje, e agora um bom cidadão temente à lei e essa quel toda. Então eu vi que tinha um artigo que louvava muito a tal Técnica Ludovico, e como o Governo era hábil e essa quel toda. Depois tinha outro retrato de outro veque que eu achei que conhecia e era o tal Ministro do Inferior ou Interior. Parece que ele tinha se gabado um bocado antevendo uma agradável era livre do crime, na qual não haveria mais o temor dos covardes ataques dos jovens desordeiros, dos pervertidos e dos assaltantes e essa quel toda. Aí eu fiz arghhhh e joguei a tal gazeta no chão, de modo que ela ficou toda manchada de tchai entornado e horrendas escarradas dos animais quelentos que freqüentavam aquele boteco.

- Qual vai ser o programa, hein?

O que ia ser em seguida, irmãos, era o caminho de casa e uma agradável surpresa pro papapá e pra mamã, o seu único filho e herdeiro de volta ao seio da família. Então eu ia poder deitar na cama do meu estudiozinho malenque, esluchar linda música e ao mesmo tempo poder refletir sobre o que era que eu ia fazer da minha djísene. O Encarregado de Solturas tinha

me dado na véspera uma longa relação de empregos que eu poderia tentar e tinha telefonado pra uma porção de veques a meu respeito, mas eu não tinha intenção, meus irmãos, de sair pra rabitar logo logo. Um malenquezinho de descanso primeiro, é, e uma pensada tranqüila na cama, ao som de linda música.

Portanto, o ônibus pro Centro e depois o ônibus pra Kingsley Avenue que os apartamentos do Bloco 18-A ficavam pertinho. Vocês não vão acreditar, meus irmãos, quando eu disser que o meu coração estava toquetoquetoque assim com a excitação. Estava tudo muito sossegado, sendo ainda cedo em uma manhã de inverno, e quando eu itei no vestíbulo não tinha nem um veque, só os veques e tchinas nagóis da Dignidade do Trabalho. O que me surpreendeu, irmãos, foi o jeito que tinha sido limpo não tendo mais os balões com eslovos feios saindo das rotes dos Dignos Operários e nenhuma das partes escusas do corpo acrescentadas aos seus plotes nus por maltchiques rabiscadores de mentalidade porca. E o que também me surpreendeu foi que o elevador estava funcionando. Veio ronronando até embaixo quando eu apertei o nopca elétrico e quando eu entrei, fiquei surpreendido ao videar que assim dentro da cabina estava limpo.

Portanto, lá subi eu pro décimo andar e lá eu vi 1O-8 como era antes, e o meu rúquer tremeu e sacudiu enquanto eu tirava do cárman a clutchinha que eu tinha pra abrir a porta. Mas enfiei firmemente a clutche na fechadura e girei, abri e entrei e lá encontrei três pares de glazinhos surpresos e quase assustados olhando pra mim, e estavam pê e eme comendo o desjejum, mas estava também um outro veque que eu nunca tinha videado antes na minha djísene, um veque bolche e gordo, em mangas de camisa e suspensórios, muito à vontade, irmãos, chuchando o tchaizinho com leite e croquecroquecroque no ovo com torrada. E foi esse veque estranho quem falou primeiro dizendo:

- Quem é você, amigo? Onde é que você arranjou essa chave? Cai fora antes que eu te amasse a cara. Sai lá pra fora e bate. Fala qual é o caso depressa.

Meu pai e minha mãe estavam sentados assim petrificados e eu videava que eles ainda não tinham lido a gazeta e aí eu me lembrei que a gazeta não chegava antes de papapá sair pro trabalho dele. Mas, aí, a mãe disse:

- Ih! Você fugiu! Você escapou. O que é que a gente vai fazer? A polici vai vir aqui, ai ai ai ai ai. Ah, menino mau e perverso, envergonhando a

gente desse jeito! - E acreditem ou lambam minhas cherres, ela começou a fazer buuuuuu. Aí eu comecei a tentar explicar, eles podiam telefonar pra Prisesta se quisessem, e o tempo todo o veque estranho ficou ali sentado franzindo a testa e com ar de quem ia me amassar o litso com o punho cabeludo, bolche e carnudo. Então eu disse:

- E que tal você me responder um pouco, irmão? O que é que você está fazendo aqui e por quanto tempo? Eu não gostei do tom do que você disse. Olha lá! Vamos, fala!

Era um veque com pinta de braçal, muito feio, por volta de trinta ou quarenta, e agora estava sentado com a rote aberta pra mim, sem govoritar um único eslovo. Aí, meu pai falou:

- Isso tudo é meio desconcertante, meu filho. Você devia ter avisado a gente de que ia chegar. Nós pensávamos que ainda iam se passar uns cinco ou seis anos antes que eles deixassem você sair. Não - e isso ele disse assim muito sombrio - que não nos dê prazer ver você de novo, e ainda mais livre...

- Quem é esse? - disse eu. - Por que é que ele não fala? O que é que há aqui?

- Esse é o Joe - disse minha mãe. - Ele mora aqui agora. O que ele é, inquilino. Ai, meu Deus, meu Deus, meu Deus.

- Você - disse o tal Joe. - Eu já soube de tudo a seu respeito, moço. Eu sei o que você fez, partindo o coração dos seus pobres pais aflitos. Então voltou, é? Voltou pra desgraçar a vida deles de novo, é isso? Só se for por cima do meu cadáver, porque eles me deixaram ser mais um filho pra eles do que um inquilino. - Eu quase especava alto com essa, se o velho rasdraz dentro de mim não tivesse começado a despertar a sensação de querer vomitar, porque esse veque parecia ter a mesma idade que o meu pê e eme, e lá estava ele tentando botar um rúquer de filho protetor em volta da minha mãe que chorava, ó irmãos.

- Ah - disse eu, e eu me sentia perto de cair em prantos também. - Ah, então é isso? Bom, eu lhe dou cinco longos minutos pra tirar todas as suas fétidas véssiches quelentas do meu quarto. - E parti em direção ao quarto, o veque sendo um malenque lento demais pra me impedir. Quando eu abri a porta, meu coração despencou no tapete, porque eu videei que não era mais absolutamente o meu quarto, irmãos. Todas as minhas bandeiras tinham sumido das paredes e esse veque tinha pregado retratos de lutadores de boxe e também um time assim sentado descansando de rúqueres cruzados e

com um escudo assim de prata na frente. E depois eu videei que tudo c mais estava faltando. Meu estéreo e meu armário de discos não estavam mais lá, nem minha arca dos tesouros fechada, contendo garrafas e duas seringas brilhando de limpas. - Aqui teve alguma trama suja e vonenta - critchei eu. - O que foi que você fez com as minhas véssiches pessoais, seu sacana nojento?

Isso era com o Joe, mas foi meu pai que respondeu dizendo:

- Foi tudo levado, meu filho, pela polícia. Essa nova lei, sabe, de compensação pras vitimas.

Eu senti muita dificuldade em não ficar muito doente, mas meu gúliver estava doendo de atordoar, e minha rote estava tão seca que eu tive de dar uma talagada escorre na garrafa de leite em cima da mesa, e aí o tal Joe disse: - Mal-educado como um porco. - Eu falei:

- Mas ela morreu... Aquela mulher morreu!

- Foram os gatos, meu filho - disse meu pai assim penalizado -, que ficaram sem ninguém pra dar de comer a eles, até a leitura do testamento. Então a polícia vendeu as suas roupas e tudo, pra ajudar a tomar conta deles.

É a Lei, meu filho. Mas você nunca foi muito de seguir a lei.

Aí eu tive de sentar e o tal Joe disse: - Peça licença antes de sentar, seu porco mal-educado - e aí eu dei escorre o troco com um "Fecha essa cloaca suja banhenta, seu..." sentindo enjôo. Então tentei ser todo razoável e sorridente, assim pro bem da minha saúde, então eu disse:

- Puxa, esse é o meu quarto, não há como negar. E é minha casa. Que sugestões vocês têm a dar, meu pê e eme?

- Mas eles pareciam apenas muito abatidos, minha mãe tremendo um pouco, o litso cheio de rugas e assim molhado de lágrimas, e ai meu pai disse:

- Nós precisamos pensar nisso tudo, meu filho. A gente também não pode chutar o Joe daqui pra fora assim sem mais nem menos, pode? Quer dizer, o Joe está aqui fazendo um negócio, quer dizer, um contrato, dois anos, e a gente fez assim um acordo, não foi, Joe? Quer dizer, meu filho pensando que você ia ficar na prisão muito tempo e aquele quarto pedindo por isso... - Ele estava um pouco envergonhado, videava-se isso no seu litso. Então eu assim sorri, e concordei com a cabeça, dizendo:

- Estou videando tudo. Vocês se acostumaram com um pouco de paz, e vocês se acostumaram com um pouco de gaita extra. O negócio é assim mesmo. E o filho de vocês não tem sido mais do que uma grande maçada. -

E aí, meus irmãos, vocês acreditem ou lambam meus cherres, eu comecei assim a chorar, sentindo assim muita pena de mim mesmo. Então meu pai disse:

- Bem, você sabe, o Joe já pagou o aluguel adiantado, quer dizer qualquer coisa que a gente faça no futuro, a gente não pode dizer ao Joe pra ele sair, pode Joe?

O tal Joe falou:

- É em vocês dois que eu tenho que pensar, vocês foram uns pais pra mim. Seria justo, ou certo, eu ir embora e deixar vocês às tenras mercês desse jovem monstro que foi tudo menos um filho de verdade? Agora ele está chorando, mas isso são artimanhas. Deixa ele ir embora e procurar um quarto em outro lugar. Deixa ele aprender que o caminho dele está errado e que um menino mau como ele tem sido não merece pai e mãe tão bons como os que ele tem.

- Está certo - disse eu me levantando ainda em prantos. - Ninguém me quer nem gosta de mim. Eu sofri, sofri, sofri e todo mundo quer que eu continue sofrendo. Já sei.

- Você fez os outros sofrerem - disse o tal Joe. - Não é mais do que norma que você sofra bastante. Me contaram tudo que você fez, eu sentado aqui na mesa da família, e foi uma coisa muito chocante de se escutar.

Realmente enojado, muita coisa me deixou.

- Eu queria - disse eu - voltar pra prisão. Mesmo que fosse a Prisesta velha. Vou itar fora agora - eu falei.

- Vocês não vão me videar mais. Eu vou seguir o meu caminho, muito obrigado. E que isso pese na consciência de vocês. - Meu pai falou:

- Não leve a coisa assim, meu filho - e minha mãe caiu no buuuuu, o litsc apertado feio mesmo, e o tal de Joe botou o rúquer em volta dela de novo, batendo nas costas dela e dizendo vamos vamos vamos que nem bezúmine. E então eu saí meio cambaleando em direção à porta e os deixei entregues à sua horrível culpa, ó meus irmãos.

Capítulo 2

Itando pela rua abaixo, assim meio sem objetivo, naquelas pletes noturnas que as líudes ficavam assim olhando quando eu passava, e frio, ainda por cima, que era um dia de inverno filho da puta de frio, só o que eu sentia era que queria era estar longe daquilo tudo e não ter mais que pensar em vessichissima nenhuma. Então peguei o ônibus pro Centro e aí voltei a pé até Taylor Place, e lá estava a discobutique MELODIA, que e costumava favorecer com o meu inestimável patrocínio, ó meus irmãos, e parecia ser o mesmo méssito de sempre e, entrando, eu esperava videar lá o velho Andy, aquele veque calvo e muito magro, aquele veque atencioso de quem eu cupetava discos nos velhos tempos. Mas não tinha mais o Andy lá irmãos, mas apenas o critche e o berro de uns nadsats (quer dizer, adolescentes), maltchiques e ptitsas esluchando uma nova canção pop horrorosa qualquer e dançando ao som dela também, e o veque atrás do balcão não era muito mais do que um nadsat ele também, estalando os ossos do rúquer e esmecando que nem bezúmine.

Então eu cheguei perto e esperei até que ele assim se dignasse a notar a minha presença, e aí falei:

- Eu gostaria de ouvir uma gravação da Quarenta de Mozart. - Não sei que foi que tinha me dado no gúliver, mas foi isso o que eu fiz. O veque do balcão disse:

- Quarenta o quê, amigo?

Eu disse: - Sinfonia. Sinfonia número quarenta em Sol Menor.

- Uhhhhh - fez um dos nadsats que estava dançando, um maltchique com o cabelo todo caído nos glazes. - Sem funil. Não é gozado? Ele quer uma sem funil.

Eu sentia que estava ficando muito rasdraz por dentro, mas eu tinha que me cuidar, então eu sorri pro veque que tinha ficado com a loja do Andy e pra todos os nadsats que critchavam e dançavam. O veque do balcão disse:

- Vai naquela cabina de audição ali, amigo, que eu vou mandar um som pra lá.

Então eu fui pro boxe malenque onde se podia esluchar os discos que queria comprar, e aí o tal veque botou um disco pra mim, mas não era a Quarenta de Mozart, mas a "de Praga" de Mozart - aparentemente el apanhou qualquer Mozart que conseguiu encontrar na estante - e isso devia

me deixar realmente rasdraz, e eu tinha que tomar cuidado, de medo da dor e do enjôo, mas o que eu tinha esquecido era alguma coisa que não devia ter esquecido e que agora me fazia ter vontade de dar a pitada. Era que aqueles brétchenes doutores tinham aprontado as coisas de tal modo que qualquer música que mexesse com as emoções ia me fazer sentir enjoado, tanto quanto videar ou querer fazer violência. Era porque todos aqueles filmes de violência tinham música. E me lembrava especialmente daquele horrendo filme nazista com a Quinta de Beethoven, último movimento. E agora ca estava o lindo Mozart tornado horrível. Eu disparei da loja, com aqueles nadsats, esmecando atrás de mim e o veque do balcão critchando: "Eh eh eh!" Mas eu não dei importância e saí cambaleando, assim quase cego, atravessei a rua e dobrei a esquina em direção ao Leite-bar Korova. Eu sabia o que queria.

O méssito estava quase vazio, sendo ainda de manhã. E estava esquisito também, tinha sido todo pintado de vacas vermelhas, e por trás do balcão não tinha nenhum veque que eu conhecesse. Mas quando eu disse

"Leite-com, grande," o veque de rosto muito macilento, recém-barbeado, sabia o que eu queria. Eu levei o moloco com grande pra um dos pequenos cubículos que ficavam a toda a volta do méssito, tendo assim cortinas pra separar do méssito central, e lá sentei na cadeira de pelúcia e beberiquei. Quando acabei o troço todo comecei a achar que as coisas estavam acontecendo. Eu estava com os meus glazes fixos num pedacinho malenque de papel prateado de maço de cigarros que estava no chão, que a faxina daquele méssito não era assim tão horrorshow, irmãos. Aquele pedaço de papel prateado começou a crescer, crescer e crescer e ficou assim tão brilhante que eu tive de apertar os glazes diante dele. Ficou tão grande que não tomava apenas aquele cubículo onde eu estava flanando, mas o Korova inteiro, a rua inteira, a cidade inteira. Depois era o mundo inteiro, depois era o tudo inteiro, irmãos, e era como que um mar lavando todas as véssiches jamais feitas ou sequer pensadas. Eu como que esluchava a mim mesmo fazendo uns chumos muito especiais e govoritando eslovos como: "Caros caros idolidros não decaiais em varimorfas formas", e essa quel toda.

Depois eu podia sentir assim a visão batendo de encontro àquela prata e então havia cores que ninguém havia videado antes, e então eu pude videar assim um grupo de estátuas, muito muito ao longe, que estava sendo empurrado assim cada vez mais perto, mais perto, mais perto, todo iluminado por uma luz muito brilhante que vinha igualmente de cima e de

baixo, ó meus irmaos. Esse grupo de estátuas era de Deus ou Bog e todos o Seus Anjos e Santos, todas assim de bronze muito brilhante, de barbas e con bolches asas que batiam assim numa espécie de vento, de modo que não podiam ser realmente de pedra ou bronze, realmente, e assim os olhos ou glazes mexiam e eram vivos. Essas bolches figuras chegaram mais perto, mais perto, até que estavam assim como se fossem me esmagar e eu podia esluchar a minha golosse fazendo "liiiii". E senti que tinha me livrado de tudo - pletes, corpo, cérebro, nome, a tralha toda - e me sentia muito horrorshow, como no céu.

Então houve o chume assim de esmigalhamento e amarrotamento e Bog e os Anjos e os Santos meio balançaram as cabeças como que para govorita que não dava tempo dessa vez, mas que eu devia tentar de novo, e então tudo assim escarneceu, esmecou e desapareceu e a grande luz quente foi ficando fria, e aí lá estava eu como antes, o copo vazio na mesa e com vontade de chorar e sentindo que a morte era a única solução pra tudo.

E era isso, era isso que eu videava claramente ser o que eu tinha a fazer mas, como, eu não sabia exatamente, ó meus irmãos, que eu nunca tinha pensado nisso antes. Na minha sacola de véssiches pessoais eu tinha a minha britva de degolar, mas imediatamente eu senti náusea ao pensar em mim mesmo fazendo suisssshhhh e todo o meu próprio crove vermelho vermelho correndo. O que eu queria não era nada de violento, mas alguma coisa que me fizesse dormir suavemente e que isso fosse o fim do Vosso Humilde Narrador, sem nunca mais dar trabalho a ninguém. Talvez, pense eu, se eu itasse até à Bíblio Pública, dobrando a esquina, eu encontrasse algum livro sobre a melhor maneira de dar a pitada sem dor. Eu me imaginei morto e como todo mundo ia ficar com pena, pê e eme e aquele quelento e vonento que era assim um usurpador, e o Dr. Brodsky e o Dr. Brannor também, e o tal Ministro do Interior Inferior e todos os outros veques. E também o governo gabola e vonento. Então eu me mandei pelo inverno afora, e agora já era de tarde, por volta das duas, eu estava videando no bolche relógio do Centro, de modo que a minha viagem com o moloco devia ter levado mais tempo do que eu pensava. Desci o Marghanita Boulevard e depois virei na Boothby Avenue, depois dobrei a esquina de novo e lá estava a Biblio Pública.

Era um méssito estarre e quelento, onde eu não me lembrava de ter entrado desde que era um maltchique muito muito malenque, não mais de seis anos, e tinha duas partes - uma parte pra emprestar livros e outra pra

ler, cheia de gazetas e revistas e assim o vone de velhos muito estarres, com os plotes fedendo assim a velhice e pobreza. Esses estavam de pé perto dos cavaletes de gazetas, a toda a volta da sala, fungando e arrotando e govoritando sozinhos e virando as páginas pra ler as notícias, com muita tristeza, ou então estavam sentados às mesas, lendo as revistas ou fingindo que estavam, alguns deles dormindo e um ou dois roncando gronque mesmo. De início, eu não conseguia me lembrar o que era mesmo que eu queria, depois me lembrei com um certo choque que eu tinha itado lá pra descobrir como dar a pitada sem dor, então eu gulhei até a estante cheia de véssiches de referência. Tinha uma porção de livros, mas nenhum com títulos, irmãos, que servissem.

Tinha um livro de medicina que eu peguei, mas quando eu abri, estava cheio de desenhos e fotografias de feridas e doenças horrorosas e me deu vontade de vomitar, só um pouquinho. Então eu botei de volta no lugar e aí peguei o grande livro, ou Bíblia, como era chamado, pensando que me reconfortaria como nos velhos tempos da Prisesta (não tão velhos realmente, mas parecia há muito muito tempo) e cambaleci até uma cadeira pra ler. Mas, tudo o que eu encontrei foi porrada setenta vezes sete e um bando de judeus se toltchocando uns aos outros e isso também me deu vontade de vomitar. Então, quase que eu gritei, e aí um mudge muito estarre e esfarrapado, do outro lado da mesa, me disse:

- O que é, meu filho? Qual é o problema?

- Eu quero dar a pitada - disse eu. - Pra mim já chega. A vida se tornou demais pra mim.

Um velho estarre lendo perto de mim fez "psiiiiu" sem levantar os olhos de uma revista bezúmine que estava com ele, cheia de assim boiches véssiches geométricas. Aquilo me lembrou alguma coisa. O outro mudge disse:

- Você está muito moço pra isso, meu filho. Puxa você tem tudo pela frente.

- É - disse eu -, como um par de grudes postiços - O tal veque que lia a revista fez "psiiiiu" de novo, dessa vez levantando a vista, e alguma coisa ligou em nós ambos. Eu videei quem era. Ele disse, gronque mesmo:

- Eu nunca esqueço uma forma, juro por Deus. Nunca esqueço a forma de nada. Ah, meu Deus, seu porco, agora eu te peguei. - Cristalografia, era isso. Era o que ele estava levando da Biblio daquela vez. Dentadura pisada muito horrorshow. Pletes arrancadas. Eu achei que era melhor sair dal

muito escorre, irmãos. Mas o mudge estarre estava de pé, critchando que nem bezúmine pra todos os velhos estarres que tossiam nas gazetas em volta das paredes e pros que estavam tirando uma soneca em cima das revistas nas mesas. - Pegamos ele - critchava. - O cachorro sem-vergonha que estragou os livros de Cristalografia, livros raros, livros que não se acham mais, em lugar nenhum! - Aquilo tinha um chume de loucura, como se o velho veque tivesse realmente perdido o gúliver. - Um espécime valioso de jovem covarde e brutal! - critchou ele. - Aqui no nosso meio e à nossa mercê! Ele e os amigos dele me bateram e me chutaram e me massacraram. Me rasgaram e me arrancaram os dentes. Riram do meu sangue e dos meus gemidos. Me chutaram pra casa, aturdido e despido. - Tudo isso não era bem verdade, como vocês sabem, irmãos. Ele ficou com algumas pletes, não tinha ficado inteiramente nagói.

Eu critchei em resposta: - Isso já foi há mais de dois anos. Já aprendi a minha lição. Olha aqui - meu retrato está nos jornais.

- Castigo, é? - disse um estarre com pinta assim de ex-soldado. - Vocês deviam ser todos exterminados. Como tantas outras pragas malcheirosas. Castigo, pois sim!

- Tá bom, tá bom - disse eu. - Todo mundo tem direito à sua opinião. Queiram me desculpar todos. Agora eu preciso ir embora. - E comecei a ita pra fora do méssito dos velhos bezúmines. Aspirina, era isso. A gente podia dar a pitada com cem aspirinas. Aspirina, comprada na velha farmácia. Mas o veque da cristalografia critchou:

- Não deixem ele sair. Vamos dar uma lição completa a respeito de castigo a este porquinho assassino. Pega ele.

- E, acreditem, irmãos, ou façam a outra véssiche, dois ou três estarres gagás, com uns noventa anos por cabeça, me agarraram com seus rúqueres velhos e trêmulos e eu fiquei assim enjoado com o vone de velhice e doença que saía daqueles mudges semimortos. O veque de cristal estava vindo pra cima de mim agora, e começando a distribuir toltchoques fracos, malenques, no meu litso e eu tentei fugir e itar pra fora, mas os tais rúqueres estarres que me seguravam eram mais fortes do que eu tinha pensado. Então, outros veques estarres vieram capengando das gazetas pra dar um teco no Vosso Humilde Narrador. Estavam critchando véssiches como "Mata, pisa em cima, acaba com ele; dá um pontapé nos dentes", e essa quel toda, e eu videava o que era aquilo. Era a velhice dando um teco na mocidade, era isso o que era. Mas alguns deles estavam dizendo:

"Coitado do Jack, quase que matou o coitado do Jack, esse ai, esse é que é o tal", e assim por diante, como se tudo tivesse acontecido ontem. O que, pra eles, suponho que era. Agora tinha assim um mar de vonentos e suados velhos sujos querendo me atacar com seus rúqueres débeis e suas velhas garras chifrentas, critchando e ofegando pra cima de mim, mas o nosso drugue de cristal estava bem na frente, distribuindo toltchoque em cima de toltchoque. E eu não ousava fazer nem uma vessichezinha, sendo melhor apanhar daquele jeito do que querer vomitar e sentir aquela dor horrível, mas, naturalmente, o fato de que estava havendo violência me fazia sentir que a náusea estava espreitando na esquina, pra videar se podia sair em campo aberto e se pôr a rugir.

Então, um veque servente chegou, um veque ainda jovem, e critchou: - O que é que está havendo aqui? Parem já com isso! Isso aqui é uma sala de leitura! - Mas ninguém prestou atenção. Então o veque servente disse: -

Certo, eu vou chamar a polícia. - Então eu critchei e jamais pensei que chegasse a fazer isso em toda a minha djísene:

- Isso, isso, isso, chama mesmo, me salva desses velhos malucos! - Eu notei que o veque servente não estava muito ansioso pra entrar na dratsa e me livrar da raiva e da loucura das garras daqueles veques estarres; ele apenas se mandou pro gabinete dele, ou onde quer que ficasse o telefone. Bom, os tais velhos estavam ofegando um bocado agora e eu achava que bastava eu dar uma cutucada e eles caíam todos, mas apenas me deixei segurar, muito paciente, por aqueles rúqueres, de glazes fechados, e sentir os débeis toltchoques no meu litso e também esluchar as velhas golosses de respiração ofegante critchando: "Cachorro, garoto assassino, desordeiro, mata ele!" Aí levei um toltchoque realmente tão doloroso no nariz que eu disse merda merda merda e abri os glazes e comecei a fazer força pra me libertar, o que não era difícil, irmãos, e me arranquei critchando para a espécie de corredor de entrada que tinha do lado de fora da sala de leitura. Mas os estarres vingadores ainda vieram atrás de mim ofegando assim de morrer com suas patas de animais todas tremendo pra pegar o Vosso Humilde Narrador. E aí fui calçado e caí no chão e estava sendo chutado quando esluchei golosses de veques jovens critchando: "Tá bom, tá bom, pára com isso agora", e eu sabia que a polícia tinha chegado.

Capítulo 3

Eu estava meio aturdido, ó meus irmãos, e não conseguia videar muito claro, mas tinha certeza de que já tinha encontrado aqueles milicentes em algum méssito antes. O que tinha me agarrado dizendo "pronto, pronto, pronto", pertinho da porta da frente da Bíblio Pública, esse eu não conhecia mesmo, mas me parecia que ele era assim muito jovem pra ser um rodze. Mas os outros dois tinham costas que eu tinha certeza que já tinha videado antes. Eles estavam vergastando os veques estarres com grande bolche alegria e satisfação, com chicotes malenques, "toma, molecada travessa. Isso é pra aprender a não fazer arruaça e perturbar a paz do Estado, seus patifes maldosos". E empurraram aqueles estarres vingadores, ofegantes, asmáticos e quase mortos de volta pra sala de leitura, depois se voltaram, esmecando com a diversão que tinham arranjado, pra me videar. O mais velho dos dois disse:

- Ora ora ora ora ora ora ora. Se não é o Alexinho. Muito tempo sem s videar, drugue. Como é que é? - Eu estava assim zonzo, o uniforme e o chileme ou capacete dificultando videar quem era, se bem que o litso e a golosse me fossem conhecidos. Então eu olhei pro outro e, quanto a ele, com aquele litso sorridente e bezúmine, não havia dúvida. Aí, entorpecido, e cada vez mais, eu tornei a olhar para o do ora ora ora. Esse, pois, era o gorducho do Billyboy, meu velho inimigo. O outro, é claro, era o Tapado, que tinha sido meu drugue e também inimigo do bode fedorento do Billyboy, mas que agora era um milicente, de uniforme e chileme e chicote pra manter a ordem. Eu disse:

- Essa não!

- Surpresa, hein? - E o velho Tapado soltou a velha gargalhada que eu lembrava tão horrorshow :

- Hu hu hu.

- É impossível - disse eu. - Não pode ser. Não acredito.

- A prova dos glazes - sorriu Billyboy. - Nada nas mangas. Sem mágica drugue. Um trabalho pra dois que agora estão na idade de trabalhar. A polícia.

- Vocês são muito jovens - disse eu. - Jovens demais. Eles não transformam maltchiques da idade de vocês em rodzes.

- Era jovem - falou o velho milicente Tapado. Eu não conseguia me

refazer, irmãos. Não conseguia mesmo.

- É o que a gente era, druguinho. E você era, o que era mais jovem. E agora, estamos aí.

- Ainda não estou acreditando - disse eu. Então, Billyboy, o rodz Billyboy, de quem eu não me refazia, disse pro tal milicente jovem que estava assim me segurando e que eu não conhecia:

- Acho que era mais negócio, Rex, se a gente distribuísse logo o sumário Menino é menino, como sempre foi.

Não precisa aquela rotina do distrito. Esse aqui andou fazendo das suas como a gente ainda se lembra, se bem que você, é claro, não pode. Andou agredindo os velhos indefesos e eles andaram devidamente indo à forra.

Mas nós também temos que dar a nossa palavrinha em nome do Estado.

- Mas, que negócio é esse? - disse eu, não podendo quase acreditar nos meus ucos. - Foram eles que vieram pra cima de mim, irmãos. Vocês não estão do lado deles, não podem estar. Você não pode estar, Tapado. Foi um veque com quem nós traquinamos uma vez, nos velhos tempos, tentando ir à sua forrazinha malenque, depois de passado muito tempo.

- Muito tempo está certo - disse o Tapado. - Eu não me lembro desse tempo tão horrorshow. E também não me chame mais de Tapado. Me chame de seu guarda.

- Muita coisa é lembrada, ainda assim - Billyboy estava sacudindo a cabeça. Ele não estava tão gorducho quanto tinha sido. - Maltchiquezinhos malvados, bons de britva, esses têm que ser reprimidos. - E eles me pegaram realmente com força e me fizeram ir assim andando pra fora da Bíblio. Tinha um carro de patrulha dos milicentes esperando do lado de fora e o tal veque que eles chamavam de Rex era o motorista. Eles me toltchocaram assim pra dentro da parte de trás do carro e eu não podia deixar de achar que era tudo realmente assim uma piada e que o Tapado ia acabar tirando o chileme dele do gúliver e fazer ho ho ho ho. Mas não fez.

Eu disse, tentando evitar o estreque dentro de mim:

- E o Pete, o que é que foi feito do Pete? Fiquei muito triste com a histórí do Georgie - disse eu. - E esluchei a história toda.

- Pete, ah sim, Pete - disse o Tapado. - Eu acho que me lembro assim de nome. - Eu videava que a gente estava saindo da cidade. Eu falei:

- E pra onde é que nós vamos?

Billyboy se voltou no banco da frente pra dizer: - Está claro ainda. Um passeiozinho no campo, todo nu do inverno, mas isolado e bonito. Não é

bom, não sempre, as líudes da cidade videar demais as nossas punições sumárias. As ruas precisam ser mantidas limpas em mais de um significado. - E se voltou pra frente de novo.

- Espera aí - disse eu -, eu simplesmente não estou entendendo nada do que está acontecendo. Os velhos tempos já se foram. Pelo que eu fiz no passado, eu já fui castigado. Eu fui curado.

- Isso foi lido pra gente. O superior leu aquilo tudo pra gente. Disse que é um modo muito bom.

- Leu pra você - disse eu, um malenquezinho maldoso. - Você ainda é tapado demais pra ler sozinho, ó irmão?

- Ah, não - disse o Mortiço assim muito afável e assim pesaroso -, não falar mais assim. Não não mais, druguinho. - E mandou um bolche toltchoque bem no meu cliuve, de modo que todo aquele crove vermelho vermelho de nariz começou a pingar pingar pingar.

- Nunca houve confiança alguma - disse eu amargo, limpando o crove com o rúquer. - Eu sempre estive no meu odinoque.

- Aqui está bom - disse Billyboy. Agora nós estávamos no campo e estava tudo de árvores desfolhadas e alguns piadores assim distantes, e assim longe, tinha assim alguma máquina de fazenda fazendo um chume assim de zumbido. Agora já estava baixando o crepúsculo, era o auge do inverno. Não tinha líudes por perto, nem animais. Só tinha nós quatro. - Sai, Alexito - disse o Tapado. - Só um sumariozinho malenque.

Durante tudo o que eles fizeram, o tal motorista só ficou sentado ao volante, fumando um câncer e lendo um livrinho malenque. Estava com a luz do carro acesa pra poder videar. Não prestou atenção ao que o Billyboy e o Tapado fizeram ao Vosso Humilde Narrador. Não vou contar o que eles fizeram, mas foi tudo assim arquejo e barulho de soco contra assim aquele fundo de máquina de fazenda zumbindo e o piupiupiu nos galhos nus ou nagóis. Dava pra videar um pouquinho de fumaça na luz do carro, aquele motorista virando as páginas, muito calmo. Eles em cima de mim o tempo todo, ó meus irmãos. Então, Billyboy ou o Tapado, eu não sei dizer qual dos dois, falou: - Acho que chega, druguinho, você não acha? - Então eles me deram um toltchoque final no litso, cada um, e eu arriei e fiquei deitado ali na grama. Estava frio, mas eu não estava sentindo o frio.

Então, eles tiraram a poeira dos ráqueres e repuseram os chilemes e as túnicas que tinham tirado e depois tornaram a entrar no carro. - A gente se videia de novo por aí - disse Billyboy, e o Tapado soltou uma de suas

gargalhadas de palhaço. O chofer acabou a página que estava lendo e botou o livro de lado, depois deu partida no carro e eles foram embora em direção à cidade, meu ex-drugue e meu ex-inimigo acenando. E eu fiquei lá mesmo caído, cansado e chateado.

Depois de um certo tempo eu estava todo muito doído, e depois começou a chuva, muito gelada. Eu não videava líudes à vista nem luzes de casas. Pra onde é que eu ia, que não tinha lar e não muito cortador nos cármans? Eu chorei com pena de mim, buuuuuuuuu. Depois me levantei e comecei a caminhar.

Capítulo 4

Lar, lar, lar, era um lar que eu estava querendo, e foi para o LAR que eu vim, irmãos. Caminhei na escuridão e segui, não em direção à cidade, mas na direção de onde tinha vindo o chume da máquina de fazenda. Isso me levou a uma espécie de cidadezinha que eu achei que já tinha visto antes, mas era talvez porque todas as cidadezinhas pareciam iguais, principalmente no escuro. Tinha casas e tinha assim um méssito de bebidas e bem no fim do vilarejo tinha uma casinha no seu odinoque, e eu podia videar o seu nome em branco, brilhando no portão, LAR, dizia. Eu estava ensopado de pingar, com aquela chuva gelada, de modo que minhas pletes não estavam mais no rigor da moda, mas realmente miseráveis e assim patéticas, e meu cabelo estava uma bagunça emaranhada e quelente, espalhado pelo meu gúliver inteiro, e eu tinha certeza de que tinha cortes e pisaduras pelo litso inteiro e um par de zubes balançavam, soltos, quando eu tocava neles com a língua ou iázique. E, sentia dores pelo corpo todo e estava com muita sede, por isso ficava abrindo a rote, pra chuva fria, e meu estômago roncava, grrrrrrr, o tempo todo, que eu não tinha tocado em píchetcha desde de manhã e também não tinha sido lá muita, ó meus irmãos.

LAR, dizia, e talvez ali tivesse um veque qualquer que pudesse ajudar. Abri o portão e fui meio me esgueirando pela alameda, a chuva assim virando gelo, e aí eu bati suave e patético na porta. Não veio veque nenhum, então eu bati um malenquezinho mais prolongado e mais forte e aí ouvi um chume de nogas vindo para a porta. Então a porta se abriu e uma golosse masculina disse:

- Sim, quem é?

- Ah - disse eu -, por favor, me ajude. Eu fui espancado pela polícia e largado na estrada, pra morrer. Ah, por favor, me dê um gole de alguma coisa e me deixe sentar perto da lareira, por favor, meu senhor.

A porta então se abriu completamente e eu pude videar lá dentro a luz cálida e uma lareira fazendo craque craque craque. - Entre - disse o tal veque -, seja lá quem for. Ah, meu Deus, pobre vítima, entre e vamos dar uma olhada, em você. - Ai eu entrei cambaleando e não estava assim fazendo fita, não, irmãos, eu estava mesmo me sentindo findo e acabado. Aquele veque bondoso passou os rúqueres em volta dos meus pletchos e me

empurrou pra dentro do quarto onde tinha a lareira e, é claro, eu percebi imediatamente por que o LAR no portão me parecia conhecido. Eu olhe para aquele veque e ele olhou pra mim com um jeito muito bondoso e agora eu me lembrava dele muito bem. E claro que ele não ia se lembrar de mim, porque naqueles dias despreocupados, eu e os meus falsos drugues fazíamos as nossas bolches dratsas e crastes e brincadeiras usando mascarinhas que eram um disfarce muito horrorshow. Era um veque baixote, de meia-idade, trinta, quarenta, cinqüenta, e usava ótcheques.

- Sente perto do fogo - disse ele -, que eu vou lhe buscar uísque e água quente. Credo, credo, credo, alguém lhe deu uma surra mesmo! - E fez assim um olhar terno pro gúliver e o meu litso.

- A polícia - disse eu. - A terrível, medonha policia.

- Mais uma vítima - disse ele assim suspirando. - Vítima da época moderna. Eu vou buscar aquele uísque e depois preciso limpar os seus machucados um pouco. - E saiu. Eu dei uma olhada em volta do quarto malenque e confortável. Estava quase todo cheio de livros agora, e uma lareira e um par de cadeiras, e de algum modo se videava que ali não morava mulher alguma. Em cima da mesa tinha uma máquina de escrever e assim uma porção de papéis caídos no chão eu eu me lembrei de que aquele veque era um veque escritor. A Laranja Mecânica, tinha sido isso. Er engraçado que tivesse ficado encravado na minha mente. Mas agora eu não podia dar a entender, porque estava precisando de ajuda e bondade. Aqueles horríveis gréjines brétchenes, naquele terrível méssito branco, tinham me feito isso, me obrigado a precisar de ajuda e bondade e me forçando a dar ajuda e bondade também, se alguém quisesse aceitar.

- Pronto, cá está - disse o tal veque voltando. Me deu pra pitar aquele copo cheio, quente e estimulante, que me fez sentir melhor, e aí ele me limpou os cortes no litso. Então falou: - Tome um banho quente que eu vou preparar pra você e depois você me conta a história toda durante um jantar quentinho que eu vou fazer enquanto você toma o banho. - Ó meus irmãos, eu quase chorei com a bondade dele, e eu acho que ele deve ter videado as lágrimas nos meus glazes, porque disse: - Vamos, vamos, vamos - batendo no meu pletcho.

Bom, eu subi e tomei o tal banho, e ele trouxe pijamas e um chambre pra eu vestir, tudo quentinho do fogo, e também um par de tuflas muito usado. E agora, irmãos, se bem que eu estivesse dolorido, cheio de dores no corpo todo, eu sentia que logo ia me sentir muito melhor. Desci a escada e videei

que, na cozinha, ele tinha posto a mesa com garfos e facas e uma boa fatia de clebe, e também uma garrafa de MOLHO PRIMA, e logo serviu uma b fritada de lontiques de presunto e salsichas estourando e bolches canecos de tchai quente e doce com leite. Foi gostoso ficar sentado ali no quentinho comendo, e eu descobri que estava com muita fome, tanto que depois da fritada eu tive que comer lontiques e mais lontiques de clebe com manteiga e com geléia de morango, tirada de um bolche pote. - Muito melhor - disse eu. - Como é que algum dia eu vou poder lhe retribuir?

- Eu acho que sei quem você é - disse ele. - Se você é quem estou pensando, então você veio, meu amigo, ao lugar certo. Não era você, naquelas fotografias nos jornais de hoje de manhã? É você a pobre vítima dessa horrível técnica nova? Se é, então você foi mandado aqui pela Providência. Torturado na prisão, depois jogado na rua pra ser torturado pela policia. Estou do seu lado de todo o coração. - Irmãos, eu não conseguia encaixar um eslovo, se bem que estivesse de rote aberta pra responder às perguntas dele. - Você não é o primeiro que aparece aqui em dificuldades - disse ele. - A polícia gosta de trazer as suas vítimas para os arredores desta cidade. Mas é providencial que você, que é também outra espécie de vítima, tenha vindo para cá. Talvez você já tenha ouvido falar de mim.

Eu tinha que ser muito cauteloso, irmãos. Eu falei: - Eu já ouvi falar da Laranja Mecânica. Não li, mas já ouvi falar.

- Ah - disse ele, e o seu litso brilhou como o sol na sua flamejante glória matinal. - Agora, fale de você.

- Muito pouca coisa pra contar, meu senhor - disse eu, todo humilde. - Foi uma peça tola e infantil que me pregaram os que se diziam meus amigos, me convencendo, ou melhor, me forçando a invadir a casa de uma velha ptitsa - senhora, quero dizer. Não era pra fazer mal nenhum. Infelizmente a velha senhora sobrecarregou o velho coração na tentativa de me expulsar, se bem que eu estivesse muito pronto a sair por minha própria iniciativa, e aí morreu. Fui acusado de ter causado a sua morte. Então, fui mandado pra prisão.

- Sim, sim, continue.

- Aí, fui apanhado pelo Ministro do Interior ou Inferior pr experimentarem essa véssiche do Ludovico em mim.

- Conte-me como é isso - disse ele curvando-se pra frente, ávido, os cotovelos do pulôver cobertos de geléia de morango do prato que eu tinha empurrado pro lado. Então, eu contei como era. Contei tudo, tudo, meus

irmãos. Ele estava muito ávido pra saber tudo, os glazes assim brilhando, os gúberes entreabertos, enquanto a gordura nos pratos ia ficando dura, dura, dura. Quando eu terminei, ele se levantou da mesa, inclinando muitas vezes a cabeça e fazendo hum hum hum, tirando os pratos e outras véssiches da mesa e levando pra pia, pra lavar. Eu disse:

- Deixe que eu lavo, senhor, com todo o prazer.

- Descanse, descanse, meu pobre rapaz - disse ele abrindo a torneira, de modo que o vapor todo começou a sair aos arrotos. - Você pecou, imagino, mas o seu castigo foi fora de qualquer proporção. Eles transformaram você em outra coisa que não um ser humano. Você não tem mais poder de escolha. Você está obrigado a atos socialmente aceitáveis, uma maquineta capaz de fazer somente o bem. E vejo isso com toda a clareza - esse negócio dos condicionamentos marginais. A música e o ato sexual, a arte e a literatura, tudo isso passa a ser, agora, não uma fonte de prazer, mas de dor.

- É exatamente isso - disse eu fumando um dos cânceres de ponta de cortiça daquele homem bondoso.

- Eles dão sempre uma dentada muito grande - disse ele enxugando um prato assim muito distraído. - Mas a intenção essencial é o verdadeiro pecado. O homem que cessa de optar deixa de ser um homem.

- Foi isso o que o charles disse - disse eu. - O capelão da prisão, quero dizer.

- Ele disse, ele disse? Claro que disse, tinha que dizer, sendo um cristão, não tinha? Pois muito bem - dizia ele ainda limpando o mesmo prato que ele estava limpando há dez minutos -, amanhã virão umas pessoas aqui pra ver você. Eu acho que você pode ser usado, meu pobre rapaz. Acho que você pode ajudar a derrubar esse Governo arrogante. Transformar um rapaz direito em máquina de relógio não deveria certamente ser encarado como um triunfo de qualquer governo, salvo um governo que se jacta da sua repressividade. - Ele continuava enxugando o mesmo prato. Eu disse:

- Olhe, o senhor continua enxugando o mesmo prato. Eu concordo com o senhor, com esse negócio de se jactar. Esse Governo parece que gosta muito de se jactar.

- Ah - disse ele, videando aquele prato assim pela primeira vez e botando ele no lugar. - Eu ainda não estou muito prático - disse ele - nas lides domésticas. Minha mulher costumava fazer tudo, para eu poder escrever.

- Sua mulher? - disse eu. - Ela foi embora e lhe deixou? - Eu queria realmente saber notícias da mulher dele, que eu me lembrava muito bem.

- Sim, me deixou - disse ele com uma golosse assim alta e amarga. - Ela morreu, sabe? Foi brutalmente violada e espancada. O choque foi muito grande. Foi nesta casa - e os rúqueres estavam tremendo, segurando um pano de prato -, nesse quarto ao lado. Eu tive que me fazer de aço pra continuar a viver aqui, mas ela gostaria que eu ficasse no lugar onde a sua memória fragrante ainda permanece. E isso mesmo. Coitadinha.

Eu videei tudo claramente, meus irmãos, o que tinha acontecido naquela nótchi distante, e me vendo naquele negócio eu comecei a sentir que queria vomitar e a minha dor no gúliver começou. O tal veque videou isso, porque eu senti que o meu litso tinha sido drenado do crove vermelho vermelho, muito pálido, e ele não podia deixar de videar isso. - Está na hora de ir pra cama - disse ele. - O quarto de hóspedes já está arrumado.

Coitado desse rapaz, você deve ter passado por um mau pedaço. Uma vítima da época moderna, como ela foi.

Coitadinha...

Capítulo 5

Passei uma noite de sono realmente horrorshow, irmãos, e a manhã estava assim muito clara e de geada, e tinha assim o vone muito agradável da primeira refeição sendo feita no andar de baixo. Eu levei algum tempo pra me lembrar onde estava, como sempre, mas logo me lembrei e então me senti assim quentinho e protegido. Mas, enquanto eu ficava ali deitado na cama, esperando ser chamado para o desjejum, me lembrei de que tinha que conseguir saber o nome daquele veque bondoso, protetor e assim maternal, então dei uma circulada pelo quarto com os meus nogas nagóis, procurando A Laranja Mecânica, que devia ter o ímia dele, já que ele era o autor. N meu quarto não tinha nada a não ser uma cama, uma cadeira e uma luz, então eu itei até o quarto ao lado, o quarto do próprio veque, e aí eu videei a mulher dele na parede, uma bolche fotografia ampliada, e me senti um malenquezinho enjoado me lembrando. Mas tinha lá também duas ou três estantes de livros e tinha, como eu achava que tinha que ter, um exemplar de A Laranja Mecânica e na lombada do livro, como na capa, tinha o ímia do autor – F. Alexander. Aí, meu Bog, pensei eu, é outro Alex. Então folhe o livro de pé, de pijama e de nogas descalços, mas sem sentir nem um malenquinho do frio, que a casa estava toda quentinha, e não conseguia videar sobre o que era o livro. Parecia ser escrito num estilo assim muito bezúmine, cheio de cahs e de ohs e essa quel toda, mas o que parecia querer dizer era que todas as líudes, hoje em dia, estavam sendo transformadas em máquinas e que na realidade elas eram - vocês e eu lambem meus cherres - mais um produto natural, assim como um fruto. O F. Alexander parecia achar que nós todos assim crescemos no que ele chamava a árvore-mundo, no pomar do mundo e que assim Bog ou Deus plantou, e que nós estávamos nele porque Bog ou Deus precisava mitigar a sua sede de amor, uma que dessas. E não gostei do chume daquilo tudo, ó meus irmãos, e fiquei imaginando como o tal de F. Alexander era realmente bezúmine, talvez tivesse ficado bezúmine porque a mulher dele tinha dado a pitada. Mas aí, ele chamou de lá de baixo, com uma golosse assim de veque muito são, cheio de alegria, amor e aquela quel toda; então lá desceu o Vosso Humilde Narrador.

- Você dormiu um bocado - disse ele pescando ovos cozidos com a concha e puxando torradas escuras de debaixo da grelha. - Já são quase dez

horas. Eu já estou acordado há horas, trabalhando.

- O senhor está escrevendo outro livro? - disse eu.

- Não, não, não, agora não é isso não - disse ele, e nós nos sentamos muito agradáveis e drugues pro craque craque dos ovos e cruche cruche cruche daquela torrada preta e tchai com muito leite dentro de bolches canecas matinais. - Não, eu estive no telefone, falando com diversas pessoas.

- Pensei que o senhor não tivesse telefone - disse eu, metendo a colher no ovo sem prestar atenção no que estava dizendo.

- Por quê? - disse ele muito alerta, assim como um bicho escorre, com uma colher de ovo no rúquer. - Por que é que você haveria de achar que eu não tenho telefone?

- Nada - disse eu -, nada, nada. - E fiquei pensando o quanto ele se lembrava da parte inicial daquela nótchi distante, eu chegando até a porta com a conversa fiada e dizendo pra telefonar pro doutor e ela dizendo não tem telefone. Ele me deu um esmote bem de perto, mas depois voltou a ficar assim afável e animado e metendo a colher no ovo. Ele disse, mastigando:

- Pois é, eu telefonei pra diversas pessoas que estarão interessadas no seu caso. Você pode ser um instrumento muito poderoso, sabe, para garantir que o atual Governo, perverso e daninho, não se reeleja na votação que vem aí. O de que o Governo mais se ufana, entende, é o modo pelo qual cuidou do crime nestes últimos meses. - Me olhou muito de perto outra vez, por cima do seu ovo fumegante, e eu pensei novamente se ele estava videando que papel eu já tinha representado na djísene dele. Mas ele falou: - Recrutando jovens desordeiros e brutais para a polícia. Propondo métodos de condicionamento que debilitam e solapam a vontade. - Esses eslovos compridos todos, irmãos, e assim um olhar louco ou bezúmine nos glazes.

- Nós já vimos isso tudo antes - disse ele - em outros países. A ponta de lança afiada. Antes que se possa perceber a quantas anda, tem-se o aparato completo do totalitarismo. - "Credo, credo, credo", pensei eu, comendo ovo e mastigando torrada. Eu disse:

- E onde é que eu entro nessa?

- Você - disse ele ainda com o olhar bezúmine – é testemunha viva desses propósitos diabólicos. O povo, o homem comum precisa saber, precisa ver. - Levantou da mesa e começou a andar de um lado pro outro da cozinha, da pia até o guarda-comidas, dizendo muito gronque: - Eles gostariam que os filhos deles ficassem como você, pobre vítima, ficou? Não

irá agora o próprio Governo decidir o.que é e o que não é crime e extrair as vidas, as entranhas e a vontade de quem quer que resolva contrariar o Governo? - Ele ficou mais calmo, mas não voltou ao ovo. - Eu escrevi um artigo - disse ele - esta manhã, enquanto você estava dormindo. Vai ser publicado dentro de um ou dois dias, junto com a sua triste fotografia. Você vai assinar, meu pobre rapaz, um depoimento sobre o que eles fizeram com você. - Eu disse:

- E o que é que o senhor ganha com isso? Quer dizer, além do tutu que o senhor ganha com o artigo, como o senhor chama? Quer dizer, por que o senhor fica tão queimado contra esse Governo, se eu posso assim tomar a liberdade de perguntar?

Ele agarrou a borda da mesa e disse, rilhando os dentes, que eram muito quelentos e manchados de fumaça de câncer: - Alguns de nós temos que lutar. Há grandes tradições de liberdade a defender. Eu não sou um homem de partido. Onde eu vejo infâmia, tento apagá-la. Nomes de partido não significam nada. A tradição de liberdade significa tudo. As pessoas comuns deixam passar, ah deixam. São capazes de vender a liberdade por uma vida mais sossegada. E por isso que têm que ser aguilhoadas...! - E aí, irmãos, ele apanhou um garfo e enfiou duas ou três razes na parede, de maneira que ficou todo torto. Depois jogou no chão. Muito afável, ele disse: - Coma, meu pobre rapaz, pobre vítima do mundo moderno. - E eu videava claramente que ele estava perdendo o gúliver. - Coma, coma. Coma o meu ovo também. - Mas eu disse:

- E o que é que eu ganho com isso? Fico curado do que eu tenho? Vou ser capaz de esluchar a velha Sinfonia Coral sem ficar enjoado de novo? Posso assim viver uma djísene normal novamente? O que é, senhor, que vai me acontecer?

Ele olhou pra mim, irmãos, como se não tivesse pensado nisso antes, e fosse lá como fosse, não tinha importância, comparado com a Liberdade e aquela quel toda, e estava com um olhar de surpresa por eu ter dito o que disse, como se eu estivesse sendo assim egoísta, por querer alguma coisa pra mim mesmo. Então ele disse: - Ah, é como eu digo, você é uma testemunha viva, pobre rapaz. Coma tudo e depois venha ver o que eu escrevi, porque vai sair na Trombeta Semanal com o seu nome, pobre vítima infortunada.

Bem, irmãos, o que ele tinha aprontado era um escrito muito longo e muito lamuriento, e, à medida que eu lia, ia ficando com pena do pobre maltchique que estava govoritando sobre os seus sofrimentos e como o

Governo tinha solapado a sua vontade, e como dependia das líudes não deixarem que um Governo tão podre e perverso as governasse de novo, e ai, naturalmente, eu me dei conta de que o pobre maltchique sofredor não era outro senão o V. H. N. - Muito bom - disse eu. - Muito horrorshow. Muit bem escrevestes, ó senhor. - Então ele olhou pra mim muito tenso e disse:

- O quê? - Era como se ele nunca tivesse me esluchado antes.

- Ah, isso - disse eu - é o que a gente chama gíria nadsat. Todos os adolescentes usam. - Aí então ele itou pra cozinha lavar os pratos e eu fui deixado com essas roupas de dormir e tuflas emprestadas, esperando que fizessem comigo o que tinham que fazer, que eu não tinha nenhum plano traçado pra mim mesmo, ó meus irmãos.

Enquanto o grande F. Alexander estava na cozinha, veio um tlintlintlin da porta. - Ah - critchou ele saindo da cozinha limpando os rúqueres -, deve ser o pessoal. Deixe que eu vou. - Aí, ele foi e deixou o pessoal entrar, e no corredor da entrada ficou um tal de hihihi rosnado e alô e tempo ruim e como vão as coisas, depois eles itaram pra dentro do quarto onde estava a lareira, o livro e o artigo que contava como eu tinha sofrido, me videando e fazendo ahhhhhh quando videavam. Tinha três líudes e F. Alex me deu o ímias deles. Z. Dolin era um veque muito asmático e fumacento, tossindo quechequechequeche com uma guimba de câncer na rote, deixando cair cinza nas pletes todas e depois assim limpando com rúqueres muito impacientes. Era um veque malenque, rotundo, gordo, usando ótcheques de aro muito grosso. Depois, tinha o Não-sei-quê de Não-sei-quê Rubinstem um tcheloveque muito alto e educado, com uma verdadeira golosse de cavalheiro, muito estarre, assim com uma barbicha oval. E, por último, tinha o D. B. da Silva, que era assim escorre de movimento e com aquele forte vone de perfume que saía dele. Todos eles me deram uma olhada muito horrorshow e pareciam transbordantes de alegria com o que estavam videando. Z. Dolin disse:

- Muito bom, muito bom, hein? Que ótimo expediente ele pode ser, esse rapaz. A única coisa, se é que falta, é que, é claro, ele podia, de preferência, estar com mais cara de doente, ou de zumbi, do que está. Tudo pela causa. Sem dúvida a gente pode inventar alguma coisa.

Eu não gostei daquela piada de zumbi, irmãos, então falei: - O que que está havendo, bretes? O que aprontando para o vosso drugue estais? - E então, F. Alexander sibilou:

- Estranho, estranho, esse timbre de voz me ferroa. Nós já tivemos

contato antes, tenho certeza de que já tivemos. - E ficou meditando, assim de cenho franzido. Eu precisava tomar cuidado, ó meus irmãos. D. B. da Silva falou:

- Comícios, principalmente. Mostrar você em comícios públicos vai ser uma tremenda ajuda. E, naturalmente, o aspecto jornalístico já está todo garantido. Uma vida arruinada, é essa a tônica. Precisamos inflamar todos os corações. - Ele mostrou os trinta e tantos zubes, muito brancos contra o seu litso moreno, que ele parecia assim um malenque estrangeiro. Eu disse:

- Ninguém me diz o que é que eu ganho com tudo isso. Torturado na prisão, jogado pra fora de casa pelos meus próprios pais e seu hóspede intrometido e nojento, surrado por velhos e quase morto pelos milicentes - o que é que vai ser de mim?

O veque Rubinstem veio com essa:

- Você vai ver, rapaz, que o Partido não vai ser ingrato. Ah, não. No fim de tudo, vai haver uma surpresa muito razoável pra você. Espere e vera.

- Tem só uma véssiche que eu peço - critchei eu -, é ser normal e saudável como eu era nos dias estarres, me divertindo um malenquezinho com drugues de verdade, e não com os que diziam ser e que são na realidade assim uns traidores. Vocês podem fazer isso, podem? Algum veque pode me deixar como eu era? É isso o que eu quero e é isso o que eu quero saber.

- Quechequechequeche - tossiu o tal Z. DoIin. - Um mártir pela causa da Liberdade - disse ele. - Você tem o seu papel a cumprir, não se esqueça disso. Enquanto isso, nós vamos tomar conta de você. - E começou a alisar o meu rúquer como se eu fosse assim um idiota, sorrindo de um jeito bezúmine. Eu critchei:

- Parem de me tratar como se eu fosse assim uma coisa que tem que ser usada. Eu não sou um idiota a quem vocês possam fazer imposições, seus brétchenes estúpidos. Os prestúpniques comuns são burros, mas eu não sou comum nem sou tapado! Estão esluchando?

- Tapado - disse F. Alexander assim absorto. - Tapado. Isso foi um nome em algum lugar, Tapado.

- Hein? - disse eu. - O que é que o Tapado tem a ver com isso? O que é que você sabe do Tapado? - E aí eu disse: - Ih, Bog que nos ajude! - Eu não gostei do olhar nos glazes de F. Alexander. Fui em direção à porta, querendo subir a escada e pegar as minhas pletes e itar pra fora.

- Estou quase acreditando... - dizia F. Alexander mostrando os zube

manchados, seus glazes enlouquecidos - mas essas coisas não acontecem. Porque, por Jesus Cristo, se fosse ele, eu o faria em pedaços, eu o racharia a meio, juro por Deus, é, é isso o que eu faria.

- Calma - disse D. B. da Silva alisando o peito dele, como se ele fosse ur cachorrinho, pra ele sossegar. - Isso ficou tudo no passado. Foram outra pessoas, completamente. Precisamos ajudar esta pobre vítima. Agora, é isso o que temos a fazer, pensando no futuro e na nossa Causa.

- Eu vou só buscar minhas pletes - disse eu ao pé da escada -, quer dizer, roupas, e aí eu vou itar embora, no meu odinoque. Quero dizer minha gratidão a todos, mas eu tenho a minha própria djísene pra viver. - Porque, irmãos, eu queria sair dali muito escorre. Mas Z. Dolin disse:

- Ah, não. Nós temos você, amigo, e vamos ficar com você. Você ven conosco. Vai dar tudo certo, você vai ver.

- E veio pra mim assim pra agarrar o meu rúquer de novo. Aí, irmãos, eu pensei em brigar, mas pensar em briga me deu vontade de desmaiar e vomitar, então eu fiquei firme. Aí então eu vi aquela loucura nos glazes de F. Alexander e falei:

- O que vocês disserem. Eu estou nos rúqueres de vocês. Mas vamo começar e acabar logo, irmãos. - Porque o que eu queria agora era sumir daquele méssito chamado LAR. Eu estava começando assim a não gostar d olhar nos glazes do F. Alexander nem um malenquinho.

- Ótimo - disse o Rubinstem. - Vá se vestir e vamos começar.

- Tapado, Tapado, Tapado - continuava dizendo F. Alexander assim num resmungo baixinho. - Quem ou o que era esse Tapado? - Eu itei escada acima muito escorre e me vesti em cerca de dois segundos em ponto. Aí, já estava na rua com aqueles três e dentro de um carro. Rubinstem me flanqueava de um lado e Z. Dolin tossindo quechequechequeche do outro D. B. da Silva dirigindo dentro da cidade e para um prédio de apartamento na realidade não muito distante assim do que tinha sido o meu prédio de apartamentos ou lar.

- Vem, rapaz, sai - disse Z. Dolin tossindo de fazer a guimba do câncer que estava na sua rote brilhar como se fosse uma fornalha malenque. - É aqui que você vai ficar instalado. - Aí eu itei pra dentro e tinha assim outra daquelas véssiches da Dignidade do Trabalho na parede do vestíbulo e a gente subiu no elevador, irmãos, e entrou num apartamento igual a todos os apartamentos dos prédios de apartamentos da cidade. Muito, muito malenque, de dois quartos e uma sala de estar-comer-trabalhar, a mesa toda

coberta de livros e papéis e tintas e tinteiros e aquela quel toda. - Este é o seu novo lar - disse D. B. da Silva.

- Fique aqui, rapaz. Tem comida no guarda-comidas. Os pijamas estão na gaveta. Descansa, descansa, espírito conturbado.

- Hein? - disse eu, não poniando aquela.

- Muito bem - disse Rubinstem com a sua golosse estarre. - Agora nó vamos deixar você. Há muito trabalho a fazer. Vamos estar com você mais tarde. Ocupe o seu tempo como melhor puder.

- Uma coisa - tossiu o Z. Dolin, quechequechequeche. - Você viu o qu você mexeu na memória torturada do nosso amigo F. Alexander. Foi po acaso...? Quer dizer, foi você...? Eu acho que você sabe o que eu quero dizer Não vamos levar isso mais adiante.

- Eu paguei - disse eu. - Bog sabe que eu paguei pelo que fiz. Paguei nã só assim por mim mesmo, mas por aqueles brétchenes que se diziam meus drugues. - Eu me sentia violento, por isso eu me senti um pouco enjoado.

- Eu vou me deitar um pouco - disse eu -, eu passei por momentos terríveis.

- Passou, sim... - disse D. B. da Silva, mostrando todos os seus trint zubes. - Faça isso.

Então, eles me deixaram, irmãos. Itaram fora pra tratar dos negócios deles, que eu deduzi ser política e aquela quel toda. E eu fiquei na cama, completamente no meu odinoque, com tudo muito sossegado. Fiquei deitadinho lá; eu tinha chutado os sabogues dos meus nogas e afrouxado a gravata, assim muito desconcertado e sem saber que espécie de djísene eu ia viver agora. E tudo quanto era cena ia passando pelos meus glazes, os diversos tcheloveques que eu tinha conhecido na escola e na Prisesta, e as diversas véssiches que tinham me acontecido, e como não tinha um veque em quem se pudesse confiar nesse bolche mundo. E então eu assim peguei no sono, irmãos.

Quando acordei, eu estava ouvindo e esluchando música que saía da parede, gronque mesmo, e era isso que tinha me arrancado assim do meu sono. Era uma sinfonia que eu conhecia muito horrorshow, mas que não tinha esluchado há muitos anos, a Terceira Sinfonia do veque dinamarquês Otto Skadelig, uma peça muito gronque e muito violenta, especialmente o primeiro movimento, que era o que estava tocando no momento.

Eu esluchei durante dois segundos assim com interesse e alegria, mas ai o troço todo desabou em cima de mim, o início da dor e do enjôo, e eu comecei

a ficar com as quíchecas roncando fundo. E então, lá estava eu, que tanto tinha amado a música, engatinhando pra fora da cama, fazendo ai ai ai pra mim mesmo e depois tuque tuque tuque na parede e critchando: "Pára, pára, pára, desliga isso!" Mas continuou e parecia assim estar mais alto. Então eu esmurrei a parede até os nós dos dedos virarem crove vermelho vermelho e pele rasgada, critchando, critchando, mas a música não parava. Depois eu achei que tinha que fugir dela, então sai com dificuldade do quarto malenque e itei escorre pra porta da frente do apartamento, mas tinha sido fechada por fora e eu não podia sair. E o tempo todo a música ficava cada vez mais gronque, como se fosse uma tortura deliberada, ó meus irmãos. Então eu enfiei os meus dedinhos bem fundo nos meus ucos, mas os trombones e os tímpanos penetravam estourando, muito gronque. Então eu critchei novamente pra eles pararem e martelei, martelei, martelei na parede, mas não fez nem um malenquezinho de diferença. "Ai, o que é que eu faço?", buuuuuuuaa eu sozinho. "Ai, Bog do Céu, me ajuda!" Eu estav assim perambulando pelo apartamento inteiro, com dores e náuseas, tentando tampar a música e assim gemendo do fundo das tripas, e aí, no alto da pilha de livros e papéis e aquela quel toda que estava em cima da mesa da sala de estar, eu videei o que é que eu tinha a fazer e o que tinha querido fazer até que aqueles velhos da Biblio Pública e depois Billyboy e Tapado disfarçados de rodzes me impedissem, e era acabar comigo mesmo, dar a pitada, sumir deste mundo perverso e cruel. O que eu videei foi o eslovo MORTE assim na capa de um panfleto, mesmo sendo apena MORTE AO GOVERNO. E, como se fosse o Destino, tinha assim o livrinho malenque que tinha uma janela aberta na capa e dizia: "Abra a janela para o ar fresco, para as idéias novas, uma nova maneira de viver." E aí eu entendi que estava me sendo dito pra acabar com tudo pulando pra fora. Um momento de dor, talvez, depois o sono, pra todo o sempre.

A música ainda estava despejando pra dentro tudo quanto era metal e tambor, e os violinos subiam milhas através das paredes. A janela do quarto onde eu tinha me deitado estava aberta. Eu itei até ela e videei uma boa distância até os carros e os ônibus e os tcheloveques andando lá embaixo. Eu critchei para o mundo: - Adeus, adeus, que Bog me perdoe por uma vida desperdiçada! - Então subi no peitoril, a música estourando à minha esquerda, eu fechei os glazes e senti o vento frio no meu litso, e então pulei.

Capítulo 6

Pulei, ó meus irmãos, e bati duro na calçada, mas não dei a pitada, ah, não. Se eu tivesse dado a pitada eu não estaria aqui pra escrever o que escrito eu tenho. Parece que o pulo não foi de uma altura suficiente pra matar.

Mas quebrei as costas e os pulsos e os nogas e senti uma dor muito bolche antes de desmaiar, irmãos, com litsos atônitos e surpresos dos tcheloveques da rua me olhando do alto. E pouco antes de desmaiar, eu videei claramente que não tinha um só tcheloveque no mundo inteiro horroroso que estivesse do meu lado, e que aquela música através da parede tinha sido tudo assim arranjado por aqueles que supunha serem assim os meus novos drugues e que era alguma véssiche assim que eles queriam para a sua política horrenda, egoísta e gabola. E tudo isso foi na milionésima da milionésima parte da minuta antes que eu me jogasse em cima do mundo e do céu e dos litsos dos tcheloveques que estavam me olhando de cima.

Onde eu estava quando voltei à djísene, depois de um longo lapso preto preto de, podia ser, um milhão de anos, era um hospital e com aquele cheiro de hospital que a gente sente, assim ácido, aconchegado e limpo.

Essas véssiches antissépticas que dão à gente nos hospitais deviam ter um vone realmente horrorshow assim de cebola ou de flor. Eu fui aos poucos voltando a saber quem eu era e estava todo enfaixado de branco, e não sentia nada no meu plote, nem dor, nem sensação, nem véssiche nenhuma. Em volta do meu gúliver inteiro tinha uma atadura e pedaços de pano assim grudados no meu litso, e meus rúqueres estavam todos em ataduras e tinha assim pedaços de varetas fixados assim aos meus dedos, como se neles tivessem flores pra fazer elas crescerem direito, e os coitados dos meus nogas também estavam todos na fôrma, e era tudo ataduras e gaiolas de arame e no rúquer direito, perto do pletcho, tinha crove vermelho vermelho pingando de um pote de cabeça pra baixo. Mas eu não sentia nada, ó meus irmãos. Tinha uma enfermeira sentada perto da minha cama e ela estava lendo um livro qualquer de uma impressão muito apagada e dava pra videar que era uma história, porque tinha uma porção de aspas e ela estava assim respirando forte em cima dele uh, uh, uh, logo, devia ser uma história de entra-sai-entra-sai. Ela era uma devotcheca muito horrorshow, essa enfermeira, com uma rote muito vermelha e sobrancelhas compridas

em cima dos glazes, e debaixo do uniforme assim muito engomado, dava pra se videar que tinha grudes muito horrorshow. Então eu disse pra ela:

- Qual é, ó minha irmãzinha? Chega-te e dá uma deitadinha aqui com o seu malenque drugue aqui na caminha.

- Mas os eslovos não saíram assim tão horrorshow, sendo assim como se a minha rote estivesse toda dura, e eu pude sentir com o meu iázique que alguns dos meus zubes não estavam mais lá. Mas a tal enfermeira deu assim um pulo e deixou cair o livro no chão e disse:

- Ah, você recobrou consciência!

Isso era coisa muito complicada pra rote de uma ptitsa malenque como ela, e eu tentei dizer isso, mas os eslovos saíram assim só eh eh eh. Ela itou fora e me deixou no meu odinoque, e eu podia videar agora que eu estava num quarto malenque só pra mim, não numa daquelas enfermarias compridas como eu tinha estado quando ainda era um maltchique muito pequenininho, cheia de veques estarres tossindo e morrendo a toda a volta, pra fazer a gente querer ficar bom e em forma de novo. Tinha sido difteria que eu tinha tido naquela época, ó meus irmãos.

Agora, era assim como se eu não conseguisse ficar consciente lá por muito tempo, porque já estava dormindo de novo quase que imediatamente, muito escorre, mas em uma minuta ou duas eu tinha certeza de que a ptitsa enfermeira tinha voltado e tinha trazido tcheloveques de avental branco com ela e eles estavam me videando de testa enrugada e fazendo hum hum hum para o Vosso Humilde Narrador. E, com eles, eu tinha a certeza de que estava o velho charles da Prisesta govoritando: - Ah, meu filho, meu filho - exalando um vone muito fermentado de uísque em cima de mim e depois dizendo: - Mas eu não quis ficar ah, não. Eu não podia endossar o que aqueles brétchenes vão fazer com outros pobres prestúpniques. Então eu sai e estou agora pregando sermões sobre essa coisa toda, meu amado irmãozinho em J. C.

Eu acordei de novo mais tarde e quem é que eu iria videar ali em volta senão os três de cujo apartamento eu tinha pulado fora, os chamados D. B da Silva, Não-sei-quê de Não-sei-quê Rubinstem e Z. Dolin. - Amigo - estav dizendo um daqueles veques, mas eu não podia videar nem esluchar horrorshow qual deles -, amigo, amiguinho - aquela golosse estava dizendo -, o povo está inflamado de indignação. Você liquidou as chances de reeleição desses horrendos celerados gabolas. Eles vão-se embora e vão-se embora para todo o sempre.

Você serviu muito bem à causa da Liberdade.

Eu tentei dizer:

- Se eu tivesse morrido, teria sido melhor ainda pra vocês, não teria, seus políticos brétchenes, drugues fingidos e traiçoeiros que vocês são. - Mas tudo o que saiu foi eh eh eh. Então um daqueles três parecia estar estendendo um monte de recortes de gazetas e tudo o que eu conseguia ver era uma horrível fotografia minha todo crovento, numa maca, sendo carregado, e eu parecia me lembrar de uma espécie de espocar de luzes que devia ter sido os veques fotógrafos. Com um dos glazes eu conseguia ler assim as manchetes que estavam meio tremendo no rúquer do tcheloveque que as estava segurando, como JOVEM VÍTIMA DE PLANO DE RECUPERAÇ CRIMINOSOS e GOVERNO ASSASSINO, e ai tinha assim uma fotografia de um veque que me parecia conhecido e dizia FORA FORA FORA, e er Ministro do Inferior ou do Interior.

Então a ptitsa enfermeira falou:

- Os senhores não deviam estar excitando ele assim. Não deviam estar fazendo nada que o faça ficar agitado.

Agora vamos, os senhores vão lá pra fora. - Eu tentei dizer:

- Fora fora fora - mas saiu eh eh eh de novo. Seja como for, os três veques políticos se foram. E eu fui também, só que de volta ao barato, de volta à escuridão total, iluminada assim por sonhos estranhos, que eu não sabia se eram sonhos ou não. Como, por exemplo, eu tive aquela idéia do meu plote ou corpo estar sendo esvaziado do que poderia ser água suja e depois enchido de novo com limpa. Depois tive sonhos realmente lindos e horrorshow, como estar no carro de um veque qualquer, que eu tinha crastado, e guiando pra cima e pra baixo pelo mundo afora, completamente no meu odinoque, atropelando líudes e ouvindo elas critchar que estavam morrendo e, em mim, nada de dor nem enjôo. E também tive sonhos fazendo entra-sai-entra-sai com devótchecas, assim jogando elas no chão e forçando a fazer, e todo mundo de pé em volta aplaudindo que nem bezúmines. E aí eu acordei de novo e eram meu pê e eme que tinham vindo videar o filho doente, minha eme fazendo buuuuu muito horrorshow. Eu já podia govoritar muito melhor agora e consegui dizer:

- Ora, ora, ora, ora, ora, como é que é? Por que é que vocês pensam que são bem-vindos? - Meu papapá disse, com um jeito encabulado:

- Você estava nos jornais, meu filho. Dizia que tinham feito muito mal a você. Contava como o Governo levou você a tentar acabar com você

mesmo. E foi nossa culpa também, de uma certa forma, meu filho. Sua casa é sua, quando tudo isso tiver passado, meu filho. - E minha mãe continuava fazendo buuuuu, e de cara feia que nem os meus cherres. Então eu disse:

- E como está o vosso novo filho Joe? Bem e com saúde e próspero Espero em Deus. - Minha mãe disse:

- Oh, Alex, Alex. Buuuuu. - Meu papapá disse:

- Uma coisa absurda, meu filho. Ele teve uma encrencazinha com a polícia e a polícia bateu nele.

- É mesmo? - disse eu. - É mesmo? Um tcheloveque tão bom e tudo. Eu estou realmente abismado, no duro.

- Cuidando da vida dele, é o que ele estava - disse o meu pê -, e a polícia disse a ele pra ir rodando. Ele estava esperando na esquina, meu filho, uma garota com quem ele ia se encontrar. E eles disseram a ele pra ele ir rodando e ele disse que tinha direitos, como todo mundo, e eles caíram em cima dele e bateram nele com a maior crueldade.

- Terrível - disse eu. - Realmente terrível. E onde é que o coitado do rapaz está agora?

- Ahhhhh - buuuuuuuou minha mãe. - Foi embora pra caaaaasa!

- É - disse o pai.

- Ele voltou pra terrinha dele pra se curar. Tiveram que dar o emprego dele aqui a outro.

- Então agora - disse eu - vocês estão querendo que eu me mude de volta pra lá, e as coisas vão ser como eram antes.

- É, meu filho - disse o meu papapá. - Por favor, meu filho.

- Vou pensar no assunto - disse eu. - Vou pensar no assunto com toda a atenção.

- Ahhhh - fazia minha mãe.

- Ah, cala a boca - disse eu - ou eu lhe dou uma boa razão pra ganir e critchar à vontade. Eu lhe chuto os zubes pra dentro, ah, chuto. - E, ó meus irmãos, dizer isso me fez sentir um malenquezinho melhor, como se assim crove fresco e vermelho vermelho estivesse correndo pelo meu plote todo. Isso era uma coisa em que eu tinha que pensar. Era como se, pra melhorar, eu tivesse tido que ficar pior.

- Isso não é maneira de falar com sua mãe, meu filho. - disse o meu papapá. - Afinal, foi ela quem trouxe você ao mundo.

- É - disse eu -, é um mundo muito grejinento e vonento. - Eu apertei os glazes assim sentindo dor e disse: -

Vão embora agora. Eu vou pensar em voltar pra lá. Mas agora as coisa vão ser diferentes.

- Sim, meu filho - disse meu pê. - Como você quiser.

- Vocês têm que resolver - disse eu - quem é que vai mandar.

- Ahhhhh - continuava minha mãe.

- Está bom, meu filho - disse meu papapá. - Seja como você quiser. Ma fique bom.

Depois que eles foram embora, eu fiquei deitado e pensei um bocadc sobre uma porção de véssiches, assim como uma porção de quadros passando pelo meu gúliver, e quando a ptitsa enfermeira entrou de volta e assim endireitou os lençóis da cama, eu disse pra ela:

- Há quanto tempo eu estou aqui?

- Uma semana, mais ou menos - disse ela.

- E o que foi que andaram fazendo comigo?

- Bem - disse ela -, você estava todo quebrado e todo machucado, tinha sofrido séria concussão e tinha perdido muito sangue. Tiveram que consertar tudo isso, não é?

- Mas - disse eu -, andaram fazendo alguma coisa com o meu gúliver? C que eu quero dizer é se andaram brincando assim lá dentro com o meu cérebro.

- O que quer que tenham feito - disse ela - foi para o seu bem.

Mas, um par de dias depois, entrou assim um par de doutores, ambos veques ainda jovens, com uns sorrisos muito esládiques, e traziam assim um livro de figuras. Um deles disse: - Nós queremos que você dê uma olhada nisso aqui e depois nos diga o que acha. Está bem?

- Qual é, ó druguinhos? - disse eu. - Que nova idéia bezúmine em mente tendes? - Então ambos deram um esmeque meio embaraçado com essa e ai sentaram um de cada lado da cama e abriram o tal livro. Na primeira página tinha assim uma fotografia de um ninho de passarinho, cheio de ovos.

- Então? - disse um dos tais veques doutores.

- Um ninho de passarinho - disse eu - assim cheio de ovos. Muitc bonitinho.

- E o que é que você gostaria de fazer com eles? -disse o outro.

- Ah - disse eu -, quebrar. Pegar tudo e jogar assim de encontro a uma parede ou uma pedra, ou alguma coisa, e aí videar tudo se espatifar, muito horrorshow.

- Ótimo, ótimo - disseram ambos, e ai viraram a página. Era assim a

fotografia de um daqueles pássaros bolches chamados pavões, com a cauda de tudo quanto era cor aberta, com um jeito assim muito prosa.

- Então? - disse um dos tais veques.

- Eu queria - disse eu - arrancar assim todas essas penas do rabo dele e esluchar ele critchar tão me matando.

Pra deixar de ser prosa.

- Ótimo - disseram ambos -, ótimo, ótimo, ótimo.

- E continuaram virando as páginas. Tinha assim fotografias de devótchecas realmente horrorshow e eu disse que gostaria de fazer entra-sai-entra-sai com montes de ultraviolência. Tinha assim fotografias de tcheloveques levando botinada bem no meio do litso e crove vermelho vermelho por todo lado, e eu disse que gostaria de estar naquela. E tinha o desenho do velho drugue nagói do carlitos da prisão carregando a sua cruz ladeira acima e eu disse que gostaria de ter o martelo e os cravos. Ótimo, ótimo, ótimo. Eu disse:

- Mas o que que é isso?

- Hipnopedia profunda - ou qualquer eslovo assim

- disse um daqueles dois veques. - Parece que você está curado.

- Curado? - disse eu. - Eu preso nessa cama desse jeito e você diz que eu estou curado? Lambe meus cherres, digo eu.

- Espere - disse o outro. - Agora não vai demorar.

Então eu esperei e, ó meus irmãos, melhorei muito, mastigando ovinhos e lontiques de torrada e pitando bolches canecos de tchai com leite, e aí, um dia, me disseram que eu ia receber uma visita muito, muito especial.

- Quem? - disse eu enquanto arrumavam a cama e penteavam meu cabelo, que eu estava sem atadura agora e com o cabelo já crescendo.

- Você vai ver, você vai ver - disseram. E videei mesmo. As duas e meia da tarde tinha assim tudo quanto era fotógrafo e homem de gazeta, com caderninhos e lápis e aquela quel toda. E, irmãos, eles quase que tocaram fanfarra de trombeta pro tal veque grande e importante que estava vindo videar o Vosso Humilde Narrador. E ele veio e, naturalmente, não era outro senão o Ministro do Interior ou Inferior, vestido no rigor da moda e com a sua golosse muito de classe alta, hou, hou, hou. As câmaras fizeram flash flash bum quando ele esticou o rúquer pra eu apertar. Eu falei:

- Ora, ora, ora, ora, ora. Como é que é, druguinho velho? - Ninguém pareceu poniar isso lá muito bem, mas alguém disse com uma voz assim áspera:

- Mais respeito, rapaz, quando falar com o senhor Ministro!

- Os iarbos - disse eu assim rosnando que nem um cachorrinho. - Bolches iarbóes pra vós e vós outros.

- Deixa, deixa - disse o do Interior Inferior muito escorre. - Ele fala com amigo, não é, meu filho?

- Sou amigo de todo mundo - disse eu -, menos dos meus inimigos.

- E quem são os seus inimigos? - disse o Ministro, enquanto os veques das gazetas iam de escreve escreve escreve. - Diga-nos isso, meu rapaz.

- Todos os que me fazem mal - disse eu - são meus inimigos.

- Bem - disse o Min Int Inf, sentando perto da minha cama. - Eu e Governo do qual sou membro queremos que você nos veja como amigos. Sim, amigos. Nós deixamos você bem, não deixamos? Você está tendo o melhor tratamento. Nós nunca lhe desejamos mal, mas alguns o fizeram e fazem. E acho que você sabe quem são.

- Todos os que me fazem mal - disse eu - são meus inimigos.

- Sim, sim, sim - disse ele. - Há certos homens que querem usar você, sim, usar para fins políticos. Teriam ficado contentes, sim, contentes, se você tivesse morrido, porque pensaram que então poderiam pôr a culpa de tudo no Governo. Eu acho que você sabe quem são esses homens.

- Há um homem - disse o Min int inf - chamado F. Alexander, escritor de literatura subversiva, que tem andado uivando pelo seu sangue. Tem andado louco de desejo de lhe enfiar uma faca. Mas você está a salvo dele, agora. Nós o afastamos.

- Ele era pra ser assim um druguinho - disse eu. - Que nem uma mãe pra mim, isso é que ele foi.

- Ele descobriu que você tinha lhe feito mal. Pelo menos - disse o Min muito escorre -, ele acreditava que você tivesse feito mal. Ele formou essa idéia dentro da cabeça dele, de que você tinha sido responsável pela morte de uma pessoa que lhe era muito próxima e muito querida.

- O que você quer dizer - disse eu - é que contaram isso a ele.

- Ele tinha essa idéia - disse o Min. - Ele era uma ameaça. Nós afastamos para a própria proteção dele. E

também - disse ele - para a sua.

- Bondade - disse eu -, muita bondade vossa.

- Quando você sair daqui - disse o Min. -, você não vai ter preocupações Nós vamos cuidar de tudo. Um bom emprego, com um bom salário. Porque você está nos ajudando.

- Estou? - disse eu.

- Nós sempre ajudamos nossos amigos, não ajudamos? - E aí, ele pegou no meu rúquer e um veque qualquer critchou: "Sorri!" E eu sorri que nem bezúmine, sem pensar, e aí, flash traque bum, estavam tirando fotografias de mim e do Min int inf muito drugues juntos. - Bom rapaz - disse o tcheloveque graúdo. - Muito bom rapaz. E agora olhe, um presente.

O que estava sendo trazido agora, irmãos, era uma caixa grande e polida e eu videei logo que espécie de véssiches era. Era um estéreo Foi posta no chão, perto da cama e aberta, e um veque qualquer ligou o pino na tomada da parede. - O que é que vai ser? - perguntou um veque com ótcheques em cima do nariz, e ele tinha nos rúqueres lindas capas de discos, brilhantes, cheias de música. -Mozart? Beethoven? Schoenberg? Carl Orff?

- A Nona - disse eu. - A gloriosa Nona.

E foi a Nona, ó meus irmãos. Todo mundo começou a sair muito em silêncio enquanto eu ficava lá, deitado, de glazes fechados, esluchando a linda música. O Mm. falou: - Muito bom rapaz - batendo no meu pletcho depois itou pra fora. Só ficou um veque dizendo: - Assine aqui, por favor.

- Eu abri as glazes pra assinar, sem saber o que estava assinando, ó meus irmãos, e pouco me incomodando.

Depois, me deixou sozinho com a gloriosa Nona do Ludwig van.

Ah, era beleza e iamiamiam. Quando chegou ao Scherzo, eu podia me videar claramente correndo e cortando o mundo inteiro que critchava, com a minha britva de degolar. E ainda faltava o movimento e o lindo último movimento coral. Eu estava curado mesmo.

Capítulo 7

- Qual vai ser o programa, hein?

Estava eu, o Vosso Humilde Narrador, e meus três drugues, quer dizer Len, Rick e o Vitelão, sendo Vitelão por causa do seu pescoção bolche e d golosse muito gronque, que era que nem um bolche vitelão berrando auuuuh. Nós estávamos sentados no Leite-bar Korova rassudocando o qu fazer de noite, numa noite de inverno agitado, filho da puta de frio, se bem que seco. A toda à volta tinha tcheloveques muito noutra, de leite com velocete e sintemesque e drencrom e outras véssiches que levavam a gente pra muito longe deste mundo malvado e cruel, pruma viagem, pra videar Bog e Todos os Seus Bem-Aventurados Anjos e Santos no sabogue esquerd com luzes espocando e crepitando dentro do mosgue. O que a gente estava pitando era o velho moloco com facas, como a gente costumava dizer, pra deixar a gente afiado e pronto pra uma sacanagem de vinte contra uma, mas eu já contei isso tudo a vocês antes.

A gente estava vestido no rigor da moda, que naquela época eram aquelas calças muito largas, e assim, um gibão de couro brilhante muito folgado, sobre uma camisa de colarinho aberto, com assim um lenço enfiado.

Naquela época também estava no rigor da moda usar a britva no gúliver, de modo que a maior parte do gúliver estava assim careca e tinha cabelo só dos lados. Mas era sempre a mesma coisa nos nogas - bolches botinões pra chutar litsos.

- Qual vai ser o programa, hein?

Eu era assim o mais velho dos quatro, e eles me encaravam como o chefe, mas às vezes eu tinha a impressão de que o Vitelão tinha a idéia, no gúliver dele, de que ele gostaria de assumir o comando, isso por causa do seu tamanho e assim da golosse gronque que saía berrando de dentro dele quando ele estava na senda do combate. Mas todas as idéias partiram do Vosso Humilde, ó meus irmãos, e tinha também aquela véssiche de que eu tinha ficado famoso e tinha tido meu retrato e artigos e aquela quel toda nas gazetas. E, também, eu tinha de longe o melhor emprego de nós quatro, que eu estava nos Arquivos Nacionais Gramodisco, no setor de música, com cárman horrorshow, cheio de tutu no fim da semana e uma porção de ótimos discos de graça por fora, só para o meu euzinho malenque.

Naquela noite no Korova tinha uma boa quantidade de veques e ptitsas

e devótchecas e maltchiques, esmecando e pitando, e, cortando o govorite deles e o engrolado dos baratinados fazendo "Sanguesang catadup e c verme borrifa plenóficas mortalbolas" e aquela quel toda, ouvia-se um disco pop no estéreo, e era Ned Achimota cantando Naquele dia, é, Naquele dia No balcão estavam três devótchecas vestidas no rigor da moda nadsat, quer dizer, cabelo comprido despenteado tingido de branco, grudes falsos espichados de um metro ou mais e saias curtas muito apertadas, todas assim com espuma branca por baixo, e o Vitelão dizia: -

Ei, a gente bem que podia entrar ali dentro, três de nós. O Len não est interessado. Deixa o Len sozinho com o Deus dele. - E o Len dizia: - larbo iarbos. Cadê o clima de um por todos e todos por um, hein, garoto? - Eu estava me sentindo ao mesmo tempo muito, muito cansado e cheio de energia formigando, e falei:

- Fora, fora, fora, fora.

- Pra onde? - disse o Rick, que tinha cara de sapo.

- Ah, só pra ver o que é que está havendo no vasto mundo - disse eu. Mas, de um certo modo, meus irmãos, eu estava muito chateado e um pouco desanimado, e andava me sentindo muito assim naquela época. Então, me virei pro tcheloveque que estava mais perto de mim no longo banco de pelúcia que dava a volta ao méssito inteiro, um tcheloveque, quero dizer, que estava borborejando todo baratinado, e punhei ele muito escorre, teque teque teque na barriga. Mas ele não sentiu, irmãos, só borborejando c seu "Caraquilate virtude, em que rabaltos quedam as popopipocas?" Então nos mandamos pela grande nótchi de inverno.

Descemos o Marghanita Boulevard e não tinha milicentes patrulhand por aquelas bandas, portanto, quando a gente encontrou um veque estarre vindo de uma banca de revistas onde tinha comprado uma gazeta, eu disse pro Vitelão: "Muito bem, Vitelão, podeis se assim desejais." Cada vez mai naquela época, eu estava dando as ordens e ficando à parte pra videar elas sendo executadas. Então o Vitelão rachou por dentro dele eh eh eh, e o outros dois pisotearam e chutaram ele, esmecando quando ele já estava caído, e depois deixaram ele rastejar pra onde ele morava, assim choramingando pra ele mesmo. O Vitelão falou:

- Que tal um copo gostoso de alguma coisa pra espantar o frio, Alex? - Porque a gente não estava muito longe do Duke of New York. Os outros doi concordaram é é é, mas olharam todos pra mim pra videar se podiam.

Eu concordei também e, portanto, lá itamos nós. Dentro, no aconchego

estavam aquelas estarres ptitsas ou babúchecas de que vocês se lembram do começo e elas começaram com os "Boa noite, rapazes, Deus abençoe vocês meninos, os melhores rapazes que ainda estão com vida, é isso o que vocês são", esperando que a gente falasse: "O que é que vai ser, garotas?" O Vitelão tocou o colócol e veio um garçom esfregando os rúqueres no avental gredzento.

- Cortador na mesa, druguinhos - disse o Vitelão puxando a sua pilhazinha de dengue tilintante e chacoalhante. - Escoceses pra nós e a mesma coisa pras babúchecas velhas, tá? - E aí eu falei:

- Ah, que se danem. Elas que paguem o delas. - Eu não sabia o que era mas naqueles últimos dias eu tinha ficado assim sovina. Tinha entrado no meu gúliver assim um desejo de guardar todo o meu tutu pra mim, de assim amealhar ele todo, por algum motivo. O Vitelão falou:

- Qual é, brete? O que é que há com o velho Alex?

- Ah, que se danem - disse eu. - Não sei, não sei. O que há é que eu não gosto de jogar fora o meu tutu ganho no sacrifício, é isso o que há.

- Ganho? - disse Rick. - Ganho? Não precisa ser ganho, como bem sabeis drugue velho. Pego, só assim, pego.

- E esmecou muito gronque e eu videei que um ou dois zubes dele não estavam assim tão horrorshow.

- Ah - disse eu -, eu preciso pensar um pouco. - Mas, videando aquelas babúchecas, parecendo todas muito assim ávidas por um álcool grátis, eu dei de pletchos e puxei o meu cortador do cárman das calças, notas e moedas tudo misturado, e despejei tlinque craque na mesa.

- Escoceses pra todo mundo, certo - disse o garçom. Mas, por alguma razão eu falei:

- Não, rapaz, pra mim traz uma cerveja pequena, certo? - Len falou:

- Dessa eu não gostei - e começou a botar o rúquer no meu gúliver, assim brincando como se eu estivesse com febre, mas eu rosnei que nem um cachorrinho pra ele parar escorre.

- Tá bom, tá bom, drugue - disse ele. - Assim como dizeis. - Mas o Vitelão estava dando um esmote de rote aberta pra alguma coisa que tinha saído do meu cárman junto com o tutu que eu tinha posto na mesa. Ele falou:

- Ora, ora, ora. E a gente nunca soube.

- Me dá isso - rosnei e agarrei o troço rápido. Eu não sabia explicar como é que tinha ido parar ali, irmãos, mas era uma fotografia que eu tinha cortado a tesoura de uma gazeta velha, e era de um bebê. Era de um bebê

gorgorejando gu gu gu todo cheio assim de moloco escorrendo da rote e olhando pra cima e esmecando pra todo mundo; estava todo nagói e a carne estava assim toda cheia de dobras, que era um bebê muito gordo.

Então teve assim um pouco de luta ho ho ho pra arrancar o papelzinho de mim, e aí eu tive de rosnar de novo pra eles e agarrei a foto e rasguei em pedacinhos pequetitinhos e deixei cair como neve no chão. Aí chegou o uísque e as babúchecas estarres disseram: "'Saúde, rapazes, Deus abençoe vocês, meninos, os melhores rapazes que ainda estão com vida, isso éo que vocês são", e aquela quel toda. E uma delas, que era só rugas e vincos e sem zubes na rote velha encolhida, disse: - Não rasgue dinheiro, meu filho. Se você não precisa, dá pra quem precisa - o que era muito atrevimento e petulância da parte dela. Mas Rick falou:

- Dinheiro não era, ó babúcheca. Era o retrato de um bebezinho muito pequermchinho. - Eu falei:

- Eu estou ficando um pouco cansado, lá isso estou. Vocês é que são os bebês, cambada. Zombando e se abrindo, e tudo o que vocês fazem é esmecar e dar nas pessoas bolches toltchoques na covardia, quando elas não podem reagir. - O Vitelão falou:

- Ora essa, a gente sempre pensou que você é que era o rei disso e também o professor. Você não está bom, é isso o que há com você, drugue velho.

Eu videei aquele copo de cerveja choca que estava em cima da mesa na minha frente e me senti todo cheio de vômito por dentro, por isso eu fiz "aaaaaa" e entornei toda a quel espumenta e vonenta no chão. Uma das ptitsas estarres disse:

- Se não quer, não desperdiça. - Eu falei:

- Olhem, drugues. Escutem. Essa noite eu não estou lá com muita disposição. Não sei como nem por quê, mas o negócio é esse. Vocês três sigam o seu caminho por essa noite e me deixem de fora. Amanhã a gente se encontra mesma hora mesmo lugar, eu esperando já estar muito melhor.

- Ah - disse o Vitelão -, isso me dá muita pena. - Mas podia-se videa assim um fulgor nos glazinhos dele, porque então ele podia assumir o comando por aquela nótchi. Poder, poder, todo mundo quer assim o poder. - A gente pode adiar até amanhã - disse o Vitelão - o que em mente tinha. Ou seja, aquele crastezinho de loja na Rua Gagárin. Renda horrorshow muito bacana lá, drugue, pra se apanhar.

- Não - disse eu. - Não adiem nada. Executem, no estilo assim de vocês

Agora, vou itar fora. - E me levantei da cadeira.

- E vai pra onde? - perguntou Rick.

- Isso não sei eu - disse eu. - Só ficar assim na minha e botar as coisas em ordem. - Videava-se que as babúchecas estavam muito espantadas de eu sair assim e todo assim taciturno, e não o maltchique esperto e esmecante de que vocês se lembram. Mas eu falei: - Ah, que se danem, que se danem - e me mandei pra rua muito no meu odinóque.

Estava escuro e estava baixando um vento cortante que nem uma noje, e tinha muito poucas Iíudes em volta.

Tinha aqueles carros de patrulha com rodzes brutais dentro assim patrulhando, e de vez em quando, na esquina, videava-se um par de milicentes muito jovens batendo com os pés pra espantar o frio puto e soltando hálito de vapor no ar de inverno, ó meus irmãos. Acho que, na realidade, muito da velha ultraviolência e do craste estava morrendo então, os rodzes estando tão brutais com quem pegavam, se bem que tivesse virado uma luta, entre os nadsats perversos e os rodzes, de quem era mais escorre com a noje, a britva e o bastão, e mesmo o revólver. Mas o que acontecia comigo naqueles dias é que eu não estava ligando muito. Era como que alguma coisa mole entrando dentro de mim e eu não conseguia poniar por quê. O que é que eu queria, naquele tempo, eu não sabia. Até a música que eu gostava de esluchar no meu quartinho malenque era aquela de que eu teria esmecado antes, irmãos. Eu estava esluchando mais assim canções românticas, o que chamavam de Lieder, só uma golosse e um piano, muito tranqúilo e anelante, diferente de quando eram bolches orquestras e eu deitado na cama entre os violinos e os trombones e os tímpanos. Tinha alguma coisa acontecendo dentro de mim e eu imaginava se era assim alguma doença ou se era o que eles tinham feito comigo daquela vez, perturbando o meu gúliver, e que talvez estivesse me fazendo ficar realmente bezúmine.

Portanto, pensando assim com o gúliver curvado e meus rúqueres enfiados nos cármans das calças, eu andei pela cidade, irmãos, e finalmente comecei a ficar muito cansado e também com muita precisão de uma gostosa bolche tchacha de tchai com leite. Pensando nesse tchai eu tive a visão súbita de mim sentado diante de uma bolche lareira, numa cadeira de braços, pitando aquele tchai, e o que era engraçado e muito estranho era que eu parecia ter virado um tcheloveque muito estarre, com uns setenta anos de idade, porque eu podia ver o meu próprio volosse, que era muito grisalho,

e também tinha suíças, igualmente muito grisalhas. Eu me videava um velho, sentado perto de uma lareira, e aí a visão como que sumiu. Mas era assim muito estranho.

Eu cheguei a um desses méssitos de chá e café, irmãos, e podia videar, através da vitrina comprida, que estava cheio de líudes chatas, assim comuns, que tinham aqueles litsos muito pacientes e sem expressão e que não fariam mal a ninguém, todos sentados lá e govoritando assim tranqüilamente e pitando os seus agradáveis e inofensivos tchais e cafés. Eu itei dentro e fui até o balcão e paguei um bom tchai quente com muito moloco, depois itei até uma das mesas e sentei pra pitar. Tinha assim um casal jovem naquela mesa pitando e fumando cânceres com ponta de filtro e govoritando e esmecando muito baixinho entre eles, mas eu não prestei atenção a eles e continuei pitando e assim sonhando e imaginando o que é que estava mudando dentro de mim e o que ia me acontecer. Mas eu videei que a devótcheca que estava na mesa com o tal tcheloveque era muito horrorshow, não do tipo que a gente gostaria de jogar no chão e dar o velho entra-sai-entra-sai, mas com um plote e um litso muito horrorshow e uma rote sorridente e um volosse muito, muito bonito e aquela quel toda.

E aí, o veque que estava com ela, de chapéu no gúliver e com o litso escondido à minha visão, se voltou pra olhar o bolche relógio que tinha na parede do méssito e aí eu videei quem era ele e ele videou quem eu era.

Era Pete, um dos meus três drugues daquele tempo quando era Georgie e o Tapado e ele e eu. Era Pete assim parecendo muito mais velho, se bem que não pudesse estar agora com mais de dezenove e pouco, e estava de bigodinho e uma roupa diurna comum e com aquele chapéu. Eu disse:

- Ora ora ora, druguinho, como é que é? Há muito tempo que a gente não se videia. - Ele falou:

- É o Alexinho, não é?

- Não é outro - disse eu. - Faz muito, muito, muito tempo desde aquela época morta e esquecida. E agora, pelo que me disseram, o coitado do Georgie está debaixo da terra, e o velho Tapado é um milicente brutal, e aqui está tu, e aqui estou eu, e que notícias tens, druguinho velho?

- Ele fala gozado, não fala? - disse a tal devótcheca assim dando risadinha.

- Este - disse Pete à devótcheca - é um velho amigo. O nome dele é Alex. Permita-me - disse ele pra mim - apresentar-lhe a minha mulher.

Aí, a minha rote desabou. - Mulher? - Eu estava assim boquiaberto.

Mulher mulher mulher? - Ah, não, não pode ser. Muito jovem és tu para estar casado, drugue velho. Impossível, impossível.

A devótcheca que era assim a mulher de Pete (impossível, impossível) deu de novo uma risadinha e disse a Pete:

- Você costumava falar assim também?

- Bem - disse Pete e assim sorriu. - Eu já estou com quase vinte. Idade bastante pra ser amarrado e já faz dois meses. Você era muito jovem e muito atirado, lembra-se?

- Bem - eu ainda estava assim boquiaberto. - Desta, me recobrar não posso, drugue velho. Pete casado. Ora ora ora.

- Nós temos um apartamentinho - disse Pete. - Eu estou ganhando muito pouco na Seguradora Marítima Estatal, mas as coisas vão melhorar isso eu sei. E aqui a Georgina...

- Como é que é mesmo o nome? - disse eu, de boca aberta que nem bezúmine. A mulher de Pete (mulher, irmãos) deu novamente assim uns risinhos.

- Georgina - disse Pete. -- Georgina também trabalha. Datilógrafa, sabe Agente se arranja, a gente se arranja.

- Eu não podia, irmãos, tirar meus glazes de cima dele, realmente. Ele estava assim adulto, agora, com golosse de adulto e tudo. - Você precisa - disse Pete - vir nos visitar uma hora dessas. Você - disse ele - ainda parece muito jovem, apesar das suas tremendas provações. E, é, é, nós lemos tudo a respeito. Mas, naturalmente, você ainda é muito jovem.

- Dezoito - disse eu - já completos.

- Dezoito, hein? - disse Pete. - Tanto assim. Ora, ora, ora. Bom - disse ele , nós temos que ir. - E deu pra tal Georgina dele assim um olhar amoroso e apertou um dos rúqueres dela entre os dele e ela devolveu-lhe um dos tais olhares, ó meus irmãos. - É - disse Pete, - nós estamos de saída pra uma festinha na casa do Greg.

- Greg? - disse eu.

- Ah, claro - disse Pete -, você não deve conhecer o Greg, não é? Greg foi depois do seu tempo. Enquanto você estava afastado, apareceu o Greg na jogada. Ele dá festinhas, sabe? Principalmente na base do copinho de vinho e jogos de palavras, sabe. Inofensivo, se é que você está percebendo.

- Sei - disse eu. - Inofensivo, sei, sei, estou videando muito horrorshow. - E a tal devótcheca Georgina novamente deu risinhos com os meus eslovos E aí aqueles dois itaram fora pros seus jogos de palavras vonentos na casa do

tal Greg, fosse lá quem fosse. Eu fui deixado no meu odinoque, com o meu tchai com leite que agora já estava ficando frio, assim pensando e meditando.

Talvez fosse isso, fiquei eu pensando. Talvez eu estivesse ficando velho demais pro gênero de djísene que eu tinha andado levando, irmãos. Eu estava com dezoito agora, já completos. Dezoito já não era mocidade. Com dezoito o velho Wolfgang Amadeus tinha escrito concertos e sinfonias e óperas e oratórios e aquela quel toda, não, quel não, música celestial. E tinha também o velho Félix M. com a sua Ouverture para o Sonho de uma Noite de Verão. E tinha outros. E tinha assim aquele poeta francês musicado pelo velho Benjy Britt, que tinha feito toda a sua melhor poesia aos quinze, ó meus irmãos. Arthur era o primeiro nome. Dezoito, portanto, não era tão mocidade assim. Mas, o que é que eu ia fazer?

Caminhando pelas ruas de inverno filhas da puta de escuras e frias, itando fora do méssito de café e tchai, eu continuava videando assim visões, que nem aqueles cartuns nas gazetas. Lá estava o Vosso Humilde Narrador Alex chegando em casa do trabalho prum bom prato quente de jantar, e tinha aquela ptitsa toda hospitaleira e me saudando assim amorosa. Mas eu não podia videar ela assim tão horrorshow, irmãos, eu não podia imaginar quem poderia ser. Mas eu tinha aquela idéia súbita, muito forte, de que se eu entrasse no quarto pegado àquele quarto onde a lareira estava ardendo e o meu jantar posto na mesa, eu iria encontrar o que eu realmente desejava, e agora tudo se ligava, aquela fotografia recortada a tesoura da gazeta e encontrar o velho Pete daquele jeito. Porque naquele outro quarto, num berço, estava deitado gorgolejando gu gu gu meu filho.

E agora eu sentia aquele grande bolche vazio dentro do meu plote, me sentindo também muito surpreendido comigo mesmo. Eu sabia o que estava acontecendo, ó meus irmãos. Eu estava crescendo.

Sim sim sim, era isso. A mocidade tem que passar, ah é. Mas a mocidade é apenas ser de um certo modo, como, digamos, um animal. Não, não é somente ser assim como um animal, mas também ser como um daqueles brinquedinhos malenques que a gente videia vender na rua, assim tchelovequezinhos de lata com uma mola dentro e uma borboleta do lado de fora e quando se dá corda, grr grr grr, ele ita, assim andando, ó meus irmãos. Mas ele ita em linha reta e bate direto nas coisas, ploque ploque, e não pode evitar o que está fazendo. Ser jovem é como ser assim uma dessas maquininhas malenques.

Meu filho, meu filho. Quando eu tivesse meu filho eu ia explicar tudo isso pra ele quando ele fosse estarre bastante assim pra entender. Mas aí eu sabia que ele não ia entender nada e ia fazer todas as véssiches que eu tinha feito, talvez até matar alguma coitada duma forela estarre cercada de cotes e cótchecas miando, e eu não ia ser capaz de realmente impedi-lo. E nem ele seria capaz de impedir o próprio filho dele, irmãos. E assim ia itar até o fim do mundo, rodando, rodando e rodando, assim como um bolche tcheloveque gigantesco, assim o velho Bog em Pessoa (por cortesia do Leite bar Korova) girando e girando e girando uma laranja vonenta e gréjine nos seus rúqueres gigantescos.

Mas, primeiro que tudo, irmãos, tinha essa véssiche de encontrar uma devótcheca qualquer que quisesse ser mãe daquele filho. Eu ia ter que começar a fazer isso amanhã, pensava eu. Era alguma coisa nova pra fazer.

Era alguma coisa que eu tinha que me pôr a fazer, assim um novo capítulo começando.

Então, esse é que vai ser o programa, irmãos, enquanto eu chego assim ao fim dessa história. Vocês estiveram em toda parte com o seu druguinho Alex, sofrendo com ele, e videaram alguns dos mais gréjines brétchenes que o velho Bog já fez, todos em cima do seu drugue Alex. E tudo o que foi que eu era jovem. Mas agora, quando eu termino esta história, irmãos, eu não sou jovem, não mais, ah, não. Alex assim cresce, ah é.

Mas, pra onde eu estou itando agora, ó meus irmãos, é tudo no meu odinoque, aonde vocês não podem ir.

Amanhã é tudo assim meigas flores e a vonenta da terra que roda e as estrelas e a velha Luna lá em cima e o vosso velho drugue Alex muito no seu odinoque procurando assim uma companheira. E essa quel toda. Um mundo terrível, gréjine e vonento, realmente, ó meus irmãos. E, portanto, o adeus do vosso druginho. E para todos os outros dessa história, chumentas trombetadas labiais, brrr. E eles que lambam os meus cherres. Mas vós, ó meus irmãos, lembrem-se de vez em quando do vosso Alexinho como era. Amém. E essa quel toda.

Glossário

B

babúcheca - Mulher velha
banda - Bando
barcaça - "coroa", velha
bezúmine - louco, doido
bíblio - biblioteca
bitva - briga, conflito
Bog - Deus
bôgate - rico/a
bolche - grande, enorme
bolnói - enjoado, nauseado
brétchene - filho-da-puta, bastardo
brete- irmão
britva - navalha
brosar., brosatar - jogar atirar
bruco - barriga

C

cabo-de-panela - ereção, "pau-duro"
câncer - cigarro
cantora - escritório, gabinete
carlitos, charles - capelão
cárman - bolso
cartófel - batata
chaica - bando, quadrilha
cherres- nádegas, bunda
cheste - barreira (de fronteira)
chiieque - pescoço
chilaga - bastão, porrete
chilapa - chapéu
chilarne - preocupação, interesse
chileme - capacete
chudésime - maravilhoso

chume - barulho, ruído
chute - bobo, tolo
clebe - pão
clopar - bater
cliuve - bico (pássaro)
clutche - chave
cócheca - gato; também no sentido de cat,
intérprete com bossa
colócol - campainha
copetar - entender, "manjar"
cortador - dinheiro
cote - gatão, gato grande
cracar - ganir
critchar - gritar, berrar
crove - sangue
cupetar - comprar, pagar

D

dabliucê - W.C., banheiro
dama - dama, senhora dar
a pitada - morrer
decrepes - decrépitos
dede - homem velho
dengue - dinheiro
devótcheca - moça, garota
djísene - vida
dobe - bom
dome - casa
dorogói - caro, valioso dratsa -
briga, luta, porrada drencrom -
droga, tóxico
druge - amigo, "faixa", "chapa"
dva - dois

E

entra-sai-entra-sai - trepada
escoliuo - escola, colégio
escorre- rápido, depressa
escotina -"vaca", pejorativo
esládique -doce
eslovo - palavra, termo
esluchar, eslochar - escutar, ouvir
eslutchatar - acontecer
esmeque; esmecar - riso, rir
esmotar - olhar
esnite - sonho
espatar - dormir
espátcheca - sono, dormida
esploche - mergulho
esquezetar - dizer esquivatar -agarrar
estarre - velho, antigo
estreque - horror
estrumar -defecar, cagar
esvonoque - cordão campainha
esvuque - som

F

forela - otário, babaca

G

gargalha - gargalhada debochada
gazeta - jornal
glaze - olho
glupe - burro
golhe - a unidade monetária
golosse - voz
gorlo - goela
govorite - conversa, discurso
gréjine - sujo, escroto
gredze - sujo, não limpo
gronque - alto, barulhento

grude - seio, peito
grupa - grupo

H

horrorshow - bom, bem , gostoso, legal

I

iama - buraco (ânus, no caso)
iarbos - testículos, colhões
iázique - língua
iequetar - ir, dirigir. dirigir-se
igra - jogo, brincadeira
ímia - nome
interessovotar - interessas
itar, itiar - ir, ir para

J

jina - mulher (esposa)

L
lapa - pata (de animal)
litso - rosto
líudes - pessoas, gente
lontique - pedaço
lovetar - apanhar, pegar
lubilúbi - trepar, sexo

M

malenque - pequeno
maltchique - rapaz, garoto
maslo - manteiga
mersque - sujo, imundo
méssel - pensamento

méssito - lugar, local
milicente - policial
minuta- minuto
moloco - leite
molodói - jovem (adjetivo)
mórder - focinho
mosque - cerébro
mudge - homem

N

nadmenhe - arrogante
nadsate - adolescente
nagói - nu
natchinatar - começar
naze - bobo, tolo
níjenes- calecinhas
niucar - cheirar, recender
noga - pé; perna
noje - faca
nopca - botão (de eletricidade)
nótchi - noite

O

ocno - janela
ôdin - um
odinoque - só, sozinho
osuchar - limpar
ótcheque - óculos
ouro-em-brasa - bebida, trago

P

pê e eme - pai e mãe
piânitsa - bêbedo
píchetcha- comida, bóia pitar - beber
platchar - chorar

plene - preso, prisioneiro
plesque - mergulho
pletcho- ombro
pletes - roupas
ploche - mergulho
plote - corpo
podúcheca - travesseiro
pol - sexo
polésine - útil
policlefe - chave mestra
poniar - entender, compreender
prestúpnique - criminoso prisesta -
prisão estatal privodiar - conduzir a algum lugar
prodar - produzir, fabricar
ptisa - guria, garota
púcheca- canhão, arma
pugle -assustado
punhar - socar

Q

quel - fezes, merda quíchecas -
tripas, entranhas R
rábite - trabalho, emprego
rascadze - história
radoste - alegria rasdraz
- transtornado
rassudocar - pensar, imaginar
rassudoque - mente
raze - vez rasrezar
- rasgar rodze -
policial rote - boca
rúquer, ruque - braço, mão
rúsqui - russo

S

sabogue - sapato
sácar - açúcar sâmie
- generoso sarcar -
sarcástico
sintemesque - droga, tóxico
soboritar - apanhar, pegar
soviete - conselho, ordem
sunca - puta velha

T

tachetuque - lenço
tchacha - xícara
tchai - chá
tchasso - guarda, carcereiro
tcheloveque - pessoa, homem
tchina - mulher
tchipuca - absurdo
tchistar - lavar
toltchocar - bater, dar panacada,
golpear, porrada...
tri - três
tuflas - chinelos, pantufas
gúber - lábio, beiço gulhar
- andar, caminhar gúliver -
cabeça

U

ubivatar -matar
ucaditar - sair, partir, deixar
uco - orelha, ouvido ujássine -
terrível, péssimo úmine - que
tem cérebro,
"crânio"
uze - corrente (de metal)

V

varitar - tramar
velocete - droga, tóxico
veque - (v. tcheloveque)
véssiche - coisa
videar - ver, olhar
volosse - cabelo
vone - cheiro, odor
vredar - danificar, causar dano

Z

zamechate - notável
zasnutar - dormir
zubes - dentes